UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO -
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

A experiência vivida por atletas de categorias de base: a cultura esportiva sob a ótica
fenomenológica

Rodrigo Lourenço Salomão

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade
de São Paulo, como parte das exigências para a
obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Psicologia, Processos Culturais
e Subjetivação.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Cristiano Roque Antunes
Barreira

RIBEIRÃO PRETO - SP
2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Salomão, Rodrigo Lourenço.

A experiência vivida por atletas de categorias de base: a cultura esportiva sob a ótica fenomenológica
Ribeirão Preto, 2017

63f

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia, processos culturais e subjetivação.

Orientador: Cristiano Roque Antunes Barreira.

1. Psicologia do Esporte.
2. Transição de carreira.
3. Categorias de base.
4. Fenomenologia.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Rodrigo Lourenço Salomão

Título: A experiência vivida por atletas de categorias de base: a cultura esportiva sob a ótica fenomenológica

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

C A P E S

Bolsa CAPES em vigência de Agosto de 2015 até Agosto de 2017.

RESUMO

Salomão, R. L. (2018). *A experiência vivida por atletas de categorias de base: a cultura esportiva sob a ótica fenomenológica* (Defesa de Mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Nesta pesquisa o esporte é abordado como prática cultural capaz de mobilizar a subjetivação dos seus praticantes. Desta forma, jovens atletas considerando suas experiências vividas, principalmente no esporte, se orientam existencialmente, ou seja, eles se valem das experiências no esporte para tomar decisões que nortearão o decorrer de sua vida. A partir disso, o presente estudo almeja explorar o horizonte de experiências vivenciadas por esportistas adolescentes buscando a compreensão de como eles passam por momentos decisivos, sendo inteira e publicamente envolvidos por suas atividades esportivas. Ou seja, o propósito deste estudo é identificar e compreender o horizonte de experiências vividas contextualizadas na prática esportiva de jovens atletas pertencentes a categorias de base de quatro modalidades esportivas (futebol, basquete, atletismo e tênis). Adota-se, para isso, uma atitude investigativa que contemple essa temática enquanto processo cultural, buscando ir além dos conceitos e fatores já pré-estabelecidos. Com efeito, o método fenomenológico na perspectiva clássica atinge, como resultado, um caráter descritivo-estrutural, em decorrência de um processo rigoroso de coleta e análise dos dados. Esse processo perpassa por procedimentos conhecidos como Entrevista Fenomenológica e Cruzamento Intencional. Estes consistem em um percurso que tem, em um primeiro momento, a intenção de apreender a experiência singular de cada sujeito, por relato guiado, em primeira pessoa; em seguida, contrastar estes relatos experienciais numa análise que explicita os elementos intencionais que estruturam a experiência vivida em questão. Por conseguinte, foram efetuadas e transcritas 24 entrevistas, com atletas pertencentes a categorias de base das modalidades citadas. Os resultados apontam para alguns aspectos predominantes entre os praticantes destas modalidades, como a constante tensão eminente da negociação que circunscreve o cotidiano destes jovens atletas por trafegar entre compromissos, treinamentos e lazer.

Palavras-Chave: Categorias de base; Psicologia do esporte; Fenomenologia.

ABSTRACT

Salomão, R. L. (2017). *The experience lived by athletes in youth academy: sport culture under the phenomenological perspective*. (Thesis – Master). Faculty of Philosophy, Sciences and Letters at Ribeirao Preto, University of São Paulo, Ribeirao Preto.

This research treats sports as a cultural practice that mobilizes the subjectivation of its practitioners. In this way, young athletes considering their experiences, mainly in sports, are existentially oriented, which means that they use sports experiences to make decisions that will guide the course of their life. From this, the present study aims to explore experiences experienced by adolescent athletes, with the view to understand how they go through decisive moments, being fully and publicly involved by their sports activities. In other words, the purpose of this study is to identify and understand lived experiences contextualized in the sports practice of young athletes from youth academy of four modalities (soccer, basketball, athletics and tennis). For this, an investigative attitude that contemplates this theme as a cultural process is adopted, seeking to go beyond pre-established concepts and factors. The phenomenological method in its classical perspective reaches, as a result, a descriptive-structural character, due to a rigorous process of data collection and analysis. This process is structured by procedures known as Phenomenological Interview and Intentional Crossing. The course has, at first, the intention to apprehend the unique experience of each subject, by guided report; then, in a second moment, it intends to contrast these experiential accounts in an analysis that explains the intentional elements that structure the lived experience in question. Therefore, 24 interviews were conducted with athletes belonging to the youth academy of the mentioned modalities. The results show some predominant aspects, such as the constant eminent tension of the negotiation that circumscribes the daily life of these young athletes by traveling between commitments, training and leisure.

Keywords: Youth academy, Sport Psychology, Phenomenology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Balança da Decisão	65
Figura 2: Feedback do esforço.....	71
Figura 3: Balança da Decisão pendendo às Restrições – Transição de Carreira	74
Figura 4: Balança da Decisão pendendo ao Empenho – Transição na Carreira	76

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- As diferentes vias da redução fenomenológica	49
Tabela 2 – Participantes do Estudo.....	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBA _t	Confederação Brasileira de Atletismo
CBB	Confederação Brasileira de Basquetebol
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CBT	Confederação Brasileira de Tênis
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FEPSAC	European Federation of Sport Psychology
FIBA	Federação Internacional de Basquete
FIFA	Fédération Internationale de Football Association
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido – responsáveis das instituições esportivas.....	107
APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido – responsáveis pelos atletas	110
APÊNDICE C - Termo de assentimento livre e esclarecido - atletas.....	114

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. Referencial teórico.....	13
1.1. A psicologia do esporte: definições e articulações.....	14
1.2. Cultura esportiva: o esporte moderno e as modalidades Tênis, Basquetebol, Atletismo e Futebol	16
1.3. Da concepção de carreira à transição da carreira esportiva	26
1.4. As categorias de base	33
2. Relevância do tema.....	39
3. Objetivo	41
4. Método.....	41
4.1. A fenomenologia	41
5. Resultados.....	58
5.1. Especificidades das modalidades	58
5.2. As unidades de sentido.....	64
6. Discussão.....	79
7. Considerações finais	95
Referências.....	98

INTRODUÇÃO

Quem sou eu? Esta pergunta nos indaga desde a Antiguidade com os filósofos gregos e nos engole a cada vez que nos viramos para ela. O que vou ser quando crescer? Outra pergunta, não tão antiga quanto a primeira, mas tão recorrente quanto.

O que elas têm a ver com este trabalho? Mais uma questão, com certeza não tão presente quanto as outras, mas que traz consigo uma curiosidade inerente a quem se encontrou curioso quando as leu.

A primeira pergunta se relaciona com o tema na medida em que o caminho e condução/construção da vida vai acontecendo, é no fitar à vida que ela vai sendo respondida.

Já a segunda também parece se relacionar com o tema mais claramente, embora busque um caráter mais prático e menos filosófico. Isto não as classifica em primeiro ou segundo, elas não se relacionam em uma competição, o que já se diferencia muito da temática abordada aqui.

O que meus pais pensam sobre mim? Meu futuro? Onde estou eu no meio disto? Quem sou eu afinal? Essa goleada de perguntas começa a evidenciar a relação questão existencial X temática deste trabalho.

Meu técnico disse que eu tenho talento, ele tem razão? Eu preciso tentar até conseguir mesmo? Eu quero? O que eu quero? O que eu vou ser quando crescer, afinal? Essa outra (chuva de perguntas) também pode explicitar a assistência entre o tema deste trabalho x outra questão existencial.

A cada saque uma pergunta pra si, a cada segundo cravado uma evidência de resposta, digo evidência, pois muitas vezes a resposta pode ser entendida como uma nova indagação a respeito das duas questões do bate bola existencial em que estes garotos se encontram.

Ou seja, a cada vez que estas perguntas aparecem para estes atletas de base, eles têm que se posicionar e, com responsabilidade, dar uma resposta à altura do contexto, da família, do seu adversário. É um eterno perde e ganha circundante e muitas vezes instável.

Este é um jogo cheio de decisões a serem tomadas, mas o prêmio é, na maioria das vezes, a resposta a estas questões: Quem sou eu? O que vou ser quando crescer?

1. Referencial teórico

O presente manuscrito almeja explorar o horizonte de experiências vivenciadas por jovens integrantes de categorias de base de modalidades distintas, conjugando contribuições da Psicologia do Esporte e da literatura de transição de carreira aos esforços de compreensão de como estes jovens se envolvem na atividade esportiva e atravessam momentos decisivos. Adota-se, para isso, uma atitude investigativa que aborde essa temática enquanto processo cultural, buscando ir além dos conceitos já pré-estabelecidos. Deste modo, o esporte, para além da maneira como é usualmente conhecido, é abordado como prática cultural que, a exemplo dos estudos sobre imaginário esportivo (Rubio, 2001), mobiliza a subjetivação de jovens os quais, com base em suas experiências vividas, terão uma orientação existencial a seu devir.

Já previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o esporte é um direito, geralmente relacionado à educação, como é comumente visto em projetos sociais utilizando a educação pelo esporte (Hassenpflug, 2004). Pode também ser caracterizado pelo seu aspecto lúdico, que admite que este se torne um lazer para o praticante (Tubino, 2001). O fenômeno ainda pode assumir o aspecto profissional e mercadológico (Pires, 2008).

No entanto, diferentemente das perspectivas hegemônicas nesta área de pesquisa, que abordam quantitativamente a temática (Costa, Amorim & Costa, 2010), a abordagem fenomenológica procura uma nova compreensão, buscando outro direcionamento prático na Psicologia do Esporte - e também na Psicologia geral -, a partir de seu interesse em compreender os fenômenos não apenas de uma maneira qualitativa, mas de modo a se fundar na espessura intencional que os constitui (Barreira, 2007; Nesti, 2011).

Abordando o tema esporte neste estudo, almeja-se uma perspectiva que admita não apenas o momento da carreira esportiva em que o atleta se encontra, mas que se volte também para a trajetória deste praticante, assim como suas características pessoais para compreendê-lo na sua integralidade, observando seu horizonte existencial, seu contexto cultural e sua temporalidade.

Vale lembrar desde já que nada disso aqui é pensado como meramente subjetivo, nem como acessório ao esporte e às experiências dos atletas. Sendo assim, não se pretende aqui colher representações e atribuições sobre o esporte, já que elas podem ter esse caráter subjetivo e acessório. No entanto, a inserção está nos processos culturais em questão que, todavia, são constitutivos do esporte. Desta forma, um conhecimento aprofundado dos mesmos é primordial para a explicitação da esfera psicológica correlativa a seu acontecimento.

Ainda para este trabalho, observa-se que este atleta em formação inserido neste contexto

esportivo vivencia um desenvolvimento pessoal inerente à prática esportiva e, ao mesmo tempo, enfrenta as exigências de se comportar dentro das expectativas das instituições esportivas onde exerce sua prática.

Para a condução do estudo, em momento inicial, realizou-se revisão sistemática da literatura, pautando-se na Psicologia do Esporte e Sport Psychology como principais palavras-chave deste processo de busca, combinando-as com outros descritores presentes na temática, como *categorias de base* e *Youth Academy*, e as modalidades escolhidas, tênis, futebol, basquete e atletismo. Foram utilizadas como bases de dados primordiais o Portal de Periódicos (CAPES/MEC) e o *Web of Science*.

O estudo também contou com pesquisa em livros e outras publicações impressas e eletrônicas, sobretudo elaboradas por órgãos públicos que regulamentam a área esportiva no Brasil, além de relevantes artigos que abordam esta temática.

Ainda assim, fez-se evidente a ausência de estudos que explorem as especificidades de como estes atletas vivenciam essa fase e compõem seu horizonte de experiências neste contexto. Este horizonte específico figura aqui como objeto da pesquisa que, por sua vez, pode ser acessado com o tratamento metodológico pautado na fenomenologia, justificando-se assim a investigação proposta.

Em vista disso, o referencial teórico se pautou em uma breve retomada histórica da psicologia do esporte, seguida de uma discussão ilustrativa sobre modelos de especialização esportiva. Posteriormente, o caminho adotado foi apresentar e contextualizar o meio esportivo em que este atleta está inserido, desde de sua consolidação no esporte até uma rápida apresentação das modalidades interpeladas neste estudo.

Logo depois, aborda-se o tópico da carreira como um todo tangenciando a carreira esportiva e a transição desta carreira, em uma retomada na construção destes conceitos em seu contexto. Seguidamente, realizou-se um resgate da definição de categorias de base e como estas podem ser estruturadas. Por fim, apresenta-se uma justificativa da relevância de toda a presente pesquisa.

1.1.A psicologia do esporte: definições e articulações

A Psicologia do Esporte, uma subárea da psicologia, existe há aproximadamente um século (Rubio, 2007a), e apesar de algumas vezes continuar sendo apresentada como área emergente, já vem se estabelecendo com sua inserção social, se difundindo e se consolidando. Isso se confere pelo aumento de publicações na área (Vieira, Junior & Vieira, 2013).

Quando buscamos por meio de revisão bibliográfica o preditor *Psicologia do Esporte*

na base de dados do Portal de Periódicos (CAPES/MEC), 395 resultados são evidenciados pela palavra-chave supramencionada, nos últimos cinco anos. Já na base de dados *Web of Science*, utilizando os mesmos critérios de busca, mas o preditor em língua inglesa (*Sport Psychology*), disponibilizam-se 1.225 resultados.

As publicações de maior relevância, assim consideradas pelas próprias plataformas selecionadas com base em critérios como qualificação do periódico e número de citações, abordam, especialmente, aspectos referentes ao desempenho esportivo dos atletas de alto rendimento (*performance*) e à motivação, sem que necessariamente se destaquem questões relacionadas à transição da carreira esportiva e, especialmente, a experiências vivenciadas em categorias de base.

A partir disto, para um trabalho mais ajustado à temática, foram realizadas buscas em outras fontes e bases de conhecimento e, com isso, pôde-se perceber que a Psicologia do Esporte é definida de formas distintas.

A definição usada pela *European Federation of Sport Psychology (FEPSAC)* em seu site¹ a apresenta como área que tem seu interesse em fundamentos psicológicos, processos e consequências da regulação psicológica das atividades relacionadas com o esporte de uma ou várias pessoas agindo como sujeitos da atividade. Já em uma perspectiva bastante difundida e abrangente, Weinberg e Gould (2008) a definem como o “estudo científico de pessoas e seus comportamentos em atividades esportivas e atividades físicas e na aplicação prática desse conhecimento” (p. 22).

O foco pode estar em comportamento ou diferentes dimensões psicológicas do comportamento humano, ou seja, dimensão afetiva, cognitiva, motivacional ou sensório motora. Vieira et al. (2010) completam que a Psicologia do Esporte é uma disciplina acadêmico-científica e ao mesmo tempo um campo de intervenção profissional envolvendo conceitos da psicologia e também das outras subáreas das Ciências do Esporte.

Em vista disto, é imprescindível mencionar que, no Brasil, a proximidade entre Psicologia e Educação Física já existia antes da consolidação da Psicologia do Esporte surgir como subárea. Segundo Carvalho (2012), a “interlocução entre eventos políticos e sociais relacionados aos movimentos eugênico e higienista presentes nas Forças Armadas, especialmente no Exército, além da presença dos estudos sobre psicologia geral e experimental no cenário das primeiras escolas de Educação Física do país” (p. 2), anteciparam o tratamento das temáticas da Psicologia do Esporte em território nacional.

¹ <http://www.fepsac.com/> 24/11/2015

Com este entroncamento das duas grandes áreas, a Psicologia do Esporte focou-se inicialmente nos limites do rendimento humano e nas atividades lúdicas e motoras básicas, como afirma Rubio (2007b). Ainda segundo a autora, foi na profissionalização do esporte em sua proximidade cada vez maior com a mídia que a Psicologia se associou cada vez mais ao esporte de alto rendimento.

Já no início daquilo que seria um contexto de profissionalização do esporte, questões ainda atuais na Psicologia do Esporte começaram a ser enfocadas. Um exemplo seminal disso é o estudo de Norman Triplett, por volta dos anos 1890, chamado: “*The dynamogenic factors in pacemaking and competition*”, que aborda o papel do adversário como um elemento motivador em competições de ciclismo. O célebre estudo constatou, de modo cientificamente controlado, que o desempenho dos ciclistas quando corriam contra o relógio não era tão bom quanto aquele que obtinham correndo contra outros ciclistas.

A partir do século XX as discussões sobre o aspecto psicológico no âmbito esportivo ganharam espaço, mesmo com as publicações sendo feitas em áreas adjacentes, já que a Psicologia ainda não era consolidada como um campo do saber (Vieira, et al., 2010).

No Brasil, o pioneirismo ficou notabilizado com o nome de João Carvalhaes nos anos 1950. A própria psicologia ainda não havia sido legitimada no país quando ele desenvolveu alguns trabalhos no futebol, chegando a ser contratado por um grande clube de São Paulo (Moretti, 2004; Ephipanio, 1999; Rubio, 2007c; Vieira et al. 2010). O crescimento contemporâneo da área tem estimulado uma retomada histórica que confere a outros pioneiros papéis relevantes e, em seu tempo, inclusive com reconhecimento internacional, embora isso costume ser ignorado na maioria das publicações sobre o assunto (Carvalho, 2012).

Atualmente a área se dispõe a pesquisar e atuar em quatro grandes temas: o rendimento esportivo; a reabilitação; a prática de tempo livre ou esporte recreativo; e o esporte educacional (Rubio, 1999). Dessa forma, cabe situar aqui que a presente investigação se insere no primeiro grande tema, e tange, dentre vários outros subtemas possíveis, à peculiar questão da iniciação esportiva e especialização precoce de atletas.

1.2. Cultura esportiva: o esporte moderno e as modalidades Tênis, Basquetebol, Atletismo e Futebol

Após esta abordagem cronológica da construção da Psicologia do Esporte como área do saber que tangencia a temática aqui estudada, cabe, então, uma contextualização do ambiente esportivo. Quer dizer, fica claro que é necessário entender qual o ponto de partida para olhar para o fenômeno esportivo, qual perspectiva vamos abordar para tratar e estudar este tema.

Portanto o caminho tomado segue a conceituação de cultura de uma maneira geral, uma retomada sobre cultura esportiva utilizada para entender o esporte moderno e, por fim, uma apresentação das modalidades definidas para este trabalho.

Seguindo, então, é necessário para entendermos a cultura esportiva e o esporte moderno referir-se ao conceito de cultura de modo geral. Portanto, Sanchis (2012) entende por cultura aquilo que consiste, auxilia, que define, que aponta para o reconhecimento do caráter humano, ou seja, é o que determina a maneira própria de exercer a qualidade humana. Assim, a cultura é entendida como a maneira de ser homem de determinada maneira, de certo modo, esse jeito particular de encarnar a humanidade. O autor completa que “o homem não nasce feito, mas propenso, dotado de potencialidades e num meio social criativo, que o leva como indivíduo, ‘até lá’, como grupo, ‘além de lá’, e, como grupos múltiplos, em direções e para resultados diferentes” (Sanchis, 2012, p.17).

Maurice Merleau-Ponty (2006), define cultura a partir de sua compreensão como o espaço mediador entre indivíduo e coletividade, entre interior e exterior, em um paradoxo no qual um não existe sem o outro. Ele expõe: “a cultura pode ser definida como o conjunto das atitudes tacitamente recomendadas pela sociedade ou pelos diferentes grupos nos quais vivemos, atitudes que estão inscritas na ordem material de nossa civilização” (Merleau-Ponty, 2006, p.377).

Telles e Moreira (2014), dizem ser necessário, para a compreensão de cultura proposta pelo estudioso francês, entender a ambiguidade destes elementos. Ou seja, tudo que é cultural em nós é também natural, de modo que não há uma nítida discriminação de natureza e cultura na experiência vivida. Assim, as autoras enfatizam a afirmação do filósofo de que só é possível pensar a cultura na experiência, espaço em que os sujeitos se inserem no todo.

Tomando-se como base o conceito de cultura como fora descrito, cabe então mencionar autores que a caracterizam no contexto esportivo. Daolio (2008) apresenta que “a cultura é o principal conceito para a educação física, uma vez que todas as manifestações corporais humanas (esporte, dança, ginástica, jogo etc.) são geradas no seio de uma dada cultura e se manifestam diversamente no contexto de grupos culturais específicos” (p. 92).

Daolio (2008) apresenta ademais que o ser humano, durante sua existência e com a justificativa do seu contexto cultural, estabelece certos costumes que vão se transformando artifícios tradicionais, e vão, desta forma, sendo passados de geração a geração, pelo fato de serem dotados de eficácia simbólica. Sendo assim, determinadas demandas são respondidas pela sociedade, atribuindo significados relevantes para o grupo local.

Já Pires (2005) aborda a cultura esportiva como sendo uma pluralidade de traços

identitários comuns, mais precisamente em relação aos artifícios de sua produção e transmissão integradas na cultura contemporânea por meio de um conjunto de ações, entendimentos e valores que representam o modo predominante de ser/estar na sociedade globalizada no campo esportivo. Ele ainda traz que numa sociedade globalizada que tende à mundialização, não se pode prescindir da mídia que produz, difunde e/ou até transforma as manifestações culturais esportivas.

Este autor também aborda em seu estudo (1997) como a “cultura e, mais especificamente, a cultura esportiva é um exemplo nítido de como os interesses do capital globalizado podem vir a determinar mudanças nas práticas culturais socialmente construídas, com vistas a torná-las mercadorias ou veículos de comercialização” (p. 27). O autor mostra que a participação dos meios de comunicação de massa é fundamental, por sua abrangência, via transmissões por satélite, e também por sua capacidade de influenciar de maneira decisiva na homogeneização das culturas.

Assim, a cultura esportiva “tem uma capacidade transcendental de ultrapassar fronteiras regionais, nacionais e internacionais onde não se diferenciam as religiões, raças e grupos sociais, convertendo-se num agente privilegiado de fixação de identidades culturais, sendo o esporte um dos meios possíveis de contribuição” (Tonetti, 2009, p.35).

Dessa maneira, com o modelo da sociedade industrializada/capitalista, que teve seu início na Inglaterra no século XVIII, esta nova forma de lazer começa a se tornar uma das manifestações do mundo moderno, de acordo com Rubio (2007a). A autora aponta também para o caráter midiático e imagético em sua construção e aos poucos este fenômeno vai assumindo o caráter de mercadoria, inserindo-se na cultura mundializada, como um dos seus elementos de maior valor de troca. A padronização imposta através das regras das diferentes modalidades representa uma linguagem universal, que proporciona o seu entendimento (e seu consumo) no mercado globalizado (Pires, 1997).

Bordieu (1997) completa, ao citar os Jogos Olímpicos, que

O referencial aparentemente é a manifestação "real", isto é, um espetáculo propriamente esportivo, confronto vindo de atletas de todo o universo que realiza sob o signo de ideais universalistas, e um ritual, com forte coloração nacional, entrega de medalhas com bandeiras e hinos nacionais. O referencial oculto é o conjunto das representações desse espetáculo filmado e divulgado pelas televisões, seleções nacionais efetuadas no material em aparência nacionalmente indiferenciado (já que a competição é internacional) que é oferecido no estádio. Objeto duplamente oculto, já que ninguém o vê em sua totalidade e ninguém vê que ele não é visto, podendo cada telespectador ter a ilusão de ver o espetáculo olímpico em sua verdade (Bordieu, 1997, p.123)

Então, o esporte pode ser considerado um fenômeno que vem sendo historicamente construído (Marchi Jr & Afonso, 2007). Entretanto, Melo (2010), alerta que sua história pode

ser entendida a partir de duas vertentes, a primeira afirmando que este fenômeno é proveniente de uma continuidade histórica, admitindo que o esporte já existia na antiguidade e veio se transformando até alcançar o caráter de esporte moderno, no final do século XVIII na Inglaterra. Já a segunda caracteriza-se pela descontinuidade, admitindo como sendo um fenômeno original criado no final do século XVIII e início do século XIX na Inglaterra, como consequência, entre outras coisas, da racionalização da sociedade moderna. Independentemente desta divergência acerca de sua gênese, é importante relatar que o esporte moderno tem sua derivação dos jogos populares na Inglaterra, como já foi dito, na passagem do século XVIII para o XIX. Nesta ocasião, a aristocracia coordenava e regulava estas práticas de acordo com seus valores morais (Bourdieu, 1990).

Daolio e Velozo (2008) mostram em seu estudo a contribuição de Bracht (2005) apontando que o esporte moderno se intensificou e se expandiu nos séculos XIX e XX. Eles mencionam também que o esporte moderno sofreu uma modificação de expressões da cultura de movimento tradicional e cresceu tornando-se hegemônico nos últimos séculos. Os autores também apontam que o esporte incorporou alguns princípios e valores que regiam a nova sociedade capitalista que nascia naquele momento. E então, a nova organização do trabalho nas fábricas e o processo de urbanização influenciaram este novo modo de vida, que por sua vez foi levado aos jogos e práticas tradicionais. Assim, características típicas da sociedade naquele momento como rendimento, fragmentação de conhecimentos e processos, otimização do tempo, produtividade e economia de esforços foram, de certa forma, aplicadas nas práticas esportivas. Por fim, os autores alegam que essa nova configuração da prática esportiva expressa as mesmas características do trabalho nas fábricas e este fato contribui para compreensão do estilo do esporte contemporâneo.

Marivoet (2002), também tratando do esporte contemporâneo, atribui um caráter plural, complexo e heterogêneo a este. Delaney e Madigan (2009) e Stigger (2005) reverberam e auxiliam a compreensão deste caráter atribuído ao esporte pelo primeiro. Os dois autores trazem a diversidade das modalidades em suas diferentes localidades, e a maneira como isso figura na sociedade moderna (Delaney & Madigan, 2009). Já Stigger (2005) expõe as particularidades de uma modalidade criada em um contexto social específico como podendo ser praticada em qualquer outro canto do mundo.

Marchi Jr e Afonso (2007) completam que além de um fenômeno historicamente construído, o esporte possui um caráter social, econômico e cultural, atribuindo isto a suas feições e significados sociais. Este fenômeno apresenta-se, portanto, como atividade lúdica universal presente nos mais distintos povos e culturas, independentemente de suas posições

sociais, cor, sexo, idade e crença. A partir disso, os autores afirmam que é possível falar em consumo esportivo, fazendo referências a gastos pessoais, hábitos e práticas específicas que definem o estilo de vida destes consumidores.

Betti (1993) já trouxe essas concepções no momento em que alertou para o fato de que o esporte vai se transformando em um espetáculo cosmopolita e, com isso, torna-se também uma razão de Estado. E, dessa forma, a manifestação assumiu um caráter simbólico (os atletas representam a nação). Assim, o esporte se converteu em um espetáculo modelado de uma maneira para ser consumido pelos espectadores que procuram um entretenimento excitante, e isso o faz se tornar parte cada vez mais significativa desta indústria do lazer, estabelecendo-se como fator decisivo para a funcionalidade desempenhada pelos meios de comunicação. A reportagem esportiva tem papel determinante no desenvolvimento das funções políticas e econômicas do esporte. Podemos ver isto claramente “através da popularidade dos astros esportivos, da constante recepção de informações sobre o esporte e da combinação do sucesso com a imagem do produto, é que o esporte torna-se interessante para a indústria” (Betti, 1993, p. 48).

Sendo assim, percebe-se que é no anseio de vitória e interesses pertinentes ao espetáculo que a Psicologia do Esporte ganha sua maior visibilidade. Assinala-se, portanto o abandono do caráter amadorista e tendência crescente à profissionalização durante o século XX como consequência das transformações que ocorreram nesse período. Desta forma, o esporte profissional ou de rendimento, vai se mostrando como uma forma de esporte competitivo.

Entretanto, este trabalho lança mão da abordagem fenomenológica para compreender os fenômenos esportivos de maneira mais integral. Gaya (2006) auxilia nesta compreensão quando apresenta que o esporte deve ser compreendido a partir de um olhar comum que busque satisfazer em primeiro lugar às suas exigências próprias, já que se trata de um objeto complexo. Dessa maneira o esporte é considerado aqui sob uma perspectiva não reducionista e aparece como ponto convergente de diversos saberes e olhares. É sob estas concepções e definições que a pesquisa se funda e busca enxergar o esporte como uma manifestação de vivências para os indivíduos que o praticam, independente dos diversos objetivos adotados pelos praticantes, (Ranieri, 2011).

Importante relatar, então, que neste estudo a compreensão de esporte como processo cultural permite que este não se limite à objetividade do esporte de espetáculo, ou como fenômeno mensurável objetivamente, ou ainda a uma prática utilitária como meio para fins. Tendo isso em vista é fundamental ressaltar que o esporte é entendido aqui como prática cultural de formação humana em que podem ser trabalhados novos conhecimentos, assim como modos

de comunicação e relações sociais, admitindo esta prática como um tipo específico de cultura, considerando processos de socialização, o desenvolvimento humano e as correlações entre pessoa e cultura (Barreira, 2014).

E é por essa compreensão de esporte que esta atividade deverá atuar, conforme previsto pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), como um processo importante na constituição do ser humano. Portanto, é na correlação entre cultura esportiva e subjetivação que está o foco do objeto desta pesquisa.

Em vista disso, é nessa relação com o campo de produção do conhecimento das ciências do esporte que é possível discutir acerca desta prática de uma maneira mais abrangente e enriquecedora. Nota-se então, que modos de comunicação, relações sociais e cultura não são temas abordados exclusivamente pela Psicologia e, muito menos, únicos da Psicologia do Esporte. Esses temas estão presentes em diversas áreas do conhecimento, devendo ser tomados por sua complexidade e multiplicidade independentemente do prisma pelo qual são apreendidos, buscando um entendimento e atuação mais compatíveis com este caráter.

A exploração a ser cumprida nesta investigação contempla sujeitos praticantes das seguintes modalidades: atletismo, basquete, futebol e tênis. No entanto, cabe aqui situar um estudo feito pelo Ministério do Esporte com o objetivo geral de identificar aspectos qualitativos e quantitativos referentes aos praticantes e não praticantes de esportes e atividades físicas na população brasileira situada em todas as 27 Unidades da Federação.

Neste levantamento²também podem ser encontradas diversas informações relevantes a respeito dos praticantes e das modalidades abordadas na presente pesquisa em relação à população brasileira.

Juntamente a esse material, com a intenção de obter um maior número de estudos que abordassem aspectos relevantes ao trabalho, buscou-se combinar o termo Psicologia do Esporte com cada uma das modalidades aqui analisadas: tênis, basquete, atletismo e futebol.

1.2.1. O Tênis

O tênis é uma das modalidades mais praticadas do mundo segundo Cortela, Fuentes, Aburachid, Kist e Cortela (2012), entretanto há várias teorias para o surgimento da modalidade segundo a Confederação Brasileira de Tênis (CBT)³. Segundo Pinto e Cunha (1998), há indício da origem do tênis no Império Romano, quando era chamado de “Jogo do Balão”, e a partir da vasta região ocupada por esse império o jogo se alastrou e recebeu contribuições e

² http://www.esporte.gov.br/diesporte/diesporte_revista_2016.pdf

³ <http://www.cbt-tenis.com.br>

denominações distintas.

Já o site da CBT informa que há um consenso a respeito da sua origem. A entidade aborda um jogo praticado na França no fim do século XII e início do século XIII como as bases reais que possibilitaram o surgimento do tênis atual. Naquela ocasião, o jogo era chamado de “*jeu de paume*”, que significa jogo de palma, logo subentende-se que não era jogado, ainda, com raquetes.

Ainda neste site, podemos encontrar uma distinção clara de organização das categorias de base nas competições. A confederação apresenta a categoria *kids*, que comporta atletas de oito a 11 anos, sendo assim os atletas jogam com atletas da mesma idade. Apresenta também a categoria juvenil comporta atletas entre 12 a 18 anos dividida sempre de dois em dois anos, ou seja, 12 anos, 14 anos, 16 anos e 18 anos. E, por fim apresenta a categoria profissional, formada por maiores que 18 anos.

No Brasil, ainda segundo Cortela et al. (2012), existe cerca de um milhão e meio de praticantes da modalidade. Porém os autores também situam o país com toda uma realidade longe da ideal, mesmo com número de praticantes maior do que potências deste esporte como Argentina e Espanha.

Esta modalidade esportiva individual, contava, em 2005, com 44,5 mil participantes federados no Brasil, com predominância nas regiões sul e sudeste (DaCosta et al., 2005). No diagnóstico nacional do esporte, o tênis figura em 21º lugar entre os 31 esportes declarados como os mais praticados pelos brasileiros em 2013. Tipicamente, é um esporte em que prevalece a participação de jogadores oriundos de um abastado contexto socioeconômico.

Isso ocorre desde sua concepção formal na Europa no século XIX, quando o tênis era praticado em clubes estruturados a partir de sócios contribuintes. Logo a classe média europeia, com seus jogadores e jogadoras, fez destes clubes um novo universo de encontro social (Hobsbawm, 1989). Outro fato que contribui para a elitização da modalidade aparece pela ausência de instalações públicas que permitam a prática, aliada à falta da disciplina do tênis de campo na grade curricular dos cursos nas universidades nacionais, e aliado ainda à escassez de profissionais qualificados. Isto também tem dificultado a disseminação deste esporte não atendendo uma grande parte da população (Cortela et al., 2012).

Esse fato diversificará bastante a investigação pretendida, já que a análise fenomenológica possibilita compreender facetas das experiências afetadas de modo decisivo pelo contexto e historicidade em que se situa⁴.

⁴ Outros trabalhos importantes utilizando a análise fenomenológica também possibilitaram a compreensão das facetas das vivências afetadas de modo decisivo pelo contexto e historicidade em que se situa como: Ranieri

1.2.2. O Basquete

O basquetebol é uma modalidade criada em 1891 por James Naismith em Springfield nos Estados Unidos como forma de incentivo aos alunos de uma determinada associação local à prática de uma atividade física frente a um inverno muito rigoroso. Dessa forma, considerando essas condições, foi criado um jogo com uma bola, em um local fechado e que se praticava entre várias pessoas. Nesse jogo o objetivo era lançar a bola em um determinado alvo elevado. Logo o jogo se popularizou e em 1986 foi trazido para o Brasil por Auguste F. Shaw, do colégio Mackenzie. A partir daí, esta prática teve o primeiro jogo oficial em 1912 (Barros, 2015).

O jogo tem regras que permitem que os atletas joguem em equipe, em um espaço determinado e também definem o valor da pontuação de cada cesta⁵. Suas categorias são divididas a partir da idade, de acordo com a Confederação Brasileira de Basquetebol (CBB) com categorias de minibasquete (sub-12), mas também Sub-15, Sub-16, Sub-17, Sub-18, Sub-19, Adulto e Basquete 3x3 (CBB-Confederação Brasileira de Basquetebol, 2010). A CBB é responsável pelo esporte no País. Já no âmbito mundial, a direção é da FIBA, *International Basketball Federation*.

Esta modalidade coletiva admite em sua categoria de base um trabalho que tem por objetivo o aparecimento de futuros atletas. Dentro dessas categorias existem especificidades que permitirão um rico contraste a ser considerado neste estudo, já que seus atletas são bastante heterogêneos socioculturalmente, principalmente em relação aos atletas do atletismo (DaCosta et al., 2005).

A modalidade se encontra atualmente em um momento globalizado, com vários atletas brasileiros atuando fora do país e, da mesma maneira, com muitos atletas estrangeiros atuando no Brasil. Entretanto, segundo o diagnóstico nacional do esporte, apenas 1,5% da população declarou praticar basquete no ano de 2013.

Um tópico atual, e sintomático do momento de crise do basquete nacional, é que, no dia 14 de novembro de 2016, a CBB foi punida pela FIBA, sendo suspensa por má administração do basquete nacional, com problemas sérios de controle e de estrutura⁶.

1.2.3. O Atletismo

O atletismo pode ser chamado de esporte-base, isso se dá justamente pelo fato de que sua prática exija movimentos naturais do ser humano como correr, saltar e lançar. A primeira

(2011), Fahlberg, Fahlberg e Gates (1992), Fahlberg e Fahlberg (1994), Loland (2006), Kunz (2000), Carvalho (2009).

⁵ Quando a bola passa dentro do alvo, um aro, de cima para baixo.

⁶ <http://www.fiba.com/news/fiba-suspends-brazilian-federation>

notícia que se tem de práticas similares ao da modalidade foi na Grécia, nos jogos de 776 A.C. na cidade de Olímpia. Já em uma configuração atual, o atletismo é uma prática que assume provas de pista como as corridas, provas de campo como os saltos e lançamentos, provas combinadas que reúnem provas de campos e de pistas, o pedestrianismo como as corridas de rua e maratona, corridas em campo como o Cross country, e corridas em montanha e marcha atlética (CBAt – Confederação Brasileira de Atletismo, 2010).

Esta é uma modalidade individual que contém uma categoria de base formalizada que visa suprir a demanda profissional. A simplicidade de suas provas explica sua universalidade, contendo 27 federações estaduais e aproximadamente 25 mil atletas no país. Um dado relevante a ser sinalizado mostra que na população brasileira, segundo o diagnóstico nacional do esporte⁷, a corrida comparece como a 6º modalidade mais praticada no ano de 2013: trata-se de 4,1% de prevalência entre os esportes mais praticados neste ano. É um dado importante, já que a corrida é uma das modalidades do atletismo. Ainda nesta prática podemos notar o crescimento das corridas de rua (Pazin, Duarte, Poeta & Gomes, 2008). Outro aspecto importante é o perfil socioeconômico dos seus atletas profissionais. Observa-se que há maior prevalência de atletas com nível socioeconômico baixo (DaCosta et al., 2005)

A divisão de suas categorias é feita da seguinte maneira: pré-mirim (atletas de 12 e 13 anos), mirim (atletas de 14 e 15 anos), menores (atletas de 16 e 17 anos), juvenil (16, 17, 18 e 19 anos), sub-23 (atletas de 16, 17, 18, 19, 20, 21 e 22 anos), adulto (a partir dos 16) e máster (a partir de 40 anos).

A CBAt é responsável pelo esporte no País. No plano mundial, a direção é da IAAF - sigla em inglês da Associação Internacional das Federações de Atletismo.

1.2.4. O Futebol

Esta modalidade tem seu início contemporâneo, segundo o site *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA)⁸, de uma derivação de um jogo de *Rugby* na Inglaterra em 1863, apesar do site apontar outros possíveis primórdios da modalidade, como o *Kemari* no Japão, e alguns outros jogos com bolas sendo chutadas no oriente e antigo império romano. Angelo (2014) completa que no início do século XIX as primeiras regras do futebol foram estabelecidas por uma associação inglesa que visava estatizar as regras do esporte, essa associação se intitulava *Football Association*. Segundo Rodrigues (2004), ele foi trazido para o Brasil por um brasileiro que estudava na Inglaterra chamado Charles Miller, em sua mala

⁷⁷ <http://www.esporte.gov.br/diesporte/2.html>

⁸ <http://www.fifa.com>

estavam uma bola, uniformes e chuteiras. A partir disso, Miller apresentou o jogo à aristocracia brasileira e houve a formação de clubes urbanos por imigrantes europeus, assim, em seu início, o futebol parte de uma base elitista, que com o passar do tempo foi se disseminando na sociedade brasileira.

O futebol, também um esporte coletivo, assemelha-se ao basquete em vários aspectos, porém participa do imaginário de ascensão social no país de modo muito peculiar (Montezi, Barcelos, Ambrósio & Vaisberg, 2013). No Brasil, sua exposição midiática é atípica para o contexto esportivo em geral, o que pode explicar os 59,8% da população brasileira que tem o futebol como a primeira modalidade esportiva com que teve contato na vida, segundo o Diagnóstico Nacional do Esporte. Este estudo inclui a modalidade de futsal aos números apresentados como futebol.

Atualmente, segundo a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), existem 11 mil jogadores e 800 clubes federados e, em sua maioria, os jogadores profissionais são provenientes de contextos socioeconômicos desfavorecidos (DaCosta et al., 2005). As competições nas categorias de base vão do sub-11, sub-13, sub-15, sub17 e sub-20, segundo a Federação Paulista de Futebol (FPF)⁹.

Importante mencionar aqui que, apesar de ser considerado o país do futebol (Franco Junior, 2013), um fenômeno significativo vem ocorrendo: em sete anos houve uma queda de 20% no número de praticantes amadores, colocando o futebol na terceira posição entre as modalidades esportivas mais praticadas pelos brasileiros, atrás de musculação/ginástica e caminhada (Sa, Garcia & Claro, 2014).

Portanto, cada modalidade comporta diversas especificidades sociais que devem encontrar correspondência em tensões existenciais próprias, vivenciadas pelos atletas. Nesse sentido, pode-se mesmo constatar que estas são indissociáveis de seu envolvimento com uma inscrição corporal pertinente a essa experiência. É o ancoramento nessa concretude corporal que dá densidade a experiências que, embora pareçam metafóricas, são expressivas da posição existencial em que estão impressas.

Após este preâmbulo, pode-se afirmar que o paradigma presente na investigação permite que o problema de pesquisa seja abordado de maneira a alcançar a subjetividade presente nas experiências vivenciais, aproximando-se assim de como o atleta vive a experiência de uma carreira esportiva e de pertencer a uma categoria de base, sem necessariamente se comprometer com qualquer teoria que aborde o esporte e a cultura esportiva como foco desta investigação.

⁹ <http://www.futebolpaulista.com.br>

Portanto, a intenção é reconhecê-los e atravessá-los como pano de fundo no momento em que se volta àquilo que é vivido por esse jovem atleta em sua carreira, suas decisões, aflições, superações e ao significado existencial que este atribui a essa vivência como um todo.

1.3. Da concepção de carreira à transição da carreira esportiva

Importante mencionar que o foco desta pesquisa se encontra nas experiências vividas no esporte por jovens atletas, especificamente nas categorias de base e na constituição ou não de sua carreira esportiva. Portanto, a presente investigação contextualiza-se em um cenário estudado pela Psicologia, também no campo da Orientação Profissional, Psicologia do Trabalho e Psicologia Social. Sendo assim, uma breve retomada da construção da concepção de carreira, seguida por uma abordagem sobre a transição da carreira propriamente dita, poderá ser esclarecedora e introdutória com relação aos complexos desafios da temática, especialmente levando-se em consideração o modo como esta vem sendo apropriada pelo campo da Psicologia do Esporte.

Para isso, é necessário contextualizar os primeiros estudos a respeito da carreira. De acordo com Savickas et al. (2009), no início do século XX, com a expansão da industrialização, houve uma proliferação de ocupações e uma grande diversificação de empregos remunerados. Como consequência destes novos arranjos surgiu a necessidade de auxiliar pessoas a encontrar e negociar empregos remunerados.

Duarte (2009) aponta que nesse início de século alguns autores no campo da psicologia estavam em evidência apresentando seus estudos, como é o caso de Alfred Binet (1857-1911) que trouxe a Escala Métrica de Inteligência, Willian Stern (1871-1939) e Hugo Munstterberg (1863-1916) que, para muitos, criaram a psicologia do trabalho a partir do método dos testes de problemas do trabalho. Savickas et al. (2009), ainda completam que foi o “*micro-tool for the Industrial State*” a prática pioneira como guia vocacional, trazendo uma noção de dependência hierárquica e relações estáveis.

Assim, durante o século XX as normas sociais e as expectativas do trabalho estavam, constantemente, presentes nas carreiras ocupacionais na promoção de caminhos pré-determinados, nos quais os indivíduos eram impedidos de fazer escolhas mais adequadas. Duarte (2009) afirma que os primeiros modelos de carreira foram utilizados na indústria, uma vez que esta se encontrava em pleno desenvolvimento. Dessa maneira, embasada por ideias que propunham a busca de leis gerais e universais e por estudos quantitativos, esses modelos apresentavam a produtividade e a organização como critérios superiores às diferenças

individuais dentro dos espaços organizacionais.

Ângelo (2014, p.59), aponta que após a “Segunda Guerra Mundial as diferenças individuais foram ganhando significado conceitual e importância científica. A relação entre desempenho e sucesso trouxe os modelos desenvolvimentistas para o estudo da psicologia vocacional”. Duarte (2009) menciona autores (Ginzberg, Ginsburg, Axelrad & Herma, 1951) que, com a obra *Occupational choice: An approach to a general theory* na década de 1950, incluíram outros objetos de estudo na psicologia vocacional, mostrando uma evolução e assumindo uma perspectiva mais ampla no começo da década. Alguns anos depois (1957), o trabalho de Super no livro *The psychology of carrers*, junta-se àqueles contribuindo para essa maior abrangência no estudo da orientação de carreira. Dessa forma, a inclusão de temas como tomada de decisão, os autoconceitos, o estilo de vida, os valores, os tempos livres, a escolha livre e fundamentada, a flexibilidade, e a capacidade para lidar com a mudança, se tornaram temas presentes em estudos da carreira.

E é nesse momento que Duarte (2009) afirma que o desenvolvimento da carreira passa a ser entendido como um processo contínuo. Por consequência, neste período havia trabalhos e avaliações dos conceitos apresentados como temas inerentes aos estudos da carreira.

Seguindo esta linha, já nas duas últimas décadas do século XX, Super (1983, 1990) apresenta, com seu modelo desenvolvimentista, obras que admitem os termos *maturidade vocacional* e *adaptabilidade*, assumindo um estudo de carreira que dava importância ao grau de facilidade que o indivíduo encontrava para tomar decisões na carreira, buscando satisfação pessoal.

Savickas et al. (2009) indicam que no início do século XXI, uma série de questões e desafios são levantados pela nova organização social do trabalho. O processo de globalização e a melhora gradual das tecnologias de informação parecem impulsionar este novo contrato social entre empregadores e empregados.

Atualmente, as perspectivas ocupacionais parecem muito menos definíveis e previsíveis, com trabalhos cheios de transições e mais desafios. Essas mudanças exigem que os trabalhadores desenvolvam habilidades e competências que diferem substancialmente dos conhecimentos e habilidades requeridas por profissões do século 20. Estas novas concepções de vida no trabalho reconhecem que a carreira pertence à pessoa, não à organização (Duarte, 2004).

De modo equivalente às transformações ocorridas nesse período, os indivíduos também foram modificando seus objetivos, assim como as características da sociedade e a proximidade da relação sujeito-trabalho e sujeito-família. Com isso, as reflexões acerca da carreira rumam a

uma outra direção. Trata-se, então, de tomar como vértice a concepção de trajetória de carreira, e, deste modo, transferir a responsabilidade de construção da carreira da empresa para seus funcionários, ou seja, atribuir ao indivíduo este comprometimento (Barros, 2015; Duarte, 2004). Veloso (2012), afirma que as transformações sociais fazem com que as transições se tornem mais frequentes.

É evidente que, da mesma forma que a organização social do trabalho vem sendo modificada, a concepção de carreira vem acompanhando estas alterações. Na busca por apreender uma definição de carreira mais adequada, Dutra (1996) apresenta que este termo deve ser entendido como uma “série de estágios e transições que irão variar conforme as forças – internas e externas – exercidas sobre o indivíduo, que seria resultado da relação estabelecida entre organização e profissional, funcionando como fator de conciliação dinâmica das expectativas entre ambas as partes.” Essa concepção de Dutra (1996) também foi ecoada por Nakata (2014) em seu trabalho com transição de carreira de ex-atletas e também por Angelo (2014), em sua importante contribuição pelo estudo de carreira de atletas de futebol.

Esta compreensão do termo se torna adequada ao presente estudo, uma vez que reconhece a palavra transição dentro da concepção do termo *carreira*, que assume um aspecto longitudinal para um fenômeno dinâmico como é a trajetória de carreira. Concebendo-a assim, pode-se adentrar em um momento do treinamento atlético que, socialmente situado como passagem à profissionalização, pode ser estudado enquanto experiência dinâmica de expectativas vividas pelos atletas tendo por plano de fundo seu horizonte de experiências.

Schlossberg (1981) emprega o termo transição de carreira para designar o evento que carrega uma alteração de pressupostos sobre si mesmo e sobre o mundo, portanto, requer uma mudança de comportamento e relacionamentos para haver uma adaptação de vida. Seguindo o exemplo do termo *carreira*, o termo *transição* vem sendo atualizado na busca de uma concepção mais ampla e ajustada.

Com o movimento de ampliação e apuração dos estudos sobre *transição de carreira*, caminhando, inevitavelmente, ao lado do desenvolvimento da complexificação do fenômeno *carreira* e de sua compreensão, Quishida e Casado (2009) definem o termo *transição de carreira* como um processo que se dá na trajetória pelos estágios da carreira, como, por exemplo, a entrada, avanço, reavaliação, e nova entrada precedida por uma ruptura. Estes estudos argumentam ainda que dentro do processo de transição está presente a passagem do sujeito por uma continuidade de fases vividas, e nesse processo, pode ocorrer a percepção de modificações comportamentais, na natureza dos relacionamentos no trabalho e no autoconceito profissional.

O conceito de Schlossberg (1981) foi utilizado no esporte e, segundo Bruner, Munroe-Chandler e Spink (2008), a maioria dos pesquisadores que fizeram essa transposição utilizou essa definição para compreender e trabalhar com o encerramento da carreira de atletas profissionais.

Barros (2008) afirma que a transição da carreira esportiva é um tema relativamente novo e atual para a psicologia, consequentemente, ainda pouco abordado pela literatura na área do esporte. Stambulova (2017) aponta um cenário favorável à temática quando afirma que, durante a última década, o campo da pesquisa de carreira esportiva se expandiu. Os pesquisadores estabeleceram a vida holística e as abordagens ecológicas, introduziram praxis cultural do paradigma de carreiras dos atletas e atualizaram a taxonomia das transições dos atletas.

Barros (2008) se alinha com Bruner, Munroe-Chandler e Spink (2008), quando afirma que muitos autores abordaram a transição de carreira esportiva com enfoque no momento em que o atleta deixa sua carreira profissional e parte para a sua aposentadoria, como se vê, por exemplo, nos trabalhos de Allison e Meyer (1988), Brandão et al. (2000), Martini (2003) e mais recentemente Cosh, Crabb e LeConteur (2013), Cosh, Crabb e Tully (2015) e Maciel, Cappelle e Campos (2015).

Ainda sobre a transição de carreira no momento do término desta, um artigo de Park, Lavallo e Tod (2012), traz um estudo que colabora significativamente com a temática. Eles realizaram uma revisão de literatura bastante extensa, de 1960 a 2010, sobre o término da carreira esportiva de atletas enfocando preditores psicológicos associados à qualidade das transições de carreira dos atletas.

Neste trabalho os autores trazem agrupamentos temáticos que correlacionam fatores das motivações e qualidades de transição de carreira abordados na revisão. Devido a sua importância estes aspectos serão relatados aqui em parágrafos individuais.

Trinta e cinco estudos foram agrupados por conterem aspectos da identidade atlética. Estes estudos indicaram tanto uma forte identidade atlética entre os atletas quanto uma alta tendência para o encerramento da carreira, estes aspectos foram associados negativamente à qualidade das transições de carreira dos esportistas.

Vinte e quatro estudos apresentaram questões demográficas como por exemplo, gênero, idade, status social, tipo de esporte, raça, estado civil, níveis competitivos e fatores culturais ou nacionais.

Vinte e um estudos mostraram a voluntária decisão de aposentadoria, esse agrupamento foi realizado a partir do grau de controle que os atletas têm por sua decisão de se aposentar.

Dez de onze estudos apresentaram lesão e problemas de saúde como fator decisivo para

a aposentadoria de atletas.

Nove estudos apresentam uma relação positiva entre habilidades vocacionais e de vida com as qualidades de transições de carreira destes atletas, eles apresentaram também que os ex-atletas profissionais mostraram dificuldades em lidar com situações não-esportivas e experimentaram mudanças de identidade demoradas devido à falta de experiências de vida não-esportivas durante suas carreiras esportivas.

A mesma quantidade de nove estudos mostrou uma correlação positiva entre sucesso na carreira e qualidade de transição de carreira, apresentando níveis estáveis de autoidentidade, autoestima e autoconceito global e menos dificuldades ocupacionais.

Oito estudos analisaram o status da educação dos ex-atletas. Os que relataram que seu progresso educacional foi influenciado de forma negativa por sua carreira esportiva e baixa escolaridade, foram relacionadas a dificuldades vocacionais durante o processo de transição de carreira. Isso, segundo os autores, pode mostrar correlações positivas com a qualidade deste processo de encerramento da prática esportiva profissional.

O status financeiro foi relatado também em oito estudos e todos indicaram associações positivas com a qualidade da transição de carreira para atleta, Entretanto os estudos descobriram que alguns ex-atletas experimentaram problemas financeiros, o que causou dificuldades de transição e limitou suas escolhas de vida pós-esporte.

A autopercepção - que consiste na imagem corporal percebida pelos atletas - autoconfiança e autoestima foram emergentes em oito estudos, neles os autores descobriram uma correlação positiva entre autopercepção e a qualidade das transições de carreira dos atletas.

Cinco estudos revelaram que a imagem do corpo dos atletas pode ser influenciada pela aposentadoria e suas percepções negativas de seu corpo podem ser uma fonte de sofrimento durante o processo de transição de carreira.

Sete estudos examinaram o controle da vida - controle da vida refere-se à autonomia percebida pelos atletas e ao poder sobre suas decisões enquanto competem e durante o processo de transição da carreira - e todos indicaram que os atletas que tiveram menos controle sobre a vida expressaram mais emoções negativas durante o processo de transição do que aqueles que tiveram mais controle.

O abandono ou *drop out* - interrupção prematura da carreira esportiva entre jovens atletas antes de atingir seu potencial máximo – também foi abordado por sete. E seis indicaram uma associação negativa entre experiências de *drop out* e a qualidade da transição de carreira, e uma não mostrou associação com a qualidade da transição de carreira, isto indica que a maioria dos atletas abandonou/terminou sua carreira desportiva voluntariamente.

Sete estudos relataram associações positivas entre o tempo passado após a aposentadoria e a percepção anterior dos atletas sobre a qualidade de seu ajuste para sua vida pós-esporte. Cinco desses sete estudos revelaram que os atletas aposentados perceberam menos dificuldades de transição ao longo do tempo.

Outro aspecto que apareceu em seis estudos foi o relacionamentos treinador-atleta, eles revelaram que o conflito entre ambos poderia ser uma fonte de dificuldades de transição de carreira dos atletas, e que os atletas aposentados que não tinham um bom relacionamento com seus treinadores expressaram mais dificuldades durante o processo de encerramento da carreira.

Cinco estudos indicaram que as mudanças nas vidas dos ex-atletas - mudanças nos estilos de vida e nas rotinas diárias - tinham associações negativas com a qualidade da transição de carreira entre os atletas aposentados. Muitos ex-atletas relataram sentimentos de ansiedade associados a suas novas rotinas e sentimentos de perda como resultado de não mais competir e treinar.

E por fim, três estudos relataram correções positivas entre o equilíbrio das vidas esportivas e não-esportivas antes da aposentadoria e a qualidade da transição de carreira, os atletas estudantis percebiam o equilíbrio de atividades acadêmicas e atléticas durante sua participação esportiva foi um preditor significativo para ajuste de vida pós-esporte.

Um outro estudo significativo já citado é o de Bruner, Munroe-Chandler e Spink (2008). Os autores relatam que Benjamin Bloom, com sua obra de 1981, *Developping talent in young people*, está entre os primeiros a descrever a entrada no esporte como uma fase crítica do desenvolvimento da carreira. Eles completam o que Jean Coté, em 1999, com a investigação intitulada *The influence of the family in the development of talent in sport*, apresentou o trabalho com jovens atletas e suas famílias. Ao final, indicou que a transição de atletas para o esporte de elite é um período de grande desenvolvimento de carreira e, concomitantemente, impele o atleta a fazer decisivos investimentos no esporte. Stambulova (1994; 2000) se aprofunda na temática da *transição de carreira*, admitindo, de forma mais abrangente, seis estágios na carreira do atleta, cada um deles podendo ser considerado uma transição.

A valorização deste período também é abordada por Chamorro, Torregrosa, Sanchez-Miguel e Alonso (2015), que apresentam o grau de dificuldade que os atletas descrevem na transição para a profissionalização no esporte, levando-os a concluir que esta transição figura uma das etapas mais importantes na carreira esportiva dos atletas.

Ronkainen, Tikkanen, Littlewood e Nesti (2014), revelam em seu trabalho que embora os primeiros anos de prática esportiva sejam mais frequentemente caracterizados como experiências altamente agradáveis, para alguns atletas, o desenvolvimento posterior da carreira

envolve desafios existenciais, como conflitos de valores, perda de senso de autenticidade, medo de falhar e ansiedade, atribuindo importância a essa fase da carreira.

Chamorro, Sánchez-Oliva, González e Alonso (2016) apresentam a etapa de transição para o esporte de elite como uma das mais difíceis e importantes etapas da carreira esportiva como um todo e abordam, neste estudo, aspectos motivacionais e as expectativas que estes atletas têm de se tornarem profissionais.

Pummell, Harwood e Lavallee (2008), Stambulova, Alfermann, Stater e Coté (2009), Henriksen, Stambulova e Roessler (2010), Carlim e Ruiz (2012) e, mais recentemente Barros (2015), enfatizam que a *transição de carreira esportiva* consiste em um processo que atravessa vários momentos, ou seja, contempla várias etapas a serem ultrapassadas por esses indivíduos durante seu desenvolvimento histórico na modalidade esportiva, desde o início da sua carreira até a sua aposentadoria.

O tema também se mostra relevante, segundo Wylleman, Alfermann e Lavallee (2004), pois atletas perpassando por esta condição enfrentam determinadas experiências durante este período que provocam grandes alterações no seu curso de vida. Muitas vezes, essas alterações acarretam uma mudança na concepção de si mesmo que não se limita à modificação do seu cotidiano, ou seja, pode haver reflexos nas atitudes e no seu modo de pensar desde a etapa inicial da transição de carreira. Bruner, Munroe-Chandler e Spink (2008), alertam que a entrada no esporte de elite consiste em uma transição essencial e que recebe menos atenção que outras etapas de transição na carreira do atleta.

Esta transição da carreira do atleta se inicia com uma prática exercida de maneira lúdica, uma espécie de continuação do aspecto recreativo da prática, e vai se transformando com o passar dos anos. Assim, as exigências do contexto do clube vão modificando sua posição em relação ao que era uma prática voltada exclusivamente à diversão, inicia-se um convívio com compromissos e regras do clube que precisam ser atendidos (Salomão, Ottoni e Barreira, 2014). Nisto se destacam as categorias de base.

Ao que se percebe, atualmente temos um panorama sobre o que é carreira, carreira esportiva e as transições nela contidas. Para tornar toda essa temática mais clara e adequada, opta-se por diferentes preposições que conseguem indicar mais precisamente as diferentes transições possíveis na carreira, esportiva ou não. As preposições “de” e “na” seguida do termo carreira tem diferentes conotações, quando a construção “transição na carreira” for empregada ela dirá respeito às transições dentro da mesma carreira, como por exemplo nas etapas dos modelos de transição apresentados por Wylleman e Lavallee (2004). Já a construção “transição de carreira” quando for utilizada provavelmente se referirá a transição para diferentes carreiras,

como por exemplo um atleta que ultrapassa para à fase pós atleta com sua aposentadoria (Sanches, 2012)

1.4.As categorias de base

Após situar o contexto e o fenômeno esportivo que estamos abordando, conectado à vida deste praticante e a uma carreira esportiva, a condução do estudo segue na conceituação das categorias de base, ambiente extremamente particular e próprio destes atletas.

Para isto, primeiramente é necessário dizer que, como foi visto, a profissionalização do esporte teve papel fundamental na mutação da organização esportiva como um todo, tanto do ponto de vista institucional como na atividade competitiva em si. Isso, como vimos, fez o esporte se configurar como uma carreira profissional cobiçada e uma opção de vida para jovens habilidosos e talentosos (Rubio & Ferreira Junior, 2012)

Diante disso, é relevante problematizar alguns modelos que norteiam a maneira com que as categorias de base podem e vão estruturar e desenvolver o treinamento para estes jovens atletas. Basicamente a problematização parte da iniciação esportiva pensada empregando a especialização precoce em uma modalidade ou em várias modalidades.

Ramos e Neves (2008) mencionam que a iniciação esportiva começa a ser abordada mundialmente na década de 1970, e por volta da década de 1980 já encontramos estudos nacionais sobre a temática. Ainda sobre este tema, Santana (2005) afirma ser a fase na qual a criança se lança na prática esportiva, regulamentada e orientada, de uma ou mais modalidades esportivas com o objetivo de dar continuidade ao seu desenvolvimento de forma integral, não tendo em vista competições regulares.

As ciências do esporte têm estudado e tentado sacramentar uma faixa etária adequada para o início do desenvolvimento do treinamento esportivo específico. Porém, as idades com que os jovens atletas dão início ao seu treinamento específico e à competição de forma regular são muito variáveis segundo a cultura e tradições existentes em cada região, assim como a escolha da modalidade esportiva em questão (Arena & Böhme, 2000). Essa indefinição já dá indícios ao caráter nada pragmático e bastante complexo da temática abordada. Afinal, qual a idade e qual o modelo de especialização precoce mais eficaz?

Essa questão norteia a maioria dos estudos da temática e, de acordo com seu caráter complexo e nada pragmático, não se pretende aqui chegar a uma resposta ou até mostrar o melhor modelo de especialização, o que, então, vai ser tratado neste momento diz respeito a estudos e posicionamentos sobre esta temática, desde a concepção a modelos para que isso ocorra da melhor maneira com esses jovens.

Kunz (1994), conceitua e enfatiza que a especialização precoce acontece quando a criança é envolvida em um treinamento planejado e organizado em longo prazo antes da sua idade pubertária e que se efetiva em um mínimo de três sessões semanais, tendo como principal objetivo o gradual desenvolvimento do rendimento esportivo, e também a participação regular em competições esportivas. Fergson e Stern (2014), em consonância com Kunz (1994), entendem especialização precoce como um intenso treinamento durante um ano em uma modalidade específica, quando o indivíduo apresenta baixa idade.

Este assunto é bastante estudado por médicos do esporte e também sob a luz da pedagogia do esporte, havendo mais embates de que conclusões unânimes a seu respeito. O que se vê é que o esporte está se tornando mais popular, competitivo e exigente, os praticantes se envolvendo com essa atividade cada vez mais jovens e cada vez mais com maior carga de treinamentos (Fergson e Stern, 2014).

Somada a isso vem a crença de que quanto antes a entrada no esporte ocorre, mais garantido está o futuro de um atleta de elite. Esta crença está muito fundada na tese do livro de Malcolm Gladweel, “*Outliers: the story of sucess*” de 2008. Nele pregava-se que, para atingir o sucesso, o indivíduo precisaria se ocupar por 10000 horas de treinamento especializado na área, o que levaria ao alcance da maestria desta atividade complexa. Isso se aplicaria ao esporte e à música, entre outras atividades.

Este estudo ecoou também em outro livro da área “*The road to excellence: the acquisition of the expert performance in the arts and science, sports and games*”, escrito pelo sueco Ericsson, que pregava a necessidade de dez anos de especialização e preparação intensiva para alcançar a maestria da atividade, seja ela esporte, música, artes, ciências ou jogos em geral. Smith et al. (2017), trazem que a especialização precoce em muitos esportes é necessária para a aquisição de habilidades para um sucesso competitivo. Eles apontam também que não há dados sólidos que os convençam sobre os riscos da especialização precoce e argumentam que somente pesquisas com metodologia rigorosa fornecerão respostas.

Fergson e Stern (2014), trazem os prós da especialização precoce e também da não especialização precoce. Eles afirmam que as lesões excessivas podem ser evitadas quando há a especialização precoce; eles também afirmam que deve se permitir um descanso adequado; acrescentam também que os jovens devem desenvolver habilidades desportivas variadas, assim como manter o interesse esportivo; chamam atenção para a prevenção de um possível isolamento social; e por fim, prevenção da dependência excessiva das crianças. Estas são as vantagens de um modelo de treinamento que não parte da especialização precoce em apenas uma modalidade. Já os quesitos a favor deste modelo, os autores entendem como sendo os

benefícios da vantagem competitiva; o desenvolvimento e aperfeiçoamento de habilidades mais rapidamente; o reconhecimento do talento precocemente; aumento de oportunidades como bolsas de estudos ou contratos profissionais.

Ainda nesse estudo eles evidenciam que alguns dos órgãos especializados que não apoiam este modelo são: *American Medical Society for Sports Medicine*; *American Academy of Pediatrics*; *National Athletic Trainers Association*; *International Society for Sports Psychology*; *World Health Organization*; *International Federation of Sports Medicine*; e *National Association for Sports and Physical Education*. Por fim, os autores concluem que não há evidências para apoiar a especialização precoce uma vez que nenhum órgão especializado tem mostrado concordar com o modelo.

Por outro lado, dizem que para um indivíduo se tornar atleta de elite, pode haver situações que necessitem deste modelo, o que exige a consciência de um treinamento correto, no momento correto como imperativo para o sucesso a longo prazo.

Laprade et al. (2016) mostram que as crianças não se beneficiam dos esportes na maioria das modalidades por conta do excessivo número de lesões e altos casos de abandono da modalidade. Eles trazem que muito há ainda a ser feito conjuntamente entre pais, treinadores e órgãos governamentais responsáveis para um trabalho que garanta um ambiente saudável para o jogo e para a competição.

Voigt e Hohmann (2016) apresentam uma diferenciação entre a especialização precoce e a especialização em vários esportes. Os autores trazem uma perspectiva de treinadores que abordam as duas temáticas e concluem que, a partir da comparação entre os modelos, pode-se reconhecer a importância de ambos. Porém, eles recomendam que um desenvolvimento mais adequado seria aderindo primeiramente a um modelo que não prioriza somente um esporte e, posteriormente, a especialização em um esporte escolhido.

Feeley, Agel e Laprade (2017), apontam que, junto ao aumento da participação do esporte juvenil nos últimos 15 anos, houve uma adesão a modelos que trabalham com a especialização precoce, e isso é fomentado também pelo desejo dos pais e treinadores de incentivar este modelo de especialização em um esporte único, incluindo o desejo de dar ao jovem atleta uma vantagem em competição: busca de bolsas de estudo, status profissional potencial e a habilidade de rotular um jovem atleta como elite em uma idade adiantada.

Eles ainda apontam que, quando comparadas às vantagens da iniciação em vários esportes, o modelo de especialização desportiva precoce não leva a uma vantagem competitiva sobre os atletas que participaram de vários esportes. Outro ponto abordado no texto mostra que a especialização desportiva precoce pode colocar o jovem atleta em risco de lesões por

treinamento excessivo. Por fim os autores discutem fatores de risco de lesão em atletas que aderiram à especialização precoce a partir de quatro modalidades: hóquei no gelo, natação, ginástica e beisebol.

Outro estudo importante é o de Normand, Wolfe e Peak, (2017), que apresentam o quanto é essencial um modelo de desenvolvimento esportivo a longo prazo em múltiplos esportes, apesar de apontarem que, em alguns casos, o treinamento especializado pode ser adequado, mas somente após o desenvolvimento de habilidades primordiais e a aquisição de uma maturidade psicológica. Os autores chamam atenção também para a importância de explicar para pais, atletas e treinadores os prós e contras da especialização precoce. Eles finalizam o estudo explicitando o quão importante é o foco na participação esportiva ao longo da vida.

Myer et al. colaboradores (2015) trazem em seu primeiro estudo que há um aumento no nível de lesões e no nível de abandono da modalidade quando ocorre a adesão ao modelo de especialização precoce nos esportes. Eles apontam alguns fatores para tal, como, por exemplo, o treinamento esportivo durante o ano inteiro, a participação em várias competições durante este ano e também as pessoas que ficam em torno dos atletas mirins que consentem e estimulam essa prática especializada e muito competitiva tão cedo.

Já no segundo estudo, Myer et al. (2016) apontam que pais e treinadores acreditam que a adesão a apenas um esporte garantirá o desenvolvimento de um atleta de elite, entretanto os autores mostram que isto também pode reduzir as oportunidades destas crianças participarem de temporadas de esportes diversificados devido à escolha de um estilo de vida que impede a participação neste outro tipo de atividade. Eles ainda apresentam a importância dos jogos livres que devem ser encorajados por pais e treinadores. Por fim, eles têm uma postura cuidadosa quando afirmam que, se se optar por um modelo esportivo pautado na especialização precoce esta criança deve ser acompanhada de perto com indicadores claros de lesões por treinos excessivos e de *burnout* (abandono da atividade esportiva). Se o modelo de esportes variados for escolhido, há também a necessidade de preparar essa criança para possíveis demandas de competição. Os autores concluem que ambos os modelos trazem a obrigação de se pensar e adotar estratégias para uma prática esportiva adequada.

Um guia foi escrito por Brenner (2016) para se avaliar o processo de especialização precoce em crianças. Neste material o autor problematiza a questão abordando os riscos deste modelo de especialização. Ele apresenta como fazer uma adequada e segura especialização em uma modalidade enquanto criança. Ainda mostra quais esportes trazem mais riscos e também apresenta um resumo de horas que é recomendado à prática da modalidade.

Fica evidente que a questão está longe de eleger um modelo específico, ou de eleger o melhor momento cronológico dos jovens. Desta forma, a partir de estudos em diversas áreas que abordam opiniões distintas sobre a especialização precoce, pretende-se, neste trabalho, não se comprometer com qualquer posição diante deste tema, mas sim apresentar a importância desta discussão e estimular uma reflexão acerca deste, tendo em vista um desenvolvimento satisfatório por parte da criança ou adolescente, um desenvolvimento que enfoque não somente o desenvolvimento esportivo, mas também o cunho educacional que é fundamental nesta fase de maturação do jovem atleta.

Tendo isso, para maior aprofundamento no tema das categorias de base, optou-se por buscar o preditor *Psicologia do Esporte* combinado com *Categoria de Base*. Apenas dois resultados foram encontrados no Portal de Periódicos. Em *Web of Science*, a busca dos termos em inglês (*Sport Psychology* e *Youth Academy*) apresenta oito trabalhos produzidos nos últimos cinco anos. Em tais obras, há ênfase em aspectos motivacionais e de estado de ânimo, além de análises das relações parentais junto aos atletas.

As análises das relações parentais contribuem para a temática, mas ainda estão em posição anexa ao tratamento teórico/metodológico de pesquisa anterior (Salomão, Ottoni e Barreira, 2014). Este trabalho citado antecede a postura que será adotada na proposta por ora apresentada. No entanto, a presente investigação busca o contexto específico da experiência do atleta nas categorias de base de modalidades diversas.

Este contexto é composto de escolinhas, clubes ou instituições formadoras de atletas, que são divididas de acordo com o ano de nascimento (Markunas, 2007). Dentro deste quadro, o objetivo das categorias de base é aprimorar movimentos e técnicas a partir das preparações físicas, técnicas e táticas buscando excelência e, ao mesmo tempo, a seleção de talentos para composição de suas equipes.

Seguindo essa ideia, Montagner e Silva (2003) evidenciam que a característica desse período de treinamento é que os atletas vivenciem um processo pedagógico e metodológico. Processo este que, por sua vez, necessita de tempo suficiente para ensinar, treinar e selecionar os indivíduos que mostram habilidades específicas mais aprimoradas para o esporte que os demais. Sendo assim, confere-se que a categoria de base tem como principal função triar atletas para a categoria profissional de sua modalidade.

Deste modo, verifica-se que as categorias de base se situam no período entre a iniciação esportiva e a profissionalização do atleta. Fazer parte de uma equipe esportiva em sua categoria de base é um recurso muito comum entre atletas que se profissionalizam, embora não seja o único. O presente trabalho aborda quatro modalidades distintas e é importante reconhecer

que suas categorias de base são organizadas de forma dessemelhante, apesar de todas serem divididas por idades. Essas diferenças serão abordadas com mais detalhes na etapa de discussão do trabalho.

2. Relevância do tema

Estas considerações e compreensões frente ao problema de pesquisa que se delineia estão alinhadas com investigação precedente (Salomão, Ottoni & Barreira, 2014), cujo objetivo fora descrever a experiência de morar em alojamento de clubes por parte de jovens jogadores de categoria de base de futebol. Os resultados desta pesquisa assinalaram uma experiência peculiar, com elementos específicos que levam a refletir sobre aquilo em que efetivamente consiste a experiência global vivida por atletas de categorias esportivas de base. Dentre os elementos descritos nos resultados, as peculiaridades da carreira esportiva e suas transições se fizeram muito presentes, já que essa passagem é portadora de intensa carga emocional, o que, geralmente, coexiste com a percepção desses atletas sobre o conjunto de toda sua vida.

Este tema também é abordado por Stambulova, Alfermann, Statler e Coté (2009), em seu importante estudo levantando fatores de sucesso e fracasso no contexto da carreira do atleta. É abordado também por Wylleman e Lavalée (2004) quando os autores apresentam uma significativa perspectiva de desenvolvimento de transição de carreira esportiva.

O assunto comparece em estudos com modalidades específicas, como, por exemplo, o de Bruner, Munroe-Chandler e Spink (2008), que se propõe a examinar a experiência de transição de jovens atletas de hóquei no gelo, ou o de Pummell, Harwood & Lavalée (2008), que tem por objetivo apreender percepções de jovens atletas equestres em transição para o nível superior.

Uma aproximação abrangente ao tema comparece no livro de Silva, Figueiredo, Elferink-Gemser e Malina (2016), que apresenta questões corporais dos jovens atletas, fazendo referência ao relacionamento destes com os pais, estudando a motivação desses atletas e também questões de seus treinos.

Todos estes estudos abordam a temática da transição de carreira de atletas juvenis com perspectivas variadas, umas mais restritas a uma modalidade, outras com o enfoque nas condições gerais e comuns enfrentadas pelos jovens. Em vista disto, o presente estudo almeja colocar seus resultados em diálogo com estes estudos de temáticas afins. Espera-se que, com essa articulação, favoreça-se o avanço para uma orientação cada vez mais adequada aos profissionais que prestam serviços a essa população.

O caráter complementar dessa investigação se apresenta com a novidade proposta aqui. Compreender a maneira pela qual jovens, na condição de atletas de categorias de base, vivenciam esse período dinâmico da vida e como vão compondo seu horizonte de experiências pautadas nas práticas esportivas enquanto um investimento na carreira e, concomitantemente,

em seu devir. Consiste em um novo olhar para o mesmo fenômeno da transição de carreira de jovens atletas de categorias de base, especialmente atento aos processos culturais e a sua subjetivação.

O estudo anterior de Salomão, Ottoni & Barreira (2014) mostra justamente a importância dessa fase para futuros atletas, uma vez que estes jovens estão aprendendo e aperfeiçoando habilidades físicas, motoras e psicológicas específicas e imprescindíveis para o exercício das tarefas esportivas. Ao mesmo tempo, estão adaptando-se às novas e exigentes responsabilidades que essa fase traz no contexto esportivo, sem desconsiderar que se tratam de jovens com anseios e desejos comuns à maioria daqueles que estão na mesma faixa etária, mas alheios ao contexto esportivo de base. Frente a esse contexto complexo, cabe a este indivíduo fazer novas escolhas, posicionar-se e reposicionar-se diante às decisões tomadas até o momento.

Como se evidenciou, o método utilizado na pesquisa mencionada permite alcançar um resultado que revela tensões existenciais inerentes ao contexto pesquisado. Essas tensões existenciais não são desveladas e nem abordadas apenas como fatos. Os estudos citados anteriormente até chegam a considerar as tensões existenciais no interior de seus modelos de transição, embora não as nomeiem nem as descrevam assim, isto é, não designem nem visem os desafios enfrentados como questões existenciais. A novidade trazida pelo estudo de Salomão, Ottoni e Barreira (2014), a exemplo do de Barros (2015), é o enfoque na subjetivação deste atleta juvenil, ou seja, o método utilizado permite dar importância à experiência vivida por esse jovem, e a como ela os afeta¹⁰.

¹⁰É nesse momento que surge uma reflexão no tocante ao papel do psicólogo que, dentro desse contexto, tem por obrigação compreender esse futuro atleta como pessoa, não o separando do seu mundo, do seu ambiente, da sua história, do seu projeto, do seu sentimento, do seu entendimento, ou seja, considerando-o em sua totalidade. Consequentemente, a partir dos resultados da investigação anterior, podemos compreender a apreensão do mundo desse atleta e os indícios de experiências de categorias de base como um todo.

3. Objetivo

O objetivo desta investigação é identificar e compreender o horizonte de experiências vividas contextualizadas na prática esportiva de jovens atletas pertencentes a categorias de base de quatro modalidades esportivas (futebol, basquete, atletismo e tênis), através do método fenomenológico.

4. Método

4.1.A fenomenologia

Edmund Husserl (1859–1938), considerado o criador da fenomenologia, a fez com a intenção de realizar uma reflexão crítica ao paradigma teórico-metodológico vigente e assim construir uma teoria do conhecimento. Entretanto, para compreendermos a criação e o desenvolvimento desta corrente filosófica que teve um impacto grandioso nas mais diferentes áreas do conhecimento, é necessário percorrer um preâmbulo que atravessa diversas etapas do percurso da ciência como um todo.

Após seu início na Grécia antiga, a ideia clássica de ciência vem sempre acompanhando o percurso da humanidade (Azevedo, 2011). Com o passar do tempo, a proposta de ler a natureza considerando-a interpretável por critérios matemáticos, mensuráveis e explicáveis vem dar origem à ciência física. Assim, esta passaria de um estudo qualitativo, em conformidade com o pensamento grego antigo encabeçado por Aristóteles até o final do século XVII, a um estudo baseado em cálculos, medições e comparações de fenômenos físicos, tornando-a essencialmente quantitativo. Assim como Galilei, os físicos ulteriores consideram que as leis matemáticas regulam o universo (Ales Bello, 2013).

Este paradigma veio tomando força e, aliado a uma expansão econômica e tecnológica, foi criada a ideia de um progresso competitivo. A partir disto surgiu a convicção de que o homem dominaria o mundo desenvolvendo sua ação com base neste conhecimento científico. Em outras palavras, a potência técnica e o processo científico, oriundos de procedimentos apoiado na naturalização dos fatos, davam o benefício à última e inspiravam elevadas esperanças num desenvolvimento civilizacional prometeico (Giorgi & Souza, 2010; Barreira, 2011).

A este clima cultural foi dado o nome de Positivismo, que considerava o método das ciências físicas como legítimo para todo tipo de pesquisa. Desta forma, a filosofia foi abandonada nas questões que consideravam o ser humano, se valendo de um método apropriado da ciência física e, cada vez mais, contribuindo para a evasão do sentido e uma supervalorização da técnica.

É exatamente esta a crítica de Husserl em suas reflexões (Barreira, 2011). Ele apresenta a fenomenologia a fim de exercer uma crítica à origem do conhecimento no desvelar da “intuição imediata”. A descrição fenomenológica evidencia conceitos de essência à busca da redução ao sentido e à característica única e definidora de um fenômeno tal qual o mesmo se mostra à consciência.

Assim, Husserl desenvolveu um método que possibilita um estudo da consciência sem um regresso à introspecção, ou seja, ele sugere que o pesquisador adote uma atitude científica em relação ao seu objeto de estudo – a experiência humana – deixando de lado toda a suposição particular, teorias, pré-conceitos e pré-juízos. Seu programa de trabalho apresenta um método rigoroso para estudar os fenômenos intencionais, procurando a descrição das estruturas da experiência. Portanto, uma psicologia pautada nesta crítica visará o fenômeno psíquico numa apreensão direta, uma vez que este objeto de estudo não é natureza (física) e, mesmo que se configure existencialmente, não é análogo ao espaço mensurável, ao tempo (cronológico), à causalidade e à substancialidade, mas é propriamente fenômeno (Barreira, 2011).

Segundo Ales Bello (1998), Husserl almeja uma comparação entre:

O mundo deles e o meu mundo e que se possa levar a termo uma crítica mediante a qual se chegue definitivamente a uma verdade válida universalmente, de modo a conduzir à unidade aquilo que é múltiplo, à união de um mundo humano com muitos mundos familiares, em que se constitui o mundo verdadeiro[...] Trata-se então, portanto, de uma ciência descritiva do mundo circundante, realizada com base naquilo que é pré-dado, obtida através de uma observação controlada teoricamente. (p.80-81)

Husserl entendia que a fenomenologia deveria atuar como filosofia, já que, para ele, sua primeira tarefa consistia na descrição das estruturas da experiência tal como surgiam à consciência intencional dos indivíduos (Giorgi & Sousa, 2010). Dessa forma, o fenômeno psíquico é uma vivência intuída na reflexão que, colhida e compreendida, poderá se identificar em sínteses (*apercepção psicológica*) com novas experiências vivenciais de registro psíquico.

Assim, houve a criação de uma espécie de movimento fenomenológico, que além de ter influência em diversas áreas como artes, literatura e teologia (Giorgi & Sousa, 2010), foi responsável pela reflexão crítica de métodos vigentes e seus paradigmas, notadamente em pesquisa qualitativa em psicologia. Dessa maneira, a fenomenologia ultrapassa algumas fronteiras impostas pelo positivismo, que ainda está muito presente nos dias de hoje, e propõe um estudo contextualizado do ser humano (Ales Bello, 2006). Estudar o ser humano implica estudar a subjetividade.

4.1.1. Conceitos da Fenomenologia

Portanto, a fenomenologia foi constituída como movimento filosófico díspar ao paradigma vigente no final do século XIX e início do século XX. Buscando fundamentar em novas exigências as condições das ciências, utilizou o conceito fundamental da intencionalidade. Este é um dos conceitos mais importantes para se entender a crítica que Husserl propõe, pois no momento em que ele adota de Bretano¹¹ que a consciência é sempre consciência de alguma coisa, sem a possibilidade de existir só a coisa ou só a consciência dela, ele supera concepções dualistas muito implícitas no contexto da época. Portanto, a consciência é sempre projetada para fora de si e correlata a um objeto, sem uma cisão ou enfoque em uma (consciência) ou em outra coisa (objeto) (Barreira, 2011).

Deste modo, Husserl propõe o estudo da consciência e do objeto simultaneamente, isto posto no contexto de uma psicologia que se distingue das mensurações e quantificações propostas pelo positivismo culmina no estudo das vivências intencionais, no estado de sentido das experiências humanas.

Para que não caia em um subjetivismo, Husserl, com a intenção de se estudar a consciência intencional e o fenômeno da maneira que ele se mostra, traz o conceito de *Epoché*. Esta atitude consiste em um movimento que “coloca entre parênteses a existência dos fatos para compreender sua essência” (Ales Bello, 2006, p.23). Essa atitude se desdobra em diferentes vertentes como por exemplo a redução psicológica, redução eidética, redução transcendental, entre outras que serão abordadas no decorrer do texto.

4.1.2. Fenomenologia na presente investigação

Os fundamentos fenomenológicos utilizados aqui se apoiam na fenomenologia clássica, assim, buscam ser coerentes com a proposta inicial de Edmund Husserl. É relevante apontar que este estudo se compromete com a descrição de estruturas vivenciais das experiências vividas. Então, é neste comprometimento que se faz uso do que Ales Bello (2013, 2016) vem apontando em suas obras. A autora indica a necessidade de se pautar em uma antropologia fenomenológica, lançando-se mão da redução transcendental, para se alcançar como essa experiência nasce para esses sujeitos, como ela torna possível a diversidade vivida pelos sujeitos, e é isso que nesta investigação se nomeia como estruturas vivenciais das experiências vividas destes atletas.

A exemplo de Ranieri (2011), o pesquisador que assume esse método de pesquisa em

¹¹ Importante relatar Husserl adotou de Franz Bretano, um professor que teve na Universidade de Viena, o conceito de intencionalidade.

seu trilhar metodológico há de ser cauteloso e, no tocante ao seu objeto de pesquisa, amadurecer o modo como o aborda. É essencial que ele já tenha se orientado em executar um duplo movimento, que consiste em: se esvair de suas próprias conclusões, valores ou pré-juízos e, e como fruto desse desprendimento se disponibilizar com uma abertura integral, que deverá ser preenchida, concomitantemente, pela apreensão do fenômeno da maneira que este se mostra.

Portanto, evidencia-se que, de acordo com o objeto – as experiências esportivas vividas na categoria de base por atletas juvenis – este método é compatível com a proposta desta investigação. Nele se imprime um caráter descritivo, ou seja, o resultado final de todo o processo de análise dos resultados obtidos deve se refletir em uma descrição da experiência vivida por estes jovens na condição de atletas de categoria de base, assim como a descrição, reconhecimento e compreensão dos significados psicológicos essenciais desta experiência.

4.1.3. O método em síntese

O alcance do objetivo está diretamente relacionado à definição da amostra intencional, e também de modo correspondente ao tema nuclear (objeto) da pesquisa, que é o horizonte experiencial de jovens de categorias de bases de diferentes modalidades esportivas num momento que precede uma importante transição na carreira esportiva, a saber, a possível passagem ao profissionalismo. A amostra intencional será composta de sujeitos de dezessete anos que praticam as quatro modalidades citadas figurando em suas categorias de base. No mínimo seis atletas de cada modalidade farão parte da amostra. Este número vai ao encontro do tipo de investigação proposta, mas poderia ser modificado caso o critério de saturação não tivesse sido atingido. A saturação refere-se a uma ocasião na qual nenhum novo elemento significativo emergja das entrevistas a fim de ampliar a qualidade de descrição do fenômeno (Loureiro, 2006), isto é, equivale à repetição sistemática de sentidos relativos à experiência investigada.

Já a opção pela idade de dezessete anos justifica-se em virtude do modelo de treinamento esportivo a longo prazo de Böhme (2000). Comumente, nessa idade os atletas já ultrapassaram as duas primeiras fases do treinamento esportivo¹² e encontram-se numa etapa que consiste no treinamento de alto nível, admitindo assim que este atleta tenha acumulado ao longo das outras fases uma bagagem de experiências que permitam que ele, por si mesmo, faça suas escolhas e possa avaliá-las até o presente momento. Fraser-Thomas e Côté (2009) também problematizam

¹² A primeira fase do treinamento esportivo consiste em um período de aquisição de competências básicas do esporte como capacidades coordenativas, aquisição do gosto e conhecimento da modalidade, adjunto a uma melhora na sua técnica geral ao praticar a modalidade. A segunda fase do treinamento esportivo consiste em uma melhora no desempenho esportivo específico da modalidade para que este atleta se encontre pronto, a fim de integrar o treinamento de alto nível, que é a próxima fase (Böhme, 2000).

as experiências esportivas no desenvolvimento da vida de jovens atletas, evidenciando a relevância destas na vida destes jovens. Trata-se também de uma idade em que, por motivos socioculturais, o jovem é impelido a fazer escolhas decisivas sobre sua futura ocupação profissional. Segundo Erikson (1968), a adolescência corresponde a um período de formação da autoidentidade, tal qual a independência dos apegos que podem ter representado os anos anteriores, com o foco social se transferindo para o grupo de amigos e adultos fora da família.

Especificamente Tênis, Futebol, Atletismo e Basquete foram escolhidas por razões claras. Elas trazem a diversidade e a possibilidade de ancoramento da experiência aqui estudada. Ou seja, são duas praticadas individualmente, duas coletivamente, figurando em contextos socioeconômicos bem distintos uma a uma, isso configura a diversidade pretendida da amostra. O fenômeno a ser estudado como um todo se mostra em qualquer modalidade esportiva juvenil, então há exemplos modelares destas experiências pretendidas também nestas práticas esportivas. Portanto, além da diversidade, a conveniência foi um fator determinante para a escolha minuciosa destas quatro modalidades, visto que o acesso a estas quatro era mais natural para o pesquisador. E é então a partir destas quatro modalidades, estudadas desta maneira, foi possível apreender um retrato da experiência dos atletas no esporte juvenil praticado neste país.

Em vista disso, tecnicamente, a chamada coleta de dados tomou o uso de entrevistas semiestruturadas, áudio-gravadas mediante a aprovação dos atletas, supervisores e/ou responsáveis legais dos clubes e transcritas na íntegra, conforme os cuidados éticos descritos no item adiante. O pesquisador foi a campo depois da aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa¹³. A entrevista de cunho fenomenológico teve suas questões norteadoras elaboradas e definidas no decorrer do curso de pós-graduação, respeitando cronograma pré-estabelecido. Elas estão acordadas com o objeto de pesquisa e se fundamentam em um roteiro específico, para assim compreender o horizonte existencial destes jovens atletas. Consequentemente as questões são: 1. Como foi sua trajetória nas categorias de base até os dias de hoje? 2. Como é para você ser um atleta de categoria de base? 3. A partir desta experiência, o que você espera?

Essas três questões norteadoras têm o intuito de apreender a experiência pretendida como um todo, perpassando pela história individual de cada um de maneira cronológica; remete-se ao passado na primeira questão; ao presente e ao encontro diretamente do fenômeno na segunda; e o devir, a evidência do seu projeto na terceira e última questão norteadora. Dessa

¹³ Inserido sob CAEE: 56719016.8.0000.5659

maneira, é possível compreender como o atleta vem compondo seu horizonte existencial.

A análise fenomenológica foi feita por meio do cruzamento intencional e a partir da chamada redução fenomenológica. A redução nesta etapa é caracterizada pelo exercício de reflexão sistemática que tem como alvo o fenômeno na forma como se mostra nos relatos¹⁴, afastando conceitos, ideias e julgamentos prévios sobre o mesmo (Salomão, Ottoni & Barreira, 2014). Depois de mostrados os sentidos atribuídos pela experiência pessoal de cada participante, passa-se ao cruzamento intencional que se apoia na comparação entre todas as entrevistas para que se evidencie sentidos comuns presentes nelas enquanto vivências constituintes do fenômeno (Barreira & Ranieri, 2013). A redução e o cruzamento buscam, portanto, descrever a correlação entre o objeto da experiência e a experiência deste mesmo objeto, tomando-a como experiência vivida. Neste caso, chega-se com estes procedimentos à descrição essencial das experiências vividas por atletas de base.

O enfoque fenomenológico é adequado ao estudo do tema, uma vez que direciona seu método para a compreensão da subjetividade dos sujeitos, tomando-a como estrato articulador e irradiador dos processos culturais estudados. Então, a presente investigação mantém-se no recorte qualitativo, fundamentando-se na perspectiva fenomenológica, com a intenção de buscar a experiência vivida pelos jovens na condição de atletas juvenis, entre 16 e 18 anos, das categorias de base

4.1.4. O método aplicado

4.1.4.1.A Delimitação do Objeto – o momento Pré-empírico

Esta etapa é de extrema importância para os caminhos a serem tomados dentro da pesquisa em modo geral. Vale frisar que este momento pré-empírico parte de um embasamento fenomenológico e é responsável pelo delineamento do objeto de pesquisa. Assim, este primeiro passo consiste em colocar em evidência o tema de pesquisa e iniciar uma série de questionamentos sobre possíveis assuntos referentes ao tema partindo do interesse do pesquisador. Esse questionamento leva em conta a quais respostas se chegaria com determinadas problemas de pesquisa, quais os limites e possibilidades dos métodos e instrumentos utilizados e, em um movimento reflexivo vamos nos aproximando, a cada resposta, do fenômeno pretendido.

Esse movimento reflexivo pode permitir a exploração da multiplicidade de subtemas e assuntos adjacentes ao tema escolhido, como por exemplo estudar os tão conhecidos tópicos da motivação ou ansiedade no esporte juvenil, ou até as relações entre técnico, pais e atletas.

¹⁴ Este procedimento será desenvolvido no decorrer do texto

Reconhecendo a importância destes temas e, ao mesmo tempo, os confirmando enquanto legítimos ao interesse do pesquisador é o primeiro passo deste movimento reflexivo e, como já foi dito, é deste movimento de reflexão que adotamos o nosso problema de pesquisa e a maneira de abordá-lo.

Então, pode-se dizer que a caminhada trilhada neste trabalho reconheceu a importância de vários destes subtemas, entretanto ela os atravessou e conferiu a experiência vivida por estes jovens atletas nesta condição uma importância salutar para este trabalho. Ou seja, foi no decorrer desta etapa que se conferiu a experiência vivida por estes jovens atletas nesta condição o objeto deste trabalho.

Percebe-se que este procedimento é fundamentado na redução fenomenológica, utilizada até mesmo para se delimitar o objeto, como uma trajetória inicial da pesquisa. Isso significa ir além dos constructos psicológicos rumo a um encontro mais congruente e direto ao tema enquanto experiência vazia a ser preenchida de acordo com o seu protagonista. Isto é, a fenomenologia admite um olhar para o objeto que quer apreendê-lo da maneira mais franca possível.

4.1.4.2. A Redução Fenomenológica

Este constructo teórico é fundamental no método fenomenológico clássico e, em síntese, consiste em uma abstenção de toda a experiência prévia acerca do objeto, não a negar, mas sim resguardá-la para que o fenômeno emergja a partir da experiência do outro e se mostre em sua plenitude. Assim como Ales Bello (2004) defende, a redução consiste em um método que se pretende alcançar a existência factual do fenômeno para que reste a estrutura vivencial (a essência) do mesmo.

A redução em si consiste na descrição delimitada da correlação entre o objeto da experiência e a experiência deste mesmo objeto, assim a redução se faz por um duplo movimento. Ela suspende a atitude natural subtraindo seu modo de *informar* o fenômeno e, concomitantemente, parte rumo à essência do fenômeno, abrindo-se à sua manifestação própria. Existem, todavia, diferentes vias de redução fenomenológica. Cada momento da pesquisa acentua o uso de uma via diferente.

Numa delas, usada na entrevista, quer-se rumar à experiência vivida pelo sujeito de maneira pessoal e singular. Trata-se de uma operação dialógica cuja dinâmica se inicia com a orientação *empático-psicológica* por parte do entrevistador, solicitando que, da parte do

entrevistado, se assuma uma orientação pessoal¹⁵. Essa nomenclatura tem o objetivo de evidenciar que o empático se refere à orientação do pesquisador à experiência do outro, acompanhando o que o outro vive; e o psicológico se refere não só à suspensão por parte do pesquisador, mas também pelo interesse à experiência do entrevistado, reduzindo a concretude empírica da experiência deste sujeito (Barreira, 2017).

Já a *redução psicológica*, que também é uma via possível da redução fenomenológica, acontece no momento em que a entrevista foi realizada e transcrita. Então o pesquisador lança mão desta orientação para retomar o que é experiência no percurso em que cada um deles relata. É um olhar cuidadoso, sem precedentes teóricos ou de outros relatos, que busca a experiência presente em cada relato transcrito (Barreira, 2017).

A *redução eidética*, uma outra maneira de manifestação de redução fenomenológica, é o momento em que há o reconhecimento do que há de comum nos aspectos intencionais encontrados a partir da *redução psicológica*. Pode-se dizer que é neste momento que acontece a redução à essência¹⁶, identificando padrões, tipos, similaridades, equivalências a partir da comparação dos relatos e de uma reflexão que busca a retirada de características acessórias do fenômeno, com o intuito de uma descrição crucial e cuidadosa que atinja resultados generalizáveis e contextualizadas (Giogi & Souza, 2010).

Entre esses conjuntos, passa-se à apreensão de seu momento dinâmico quando seu cruzamento intencional leva à redução às vivências¹⁷, reconhecendo-se agora as vivências intencionais constitutivas da experiência tematizada. É a esse movimento de comparação entre os relatos, a partir da suspensão, que se nomeia de *redução intersubjetiva* (Barreira, 2017).

Dessa maneira, trabalhar com uma pesquisa fenomenológica empírica não significa seguir os preceitos de uma objetividade instrumental, mas sim visar à explicitação descritiva das passagens procedimentais e analíticas que conduzem do problema à coleta, análise e resultados conclusivos. Procedimentalmente, a passagem entre a *orientação* empático-psicológica, com que se conduziu uma entrevista, e a *redução* empático-psicológica propriamente dita corresponde ao que Amatuzzi (2007) chamou de análise sistemática de registros de experiência. Os registros de experiência são acessados com a apreensão dos momentos significativos presentes nas entrevistas realizadas e transcritas. O que os faz significativos é serem expressivos não de fatos e informações, mas de experiências vividas, isto

¹⁵ Este conceito traz a ideia de uma orientação em que a pessoa se apodera da fala de si mesma, da forma como ela realmente viveu, neste momento o senso comum não fundamenta esta orientação

¹⁶ Redução eidética

¹⁷ Redução transcendental

é, expressões ocorridas quando o sujeito entrevistado assume uma orientação pessoal na interlocução. Por essa razão, a entrevista deve ser bem conduzida visando efetivamente a orientação pessoal do entrevistado e seus relatos de experiência - operação que será detalhada no próximo item.

A sistematização dos registros materializa a *redução* psicológica, o que significa ter uma descrição de como aquele objeto empírico, tematizado na entrevista, comparece para ele, isto é, como ele singularmente o percebe. Trata-se de uma redução à experiência que cada entrevistado faz. A partir disso, pode-se reunir o conjunto de registros e compará-los.

Por fim a *redução transcendental* busca ir além da redução eidética, uma vez que esta pretende encontrar um nível de descrição que atinja a essência universal do fenômeno em um nível psicológico, o saber apodítico, as vivências constitutivas do fenômeno, sem as quais ele já não seria mais este determinado fenômeno (Barreira, 2017)

O processo de comparação, com vistas à individuação de experiências essenciais ao fenômeno em questão, corresponde ao chamado *cruzamento intencional*, no qual outras vias da redução fenomenológica são colocadas em ação, a começar pela *redução eidética*. É, então, necessário destacar que os relatos dos atletas foram tomados em sua intencionalidade própria e constitutiva, buscando assim, a experiência intencional vivida. Após o detalhamento da entrevista fenomenológica foram discriminadas as operações do *cruzamento intencional* (Barreira & Ranieri, 2013; Barreira, 2017).

Segue, então, uma tabela com diferentes tipos de redução

Tabela 1- As diferentes vias da redução fenomenológica

Tipos de Redução	O que é?	Quando é utilizada?
Empático-Psicológica	Uma orientação que traduz um acompanhamento e condução do entrevistado em seu relato de experiência, embora durante o diálogo, o acolhimento da experiência seja mais relevante do que sua análise propriamente dita.	Entrevista fenomenológica
Psicológica	Uma orientação que permite a apreensão e descrição dos momentos da experiência conforme singularmente vivida pelo depoente, isto é, da	Primeiro momento da análise no procedimento chamado Cruzamento Intencional.

	experiência em sua dimensão existencial, possibilitando a compreensão desta	
Intersubjetiva	Uma orientação que pretende buscar os elementos intencionais constitutivos do fenômeno a partir da comparação dos agrupamentos de sentidos essenciais que atravessam a percepção de diferentes sujeitos.	Segundo momento da análise no procedimento chamado Cruzamento Intencional
Eidética	Uma orientação que opera agrupamentos de sentido que reúnem possibilidades da experiência assemelhadas conforme assinala uma apreensão intuitiva do pesquisador. Essas possibilidades que se mostram como categorias, são passíveis de ter variações essenciais à experiência, mas que ainda obscuro, é notado como ostensivo pelo pesquisador, acenando como um traço que lhe é interiormente essencial. Assim, cada agrupamento está reunido por algo que lhe é irrevogável.	Concomitantemente com o segundo momento da análise no procedimento chamado Cruzamento Intencional
Transcendental	Uma orientação que põe à prova novas variações imaginárias, guiadas pela <i>redução intersubjetiva</i> , procurando intencionalidades recíproca e irrevogavelmente válidas em atos e afetos pré-reflexivos que fundamentam a multiplicidade de suas aparições singulares. Busca acessar aquilo em que se torna possível a diferenciação típica das experiências, suas possibilidades de configurações, reduzindo-as a seus elementos últimos. Estes elementos são a estrutura vivencial originária da experiência que, em registro pré-reflexivo, não representativo, é correlativa ao fenômeno examinado no horizonte do mundo-da-vida, solo universal de toda possibilidade.	Última etapa da análise no procedimento chamado Cruzamento Intencional

Fonte: elaborada pelo autor.

4.1.4.3. Entrevistas fenomenológica

A entrevista fenomenológica consiste num processo de interlocução entre um

entrevistador e um entrevistado, em que a conduta do primeiro direciona a abordagem de uma temática específica, na qual o segundo expressa um relato oral pautado em sua própria experiência vivida (Barreira & Ranieri, 2013). Este tipo de entrevista tem seu início com base em uma abordagem da temática realizada a partir de uma primeira questão norteadora e disparadora, cuja característica é, além de ir ao encontro do objeto da investigação, guiar o processo da coleta. Sendo assim, visa-se que o entrevistado, por meio de uma narração em primeira pessoa, seja encorajado pelo entrevistador a descrever sua experiência própria. Cabe ao pesquisador, rumo ao esclarecimento do objeto da pesquisa, conduzir esse relato com perguntas que pretendem encaminhar o entrevistado para sua própria experiência. Este direcionamento, como papel do entrevistador, surge como fruto de um desconforto decorrente da captação de um sentido insinuado, aludido, ou, simplesmente, não compreendido pelo entrevistador. Então o entrevistador se encarrega de transformar esse desconforto em questões que vão, progressivamente, clarificando o fenômeno na medida em que, a cada resposta, venha à tona uma nova expressão que evidencie melhor sua experiência. Dessa forma, as questões propostas como intervenção pelo entrevistador, retomam algo desse vazio de sentido, cujo preenchimento não corresponde à verificação de uma hipótese ou concepção prévia do pesquisador, mas, a partir do que vem sendo solicitado por este, confere-se como um esclarecimento da experiência e sua elucidação, no momento da entrevista, por parte daquele (Barreira & Ranieri, 2013).

Esse vazio de sentido por parte do pesquisador é o que chamamos de *orientação psicológica*, ou seja, é a suspensão daquilo que se conhece sobre o assunto, seja pela consulta à literatura ou por outros relatos de experiências, para que o entrevistador consiga se direcionar exclusivamente à esfera da experiência do sujeito empírico que faz o relato.

Desta forma, o entrevistador deve estar profundamente atento em relação aos relatos dos sujeitos para efetuar intervenções que guiem o entrevistado a expressar sua experiência. Para este fim, esta atenção do entrevistador deve voltar-se para o que é chamado de fala primária, superando a fala secundária. A fala primária consiste numa narrativa proveniente da experiência pessoal do entrevistado em seu sentido mais próprio. Já a secundária está cheia de pré-definições, opiniões conhecidas e, muitas vezes, opiniões apreendidas do senso comum, em que o entrevistado não expressa nada de vivido em primeira mão, mas cumpre um pensamento sobre pensamentos já realizados, de certa forma, pensamentos prontos, já pensados anteriormente (Amatuzzi, 2007).

Dessa forma, por meio de suas perguntas, o entrevistador busca uma orientação do entrevistado que permita que ele se expresse a partir de suas próprias posições e experiências.

Ou seja, o entrevistado é conduzido pelo entrevistador a uma orientação que o leve a relatar como ele próprio vive os valores, percebe as coisas do mundo, se orienta, realiza suas ações, dentre outros. Seu relato é empírico e trata-se de uma condução para o estado do eu concreto empírico, pessoalmente posicionado em referência à sua experiência própria. A essa orientação, guiada para o entrevistado, se dá o nome de *orientação pessoal*.

Outro aspecto importante quando falamos de entrevista fenomenológica é a empatia. Faz-se necessário aqui justificar o termo empatia para a fenomenologia, pois este se difere do termo como usualmente aplicado para relatar algo como simpatia por outra pessoa, ou, como é mais usual em psicologia, a operação de se colocar na posição da outra pessoa.

Empatia, segundo Ales Bello (2006), é um ato da consciência, um ato de reconhecimento de um semelhante, ou seja, um outro ser humano, a ponto de permitir relatar o “nós”, a coletividade a partir da experiência vivencial de comunhão, em seu sentido estrito. Este ato permite distinguirmos pessoas de objetos comuns sem que seja necessário qualquer tipo de raciocínio. Deve-se atentar que o que se nota é a semelhança do outro com o *eu*, numa apreensão imediata de similaridade, portanto, não uma identidade, mas uma alteridade. Desta forma, podemos perceber que a empatia guia todos os movimentos de mudança de orientação que são operados no momento da entrevista.

Segundo Barreira e Ranieri (2013), a empatia está presente em toda relação humana, mesmo que se diferencie em seus graus. Este vínculo permite compartilhar elementos essenciais e determinantes do movimento subjetivo que só é possível se houver o trânsito da atitude natural para atitude fenomenológica¹⁸. Assim, “uma comunicação desse nível durante a entrevista está naquilo que é suscitado junto ao entrevistador pela experiência relatada do entrevistado, chamando sua atenção para o esclarecimento intersubjetivo que se faz num ir e vir dialógico.” (Ranieri & Barreira, 2010, p.5). Os autores ainda sublinham que, para o entrevistador, os seus objetivos devem estar bem claros enquanto fenômeno, devendo o mesmo sempre focá-los, reconduzindo, assim, a entrevista para a experiência vivencial, caso haja o desvio para a experiência imprópria, ou fala secundária.

Dessa forma, a entrevista fenomenológica constitui-se como um instrumento imprescindível para tal investigação, uma vez que busca a compreensão do que o sujeito está relatando, da maneira singular como ele viveu certa experiência, fornecendo assim expressões

¹⁸ Atitude natural, segundo Husserl (2006), não se atém com a crítica do conhecimento. Ou seja, a atitude natural nos é presente intuitiva e intelectualmente para as coisas que nos estão dadas cotidianamente. O autor ainda completa que a atitude fenomenológica implica o despertar da reflexão sobre a relação entre conhecimento e objeto.

que permitem reconstruir a experiência empírica em seu sentido vivido. Interessante notar que características fundamentais deste tipo de entrevista incluem o acionamento da empatia de modo a intermediar um tráfego dialógico guiado pela intenção de colher a experiência vivencial alheia. Esse movimento só se torna possível a partir do direcionamento, a partir da mudança de atitude natural para a empático-psicológica, por parte do pesquisador para que a expressão do sujeito tenha como fonte direta sua experiência vivencial, o que se faz quando o mesmo entra num modo particular de orientação pessoal, o do registro experiencial que dá lugar à fala primeira.

Outro aspecto relevante desta condição de entrevista é que ela, apesar de se qualificar reflexivamente, não se configura como uma entrevista reflexiva. Pois o objetivo desta não é apreender reflexões, mas é um procedimento em que, ao longo de seu decorrer, explicita experiências sem terem o intuito de que o entrevistado reflita *sobre* o assunto. Ao contrário, o objetivo é que a partir das questões do entrevistador, o entrevistado volte-se a si mesmo – e aqui acontece um movimento pré-reflexivo – mas com o intuito de efetuar um movimento expressivo, sem ficar pensando sobre o assunto, sobre porquês, articulações, razões, consequências etc., mas sim que um processo intuitivo o conecte com a própria experiência.

4.1.4.4. O cruzamento intencional

O cruzamento intencional é uma operação complexa que permite extrair da fala primária do sujeito o sentido comum a falas primárias de outros sujeitos entrevistados, mesmo sendo sujeitos distintos, com histórias e características distintas. Ou seja, em uma orientação pessoal, guiada pelo entrevistador, o entrevistado retrata toda sua experiência da forma como este a viveu¹⁹. Após isso, o cruzamento intencional tem a finalidade de, a partir da comparação, apreender o sentido comum dos relatos dos outros entrevistados da maneira que eles viveram determinada experiência.

Apesar da busca pela fala primária, a fala secundária também tem um papel importante neste momento da análise. Ou seja, a partir da problematização e escavação das falas primárias pode ainda haver algum sentido aludido, ou que poderia ser complementado para informar mais claramente a multiplicidade das experiências essenciais do sujeito. É aqui que a fala secundária²⁰ destaca, é na incompreensão integral das falas primárias que as falas secundárias têm seu papel, podendo complementar ou confirmar questões que possam ter surgido a partir do emparelhamento das falas primárias.

¹⁹ Isto é a fala primária

²⁰ A fala secundária consiste na fala em que o sujeito não retrata a experiência da maneira como ele viveu, muitas vezes ele parte do senso comum, de outras opiniões ou comportamentos aceitáveis.

Dito de outra forma, Barreira e Ranieri (2013) afirmam que este processo consiste em comparar as entrevistas mantendo o foco na busca de sentidos comuns, ou seja, examinam-se as múltiplas manifestações de um determinado fenômeno, a fim de descrevê-lo naquilo que lhe é essencial, captando-se as experiências essenciais que lhe constituem.

Nota-se que, de uma maneira conceitual, os relatos das experiências transcritas no *cruzamento intencional* têm um papel na pesquisa fenomenológico-empírica que pode ser comparado ao que Husserl, em *Meditações Cartesianas*, reconhece por *variação imaginária*, mais precisamente no que ele descreve como diferenciação deliberada do fenômeno. Outra comparação possível ocorre quando é exigido que o pesquisador se posicione como eu-puro na orientação fenomenológica, que é reconhecido aqui por *redução intersubjetiva*. Esta mudança de orientação exigida nessa fase da análise está comparativamente ligada ao que na filosofia chama de *variação imaginária*²¹.

Utilizando uma conduta comparativa para com os elementos essenciais da percepção dos sujeitos distintos, a redução intersubjetiva alcança a essência do fenômeno. Sendo assim, operam-se dois tipos de análise intencional. O primeiro com um intuito descritivo e tipificador, buscando reduzir o objeto estudado à essência da experiência vivida pelos sujeitos, ou seja, às experiências comuns. Desta forma, a redução intersubjetiva contribui com a redução eidética - que figura uma ação determinante - no momento em que descreve de maneira essencial os limites da variação empírica apresentada nos relatos²². Já a segunda pretende pressionar o *cruzamento intencional* ao máximo, invertendo a lógica.

É importante notar que a redução eidética não perde seu caráter indispensável, no entanto não é mais admitida como determinante no momento em que é subordinada à redução intersubjetiva. A variação empírica é um ponto de apoio imprescindível, mas não suficiente para operar uma redução direcionada e orientada pela via intersubjetiva.

Neste momento os limites empíricos da redução psicológica e do cruzamento eidético entre essas reduções deverá ser colocado em cheque pela variação imaginária, não se atendo mais à descrição de modos típicos ou momentos essenciais da experiência examinada. Este é o momento de acesso ao que torna possível a diferenciação típica das experiências, sua multiplicidade de configurações, reconhecendo-as em seus elementos primários. São estes os

²¹ É a suspensão do eu-empírico (retirada de circuito do homem natural) do próprio agente da reflexão

²² Os resultados de uma redução assim poderão variar. Uma de suas possibilidades comuns é aquela que se assume no enquadre do que, em fenomenologia clássica, pode ser chamado subjetivo-relativo. Nesse caso, em muitas pesquisas de perspectiva qualitativa, não é incomum que os pesquisadores entendam e declarem que seus resultados só têm validade restrita a um contexto determinado, ao grupo examinado, sem qualquer pretensão de generalização

elementos que edificam a estrutura vivencial originária da experiência que, em um registro pré-reflexivo²³, é correlativa ao mundo-da-vida examinado. A este último momento se dá o nome de redução transcendental, que se opera encontrando as vivências constitutivas sem as quais as diferentes possibilidades de ser do fenômeno seriam um *non-sense*.

Dessa maneira, esse procedimento procura atravessar características acessórias ou acidentais, sem negá-las ou excluí-las²⁴, mas utilizando-as para deixar mais transparente as características essenciais do fenômeno.

Importante considerar que, ainda segundo Barreira e Ranieri (2013), o cruzamento é intencional por ser, em primeira instância, um ato deliberado do pesquisador. De mesma forma, esta nomenclatura compreende também o fato de que se dirige à intencionalidade própria ao fenômeno estudado que vai se revelando pelo contraste das experiências distintas relatadas.

4.1.4.5. Recrutamentos

O recrutamento foi realizado em clubes esportivos em que houvesse atletas que pudessem compor a especificidade da amostra. Os Superintendentes dos clubes foram consultados e, quando autorizaram, o contato direto com os atletas foi realizado em seu local de treinamento. Após esclarecer os objetivos da pesquisa, os procedimentos éticos e as possíveis dúvidas, os 24 atletas que concordaram em conceder entrevista foram consultados quanto a um agendamento com data e horário convenientes para a realização da entrevista. Nessa ocasião, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado e os esclarecimentos éticos explicados em detalhes. Somente após a concordância com o termo e assinatura do mesmo a entrevista foi iniciada.

O local em que esta etapa foi realizada foi o mesmo onde ocorre o treinamento esportivo dos próprios atletas. É lembrado que a condição *sine qua non* para a realização da entrevista foi a existência de privacidade para que a mesma ocorresse sem interferências e testemunho de terceiros.

4.1.4.6. Participantes

Seis participantes de cada modalidade foram entrevistados. As instituições para cada modalidade foram abordadas pessoalmente pelo pesquisador, que conseguiu a amostra para o basquete na cidade de Franca, no interior de São Paulo. Os atletas do tênis se diferiram pela instituição, sendo três de Ribeirão Preto, também no interior do estado de São Paulo, e três em uma instituição na grande São Paulo. Já em relação aos jovens do atletismo, foram entrevistados

²³ Não representativo

²⁴ Que no caso dessa investigação pode aparecer como particularidades das modalidades que serão contrastadas e também particularidades dos sujeitos praticantes das modalidades.

seis atletas de uma instituição em Belo Horizonte. E por fim, cinco atletas do futebol foram entrevistados em uma instituição da grande São Paulo e um de uma instituição de Ribeirão Preto. Assim totalizando os 24 atletas pertencentes a instituições de diferentes cidades.

Tabela 2 – Participantes do Estudo

Modalidade	Natureza	Nº de entrevistados	Faixa etária	Categoria disputada	Local da Instituição
Atletismo	Individual	6	16 - 18 anos	Juvenil (16 - 19 anos), sub-23 (16 - 22 anos) e/ou adulto (16 - 40 anos) – masculino	‘Belo Horizonte-MG
Basquete	Coletivo	6	16 - 18 anos	Sub 17 – masculino	Franca – SP
Futebol	Coletivo	6	16 - 18 anos	Sub 17 - masculino	São Paulo-SP e Ribeirão Preto – SP
Tênis	Individual	6	16 - 18 anos	Infanto-juvenil e juvenil - masculino	São Paulo-SP e Ribeirão Preto – SP

Fonte: elaborada pelo autor

4.1.4.7. Considerações éticas

O projeto de pesquisa foi primeiramente submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto. O pesquisador, cadastrado na Plataforma Brasil, zelou pelos prazos estabelecidos no cronograma apresentado ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Mediante a avaliação e aprovação, o pesquisador foi a campo apresentando para os responsáveis pelos atletas dentro dos clubes um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, para os atletas, que eram menores de 18 anos, o Termo de Assentimento. Já as instituições envolvidas receberam um documento com esclarecimento sobre a pesquisa e solicitando a autorização para a realização da mesma. Esses cuidados visaram informar aos participantes, às instituições e aos responsáveis sobre todos aspectos envolvidos na pesquisa e garantir que estes não sofressem nenhum prejuízo ao participar da pesquisa. O atleta teve total liberdade para interromper sua participação se e quando achasse necessário. Além disso ele foi

informado e assegurado sobre o sigilo das informações divulgadas. Após a obtenção das devidas autorizações, os vinte quatro participantes foram entrevistados pelo pesquisador, sendo todas as entrevistas gravadas e transcritas na íntegra.

5. Resultados

Fundando-se nos relatos dos sujeitos e em sua análise intencional como fora descrita, foi possível compreender e realizar a descrição do horizonte de experiência essencial destes atletas. Vale lembrar que foram realizadas vinte e quatro entrevistas nas modalidades de atletismo e basquete, tênis e futebol, seis atletas em cada modalidade.

Importante se atentar que os resultados pretendem elucidar o formato desta experiência, de maneira que esta matriz seja comum a estes atletas nesta condição específica. Isto é, se o atleta se deparar com estes resultados ele será capaz de identificar a estrutura da sua experiência, porém esta matriz não é especificamente da experiência individual de si. A partir do molde reconhecido, ele o vai preenchendo com as próprias experiências, tendo desdobramentos no modo como esta vivência estrutural se configura para ele e, desta forma, exige um posicionamento próprio.

Para cumprir com uma exigência didática, os resultados se apresentam de maneira decrescente, ou seja, se pretende aqui ir dos primeiros achados da experiência que são descritas como características da modalidade rumando para o que há de essencial dos resultados que são as experiências vivenciais de maneira pura.

Para um melhor entendimento deste movimento, pode-se fazer a analogia ao exercício profissional de um arqueólogo que começa seu trabalho escavando as primeiras camadas com muito cuidado rumando ao que está mais profundo (Ales Bello, 1998). Dessa maneira serão, então, apresentados os resultados, indo de características importantes até alcançarmos a essência da experiência em questão descrita nas unidades de sentido.

5.1. Especificidades das modalidades

Foram encontradas dissimilaridades entre as quatro modalidades investigadas. Algumas diferenciações destes ambientes esportivos foram identificadas e, portanto, a etapa inicial – e superficial – dos resultados pretende adentrar e explicitar questões inerentes ao contexto de cada uma dessas modalidades.

5.1.1. O atletismo

Por ser um esporte individual, o técnico pode assumir um papel de mentor particular, pois ele trabalha de maneira bem próxima ao atleta, auxiliando, contribuindo e, às vezes, até determinando as decisões do atleta ao longo do trabalho juntos.

Pode ser percebido como essa característica se desdobra ao processo de detecção de qual a prova em que o atleta se encaixa melhor no atletismo, ou seja, em qual prova ele tem mais chance de se sair vitorioso. Isto está intimamente ligado à relação técnico atleta. Podemos ver

essas relações nos relatos seguintes:

“Isso já é o treinador que escolhe, as minhas provas ele vê aonde eu tenho mais habilidades pra eu poder me dar bem nas provas, aí é ele que escolhe” A4

“Depois de um certo tempo ele fez umas experiências, umas pesquisas comigo lá e eu consegui desgrudar do ciclo e consegui evoluir mais” A6

“Ah eu vi que, tipo assim, você pode achar que está bem em uma prova, mas quando o treinador, que é mais experiente, vê realmente que você não está bem na prova ele tenta outras e outras provas aí com o tempo você vai ganhando experiência em várias provas” A5

Outro aspecto interessante a ser explicitado diz respeito ao caráter quase desconhecido sobre o que de fato é a modalidade, como ela se constitui, quais provas e um desconhecimento sobre os projetos e/ou categorias de base que oferecem essa modalidade de modo mais profissional. Isto é evidenciado no relato:

“Foi através de um projeto de (Cidade não revelada), eu estudava em tal escola, aí passou uma moça que passava dando recado em todas as escolas perguntando se alguém queria fazer um teste para o atletismo. Ela me viu no corredor, eu vim e fiz o teste aqui e passei.” A6

Há também uma outra característica, que é comum a outros contextos esportivos também, que é a chance de alargamento de possibilidade de experiências diversas a partir do ingresso nas categorias de base. Ou seja, estar ao lado de um atleta profissional, viajar para lugares nunca visitados, conhecer pessoas novas, entre outras oportunidades que provavelmente só seriam possíveis estando em uma categoria de base como eles se encontram neste momento.

“É isso mesmo, tipo, conhecer esses negócios, conhecer outros lugares e tal abrir a mente, poder fazer isso” A1

“Viajei muito também, conheci pessoas novas em outros Estados, conheci vários amigos” A6

A questão financeira é sempre citada e muito considerada nas decisões no percurso destes atletas de base. Isso é relevante pois pode assumir papel determinante na saída ou permanência deste atleta no contexto esportivo.

“Aí a gente tinha muito gasto pra vim pra cá. Hoje não, hoje a gente já tem mais acesso aos transportes.” A4

“Competição a semana que vem, mas meu foco mesmo é o brasileiro interseleções, né? Porque da bolsa, que já ajuda muito a questão de alimentação, essas coisas que ajuda bastante, né?” A5

E, por fim, uma outra característica inerente a todas as modalidades encontradas foi a gratidão por estar nesta condição de atleta de base, pois segundo eles, muitos queriam ocupar

os seus lugares, entretanto são eles os escolhidos, e este fato lhes atribui a responsabilidade de efetuar determinada atividade com responsabilidade e dedicação. Vemos isto acontecer no seguinte relato:

“Ah, eu acho que pra mim é tipo um, eu tenho que pegar e valorizar, né? Porque não é todo mundo que tem uma oportunidade que nem essa que eu estou tendo que é de fazer parte da categoria de base, que tem muitos que desejam, mas não tem a oportunidade” A1

Sobre os desdobramentos de ser fruto desta escolha, fica claro que muitas vezes ela transborda para a família, para amigos, ou pra qualquer outra pessoa, que pode atribuir uma importância desregulada ao atleta. Este jovem, então, pode sofrer ou não saber lidar bem com isso, trazendo prejuízos a suas vidas

5.1.2. O basquetebol

No ambiente esportivo das categorias de base do basquete também foram encontradas algumas características comuns. Dentre elas, duas são similares às características encontradas no atletismo. A primeira é chance de alargamento de possibilidade de experiências e oportunidades:

“Acho que o esporte nos proporciona sensações maravilhosas, que uma delas é você ter oportunidade de conhecer cidades, conhecer Estados, como eu falei, com 13 anos eu tive oportunidade de conhecer Mar Del Plata, tive oportunidade de conhecer outros países.” B6

“Ah, já conheci vários lugares pelo basquete já, fui pra Argentina, [...], fui pra lá, e, a gente viaja por todas as cidades aqui perto, São Paulo a gente vai direto.” B2

Já a outra, diz respeito à gratidão e à responsabilidade por estar em um lugar onde muitas outras pessoas desejam estar. Isso fica claro neste relato:

“Ah, o que eu falei é uma coisa que eu tenho que valorizar bastante, porque tem muitos moleques que queriam estar na categoria de base, jogando na Federação, e não estão. Tipo, não conseguiram passar em teste, não conseguiram um time, é uma coisa que eu meio que me orgulho também, que tipo, eu tô aqui já, eu consegui chegar até aqui” B4

Além disso, outra característica que se evidenciou foi o papel do técnico na permanência do atleta na quadra, isso pode ter reflexo no desempenho e na relação treinador-atleta. Então, o técnico como gestor de aproximadamente 12 atletas, cinco em quadra e os outros sete no banco dos reservas, tem que lidar com esta situação.

“A pessoa pode não gostar de você, mas se for seu técnico, você pode não gostar do estilo de jogo dela, mas você tem que respeitar.” B6

“Tipo eu não tinha tempo de quadra, eu jogava 15 minutos por jogo e não recebia a bola, e eu ficava lá só correndo de um lado pro outro” B4

“Eu briguei com o técnico por que eu não jogava, não tinha tempo de quadra, aí fui ficando nervoso com isso” B2

Há também uma característica identificada que diz respeito ao relacionamento interpessoal no grupo de atletas, já que o basquete é um esporte coletivo.

“Ah, a gente tem uma amizade fora da quadra. Isso é ótimo, você ter um grupo unido, você ter uma convivência fora da quadra, quando você entra na quadra te proporciona uma experiência incrível, realmente faz a diferença você ser unido.” B6

“Também por unir bastante o time sabe, todo mundo é amigo de todo mundo, tipo, viaja fica cada um pra um lado sabe, sempre está junto, eu acho importante isso, por que o basquete é união, jogo coletivo” B2

Sendo assim, foi identificado que o que eles vivem com o grupo de atletas do mesmo time pode ter um valor importante na constituição da experiência deste atleta na modalidade.

5.1.3. O tênis

Assim como nas duas outras modalidades citadas, o contexto esportivo do tênis também tem suas peculiaridades. Elas foram identificadas conforme o que se manifestou nos relatos e trazem alguns aspectos parecidos às outras, assim como muitos aspectos diferentes. Um aspecto comum é o do alargamento de oportunidades a serem experienciadas a partir do tênis, mesmo que estes atletas venham, em sua maioria, de um abastado contexto social. Podemos ver no relato abaixo que, por eles jogarem tênis, podem ter, por exemplo, a oportunidade de cursar uma faculdade fora do país.

“Então, com o treino do tênis eu consigo uma bolsa pros Estados Unidos para uma faculdade se eu estiver jogando bem, quando eu já tiver mais velho, quando eu tiver com 18 anos. Aí ia ser bem interessante ir pros Estados Unidos, fazer faculdade lá com bolsa e continuar jogando tênis” T1

“Só que minha perna já está coçando de novo, quero viajar, quero viajar velho, quero viajar, aí tipo, quero jogar torneio, por que quando você quer jogar torneio você vai pra viagem, não só para passeio, essa parte eu não fui ainda, só que eu busco aproveitar o máximo que eu tive lá. Se eu estiver em um jogo eu vou focar no jogo, caso contrário, se eu tiver perdido, se eu tiver um tempo livre eu vou conhecer um pouquinho a cidade.” T6

Uma outra característica evidente é que o tênis, esporte individual, traz consigo um estímulo à independência do atleta. Ou seja, ele é incentivado e reconhecido por arrumar sua mala/raqueteira, organizar seus horários, seus treinos. Quando está em torneio isso fica mais evidente, pois não é sempre que seu técnico o acompanha.

Esse aspecto da independência também é muito cobrado dentro da quadra, pois como esporte individual fica evidente que o jovem tem que lidar com situações inusitadas durante a partida, e tem que lidar com elas sozinho. Podemos ver isso nos seguintes trechos:

“Você tem que se virar, essa experiência assim no tênis é muito importante tanto pra gente levar pra vida assim que você, pra você ser independente ali, cumprir os seus deveres, suas coisas que você deve fazer.” T3

“Você viaja sozinho né, só com as pessoas daqui do treino mesmo, e é uma experiência pra vida, é bom, você aprende a se virar, até em outros países. [...] os horários dos jogos saem no dia anterior e de noite, então tem que ficar esperto, olhar horário por que tem vez que sai depois da meia noite por causa de atraso e, às vezes, você vai jogar as 8 horas da manhã e você não pode dormir sem ver o horário, então você tem que ser responsável por isso de horário, porque no dia seguinte, no dia do seu jogo você tem que acordar bem, se alimentar bem” T1

Outra característica que parece ser decorrente deste perfil individual dos atletas de tênis é a possibilidade de abertura às novas amizades destes atletas, principalmente em torneio.

Estas competições são frequentadas em sua maioria por atletas, nem sempre os técnicos podem estar presentes, assim como os pais. Portanto, esse estímulo à independência pode ter reflexos na abertura que este atleta tem para fazer novas amizades dentro do torneio, como evidenciam os dois trechos iniciais apresentados a seguir. Outra característica encontrada no tênis se refere ao caráter perde-ganha da modalidade, como vemos nos dois últimos trechos sequenciais:

“Mais amigos tipo, eu já conhecia com quem... eu ia jogar contra uma pessoa, eu já conhecia quem era ela por que eu comecei a jogar mais torneios sabia quem era as pessoas, comecei a saber mais dos torneios e tudo assim.” T5

“Você acaba fazendo novas amizades, e muita gente que eu conheço hoje eu lembro de que[...] dos tempos atrás que já jogaram torneios comigo.” T4

“É um grupo, nos torneios eles eram divididos em GA e G1. No GA ficavam divididos os melhores ranqueados do Brasil, até os 32 melhores na época que eu estava, até os 32 melhores do Brasil entravam no GA. Era muito bacana assim, motivava os atletas, me motivou principalmente a querer estar nesse grupo. [...] e, além do que é algo que motiva os atletas a quererem porque é uma sensação muito boa assim você estar no meio dos atletas [...] é algo muito legal assim que motivou e me motivou muito a querer estar dentro daquele grupo assim. [...] Quando você tá lá, você se sente, eu me sentia orgulhoso de conseguir assim algo satisfatório, de você, “pô, eu estou no meio dos melhores do Brasil”, com 14 anos, é uma sensação muito legal, eu gostava muito porque “pô eu vou estar no GA” então você está no meio dos atletas melhores e uma sensação muito boa.” T3

“Aí o primeiro ano de 14 foi ruim, tipo, perdendo assim, pra caramba. Aí no segundo ano de 14 assim eu comecei a ganhar resultado [...]. Aí fui levando assim, e aí, quando eu fui ver eu já estava no nível dos caras que já treinava todo dia e foi aproximando assim, fui indo bem. Aí no primeiro ano do 16, que foi o ano passado, aí eu comecei a treinar todos os dias” T2.

Os atletas sempre trazem as derrotas e as vitórias como *feedbacks* para manutenção a sua prática, ou seja, eles consideram muito seus resultados, que por serem individuais, geralmente são reconhecidos por eles mais claramente como critério da qualidade de seu tênis.

Importante também salientar que, de todos os atletas que disputam um torneio – trinta e dois na maioria das competições –, apenas um sai vencedor.

5.1.4. O futebol

No futebol, repetem-se algumas características similares a outras modalidades, como por exemplo a chance de alargamento das experiências através de oportunidades que são oferecidas a eles como atletas de categorias de base. Ou seja, o esporte de formação pode oferecer oportunidade de viagens a lugares nunca imaginados, o ganho de material esportivo via patrocínio, possibilidade de representar cidades, pessoas, instituições e até o país. Isto aparece nesses trechos a seguir:

“Incrível, né?! Porque é como eu falei, eu não faria essas viagens com 17 anos. Então, é o que eu faço hoje, essas viagens eu não faria, por que, uma que eu não tenho dinheiro, todo mundo da minha família é... Com baixa condição de dinheiro, e outra que, é... é... Aonde que eu vivo ninguém pensa em viajar, o máximo é ir pra praia, e essas viagens foi interessante, felicidade, só isso” F1

“Começa a ganhar chuteira de patrocinadores, então você acha que você é o bam bam bam” F5

Um outro ponto relevante acontece no momento da entrada na categoria de base. Geralmente há um aconselhamento/apadrinhamento (olheiro, técnico, ou alguém do meio do futebol) no início para seguir uma carreira mais séria, ingressar em categorias de base de fato. Muitas vezes isso soa como uma predestinação a praticar o futebol, uma espécie de dotação de dom a essa criança. Eles se sentem premeditados, detentores de um mérito especial. A partir daí começa a peregrinação (da família toda, em sua maioria) rumo a uma ascensão social a ser conquistada no meio do futebol e a partir do futebol.

Isto fica claro nas passagens mostradas:

“Meus treinadores falavam, [...]que eu tinha um dom que dificilmente tem,[...] eu tinha um dom que poucos teriam, poucos têm, né? Ou muitos, até. Mas eu falei “ah, já que eu tenho, por que não continuar, né?” F2

“Então, um garoto de 17 anos, ‘cê’ tá no futsal, ‘cê’ tá no campo, ganha um dinheiro legal, ‘cê’ tem uma proposta pra receber mais que o dobro do que você ganha, eu achava... é muito difícil. Eu sempre tive um acompanhamento psicológico, tenho uma tia que é psicóloga. Mas, querendo ou não, sobe pra cabeça.” F5

“Ele me viu e eu pra eles era diferente, me viu e me levou para o São Paulo para fazer teste, aí eu fiquei um tempo.” F1

Ser mandado embora de uma equipe é muito comum. Então, é frequente que eles continuem tentando atuar em outros clubes. Nesta caminhada são levados em conta o reconhecimento do investimento de esforço e o julgamento deste investimento. Quer dizer, é

considerado se todo o esforço empregado está ou não valendo a pena. O desenrolar deste julgamento pode evocar dor e o sofrimento ao atleta e, muitas vezes, à família dele também.

Outra peculiaridade do contexto do futebol nas categorias de base consiste no aspecto grupal que circunscreve a experiência dos atletas do futebol, entretanto é parecido com o vivenciado com os atletas do basquete, talvez por ambos serem esportes coletivos. Podemos notar nestes trechos:

“Tanto a convivência com outras pessoas, que é uma coisa muito complicada. Tem pessoas de todo país aqui. De todo Estado, né? Maranhão... todo lugar... de Brasília, gente do Estado de São Paulo, até do Acre. Então, cada um tem uma vivência. E eu pude aprender a ter uma vivência diferente com cada pessoa.”
F6

“Ah... viver tudo isso como na vida né, viver tudo isso é muito bom, viver o dia-dia aqui, o dia-dia com os amigos né, ter amigos novos aqui, querendo ou não eu vivo aqui, então eu tenho uma família aqui, que todo dia aturando meus amigos, haha, é legal né, mas acabo ficando mais tempo aqui do que em casa, então a vivência disso daqui é legal” F3

Importante lembrar que eles, em sua maioria, passam a maior parte do tempo juntos por conta da alta demanda de horas empregadas aos treinamentos, viagens, e compromissos inerentes a esta prática.

5.2. As unidades de sentido

Aqui se inicia a etapa dos resultados que são tidos como essenciais da experiência vivida por este jovem, as unidades de sentido verdadeiramente ditas. Isto é, neste momento os resultados apresentados são dotados de uma maior profundidade que permite atingir a espessura essencial deste fenômeno, deixando para trás as características que não atingem essa espessura.

As unidades de sentido não correspondem à integralidade de nenhum relato específico, pois se fazem pelo desconto da singularidade da experiência de cada atleta em favor da apreensão daquilo que, no cruzamento intencional, se desvela como genérica e plasticamente constitutivo da experiência tematizada aqui. A análise, portanto, permite ir além das experiências individuais apreendidas nos relatos e, através do método já detalhado, se dá um passo adiante, rumo à estrutura vivencial dessa experiência pesquisada. Ou seja, atinge o que é comum à experiência pré-reflexiva que situa todos os atletas que se encontram nesta condição.

Desta forma, esses resultados cumprem a descrição da estrutura vivencial da experiência vivida por esses atletas de categoria de base. Sendo assim, os elementos que caracterizam o fenômeno estudado serão descritos em alguns temas, que pode-se chamar também de vivências. Eles se entrelaçam entre si, se diferenciando em unidades de sentido que têm seus relevos identificados no contraste pertinente às operações analíticas designadas pelo cruzamento

intencional. São eles: *Carreira atlética e cultura esportiva*, *Decisão existencial*, *Empenho*, *Restrições e Valores*. Eles serão abordados separadamente, mas uma alternativa mais ilustrativa é entendê-los como a figura a seguir (figura 1), sugere:

Figura 1: Balança da Decisão

Fonte: elaborada pelo autor.

5.2.1. Carreira atlética e cultura esportiva

A categoria de base se propõe a ser um estágio de formação de atletas profissionais. Dessa forma, traz em sua configuração exigências técnicas, responsabilidades, compromissos. Com divisão por ano de nascimento, esse treinamento esportivo vai ganhando um caráter cada vez mais profissional com o passar dos anos, exigindo mais dos futuros atletas. Essas exigências gradativas ocorrem de forma explícita, no aumento de carga de treinamento, ou seja, com o passar dos anos, as horas de treinamento tendem a aumentar gradativamente, o que é coerente com o fato de que os treinamentos e os desempenhos vão se tornando cada vez mais intensos e qualificados física, técnica e taticamente em suas especificidades.

Junto a essas exigências gradativas que vão ocorrendo com o passar do tempo, o cuidado com o corpo aparece de forma análoga a esse aumento das exigências neste contexto. Eles começam a enxergar implicações diretas na utilização do próprio corpo para o máximo rendimento desta atividade.

Imerso neste contexto de exigências e seriedade com o corpo e com os treinamentos, evidenciam-se as amizades, as uniões, aspectos solidários, os conflitos, inerentes à convivência frequente entre eles. Isso vai se tornando cada vez mais regular, já que, de acordo com a carga aumentada de treinamentos e com as competições em comum, eles vão tendo oportunidades de

compartilhar, paulatinamente, experiências comuns.

Interessante notar como essa exigência de seriedade impõe constantemente a este atleta de base posicionamentos sobre essa atividade. Ou seja, eles vivenciam essas exigências e elas estão sempre rumando para as *decisões existenciais* que estão baseadas no consentir ou não com este mundo do esporte que, para eles, está se tornando cada vez mais profissional. Isso se desdobra em uma reivindicação de posicionamento em meio às situações que estão interligadas com as *restrições, empenho, e seus valores*.

As experiências de amizade, união, conflito e solidariedade se mostram como uma expressão da experiência comunitária que eles percebem neste contexto. Dedicando-se às mesmas experiências e tarefas, passando pelos treinamentos juntos, estes garotos descrevem um caráter de reconhecimento do outro em um mesmo contexto. Isso não é diferente para os jovens do atletismo, a despeito de ser uma modalidade de competição individual.

Estes trechos descrevem como estes atletas foram gradativamente se adaptando a este contexto de *carreira atlética e cultura esportiva*:

“De princípio assim, eu achei que era bem difícil. Mas, quando eu fui progredindo, assim, eu fui vendo: 'Ah não é tão difícil quanto eu achava'. Tipo, aí eu fui (...) pegando, aprendendo direitinho, fui ficando forte, experiente assim.” (A1)

“[...], eu falei que treinava quarta e sábado, era no máximo 1h30 de treinamento, [...]. Quando os treinos começaram a ficar mais intensos e mais sérios pra competição, aí eu comecei a treinar segunda, quarta, sexta e sábado. [...] a gente precisou de treinar segunda, terça, quinta, a gente só não treinava duas vezes na semana que era quarta e domingo, que era meus dias de descanso. Quando eu mudei de categoria do mirim, [...] aí eu comecei a treinar todos os dias, menos domingo, aí meus dias de descanso “é” só domingo, mesmo assim tem ainda muitos dias que a competição é sábado e domingo, então eu não descanso domingo.” (A3)

“Depois de 3 vezes eu já fui pra todo dia, né? Que foi aos 12 anos, que é com 11 anos eu comecei a treinar 4 vezes e aos 12 eu comecei a treinar todo dia, que foi o ano que eu comecei a competir mesmo, brasileiro, que aos 10 e aos 11 eu só jogava paulista, né? Que é torneio que só tinha em São Paulo. Aí quando eu comecei a jogar brasileiro, foi o ano que eu entrei assim no circuito brasileiro. Eu comecei a fazer mais resultados.” (T5)

Estes atletas apreendem o aspecto de adaptação gradativo que demanda mais *empenho* da parte deles. Tem-se então um processo de transformação daquilo que era “bem difícil” em algo que, graças à experiência e à força empenhada, se torna “não tão difícil” quanto ele achava - mas que, em muitos casos, trata-se de algo que seria considerado de fato desafiador pela maioria das pessoas. Já no segundo relato o atleta traz essa experiência de aumento de treinos gradativos, o que cobra um posicionamento frente a estes treinos que elimine até os próprios dias de descanso.

Nos trechos a seguir, pode-se explicitar algumas possíveis articulações pessoais, baseadas em *valores*, *empenho* e *restrição*, com o aspecto comunitário da *carreira atlética e cultura esportiva* presentes neste contexto:

“É que, desde quando eu comecei a jogar basquete eu, da escolinha, sempre foi muito dividido, sabe? Tinha uns grupinhos nos times, sempre que foi assim, sempre teve os grupinhos. E quando eu entrei na aspa, tipo, todo mundo meio que se conhecia sabe, já? Aí, formou, tipo, juntou todo mundo e não ficou esse grupinho (...) e faz quatro, três anos que a gente tá junto sabe? Então, é, todo mundo, é muito unido. Então, não tem aquela coisa, de chamar pra sair... Chama o time inteiro, não tem aquilo de vou chamar esse, mas não chama aquele lá, não. Tipo, sabe? Tipo, sempre que vai sair, vai quase o time inteiro, se não foi é por que não teve como ir e, eu acho isso muito importante, por que, mesmo dentro de quadra, sabe? Quando um cara “ta” mal, não tá conseguindo jogar aí, tipo, a gente vai, fala, dá o apoio pra ele, sabe? Não é aquela coisa sabe: 'ah aquele cara é ruim, você não sabe jogar'. Está sempre ajudando o próximo[...] Ah eu acho isso muito bom, porque a gente vê por aí que não é todo mundo que é assim. Igual a gente viu falando, nos outros times tem muito grupinho. Igual, a gente joga em vários lugares, sabe? Os times, “os cara” tá lá aquecendo, e a gente aquece sempre junto, e os cara tá, tipo, cada um em um canto, um tá alongando outro arremessando e acho que isso aí meio que desestrutura a equipe assim, a união, por que um erra o cara vai xingar ele, aí eu acho isso meio ruim, mas na nossa é até, é boa.” (B2)

“Ah, conflitos tipo, tem amigos, mas também tem muitos invejosos. Tipo, aqui, tem muito isso, muita pessoa que quer o seu bem, mas que quer o seu bem não querendo que você seja melhor que ele. Isso aqui tem demais aqui e, é pessoas que quer que você cresce, mas que não quer que cresce mais que ele.” (A2)

“Eu consegui assumir a liderança da equipe, virei o capitão, tô com uma... cheguei aqui e é complicado a gente chegar num time grande, todos querem o seu lugar e você chegar do nada e pegar o lugar de todo mundo, entendeu? Então começam a olhar pra você diferente, excluírem. Eu sou um cara que sempre fiz amizade muito, muito fácil. Então eu busquei, passei alguns, como meu pai diz, paguei alguns patos aqui, né? Porque a gente sabe que a gente quer entrosar com um, ele olha pra você, vira as costas e vai conversar com outro, ‘cê’ quer conversar com outro.... mas aos poucos eu tive persistência, fui conversando e hoje eu posso falar que eu sou amigo do time inteiro.” (F5)

“Eu gosto de evoluir, sempre, sei lá ter novos desafios, ter adversários melhores e também tipo, nos torneios você acaba fazendo algumas amizades, eu tenho muitos amigos do tênis, que você, que ajuda você a treinar também, mas também tipo, tem bastante parceiro assim, não deixa de ser” (T2)

Nestes relatos fica claro como estes atletas se baseiam nos seus *valores*, *empenho* e *restrição* para passar por estas experiências comunitárias. Ou seja, no primeiro relato pode-se observar *valores* de “união”, como expresso pelo entrevistado. Porém, há também um reconhecimento de que este aspecto solidário não é constante em todas as equipes e se identificam, a partir da sua maneira de perceber, algumas atitudes diferentes de atletas de outras equipes. Já o segundo relato mostra um desdobramento do aspecto comunitário em conflitos. Ou seja, a cobiça pelo desempenho esportivo do seu par para este atleta é vivenciada como conflito.

5.2.2. Decisão existencial

Ao olhar esse horizonte de experiências vividas pelos atletas a partir da análise dos relatos transcritos encontra-se um achado fenomenológico, a *decisão existencial*. Esta se configura como o mais importante elemento dentro dos resultados encontrados. Ela salta aos olhos, ou seja, ela se mostra como permanente nas experiências vivenciadas por estes garotos. Eles são obrigados a fazer escolhas, a tomar *decisões* e vão compondo seu horizonte existencial pautando-se na própria experiência esportiva.

Esta *Decisão Existencial* é constante na trajetória que estes jovens vivem desde a iniciação no esporte. Cada um passa por esse processo e vai se formando subjetivamente nessas decisões, a partir do *Empenho* e das *Restrições*, circunscritas pelos *Valores* da cultura de suas modalidades esportivas e dos ambientes em que se inserem.

A considerar pelos relatos, tornar-se um atleta profissional não é tarefa fácil. Para os jovens, isso só ocorre no interior de um processo longo e desafiador, em que é preciso se especializar na modalidade, conciliar treinos e competições com as atividades estudantis, abdicar de atividades lúdicas para se empenhar no treinamento, deixar o aconchego da família para competir.

A exigência de um posicionamento em meio a estas situações vai se tornando cada vez mais emergente, apesar de seu caráter contínuo desde a entrada nas categorias de base. Ou seja, querendo ser um grande atleta ou não, estes garotos se deparam com a possibilidade de exercer um papel profissional pela atividade que estão praticando. O relato a seguir, além de inspirar a nomeação desta categoria, mostra como estas decisões existenciais foram descritas por um deles:

“É difícil, é difícil mas é, como eu posso dizer? É complicado porque se você ser um atleta de base, é... e ser... pra você ser um atleta de base nesse mundo que a gente vive hoje é difícil por que as aceitações são muitas, até dentro do clube você tem que ter uma cabeça muito boa, você tem que se concentrar ao máximo pra você vencer, você não pode desviar desse caminho, vamos supor que a gente tem um caminho e, neste caminho aqui, tem várias saídas, várias pedras, e assim é o mundo do futebol. A gente está numa estrada e na estrada tem pedras, tem vários caminhos, tem direita, tem esquerda, mas você tem que continuar reto. Assim é na base, é assim, tem os caminhos, tem as dificuldades, tem as pessoas que te levam pro mal, pro caminho ruim, tem as pessoas que te levam pro caminho bom, tem as pedras, as dificuldades, então você tem que se afastar de tudo isso e manter o foco totalmente que as coisas vão acontecer naturalmente.” (F1)

Essa passagem inspira o nome da categoria por evidenciar como as pequenas decisões vão orientando, como um processo, a própria vida destes atletas. Ou seja, o caráter existencial é pertinente aqui uma vez que é relativo a sua realidade vivida, a sua existência neste contexto.

Uma outra particularidade que tem implicações neste posicionamento é a maneira como

a condição dos jovens em geral se organiza e se insere socialmente. Estes atletas são cada vez mais estimulados, com o passar dos anos, a fazer escolhas por papéis profissionais. Isto é, neste percurso esportivo, desde a entrada na modalidade, eles vão vivenciando essas decisões. Alguns podem nem pensar na prática como uma carreira profissional, outros já podem ter este projeto e tornar isso um objetivo.

Desde que entram na categoria de base, estas decisões, inerentes ao contexto esportivo, vão se presentificando, se tornando mais palpáveis e urgentes de serem tomadas. Esta urgência faz com que o jovem atleta a leve em conta modulando sua conduta entre polos caracterizados por *restrições* e *empenho*. Este balanceamento entre os polos é uma espécie de produção subjetiva de responsabilidade. Os atletas relatam que mesmo com *restrições* importantes em seu cotidiano material, afetivo e social, existe algo maior, um objetivo relevante fazendo valer a pena aprender a lidar com elas.

Essa produção subjetiva de responsabilidade vai se configurando como *decisões existenciais*, uma vez que é o próprio modo pessoal deles de existirem que, nessas escolhas, é modificado significativamente. Nos momentos em que eles se posicionam frente às *restrições* de acesso a bens importantes, somente um bem avaliado por eles como maior pode justificar essas que serão, em última instância, por adesão à situação vivida, autorrestrições.

É necessário acrescentar também que em alguns momentos esta decisão pode ser tomada obrigatoriamente. Isto é, algo muito grave pode interferir para que o atleta não seja mais o protagonista desta *decisão existencial*. O que ocorre quando há uma questão restritiva tão importante que foge à decisão do atleta. Isto geralmente acontece em esfera institucional, como por exemplo o fechamento de portas de uma instituição, ou o fim do financiamento governamental para a modalidade, falta de recursos para continuar as atividades institucionais ou da modalidade, entre outras circunstâncias que tiram o direito deste jovem de tomar essa *decisão existencial*.

Portanto, este processo de decisão evidencia que os jovens são desafiados a considerar, respeitar e aprender a lidar com todas essas *restrições* para poder alcançar o que almejam. E essa maneira de lidar com estas situações está pautada no *empenho*.

Isso é vivamente ilustrado no recorte baixo:

“No começo eu, tipo, não tinha muita [responsabilidade], quando era só escolinha (...), por que era só pra aprender a jogar mesmo(...). Aí, quando começou, quando eu comecei no treinamento lá, no rendimento, aí (...) você tem responsabilidade de treinar, viajar, ter, tipo, quando tem jogo você tem que pensar, né? Tem uma festa antes e um jogo no outro dia cedo, aí você fala: 'eu vou na festa ou eu vou jogar?' Ai você tem que ter essa responsabilidade também. Alimentação tem que ser... Eles exigem bastante a alimentação certinha, eles tipo, fazem uns testes

no começo, no meio e no fim do ano, tipo, mede altura, peso, tudo, sabe? Aí se você piorar eles vai puxar sua orelha e falar um monte. Então, tem que ser bem certinho isso. E, da escola, é que tem que saber conciliar os dois (...), tipo, tem que estudar, tirar nota pra você poder jogar. Então, você não pode só escolher ou só jogar ou estudar, tem que conciliar os dois.” (B4)

Importante salientar o caráter processual e paulatino com que esta produção é realizada. Desta forma, ela se apresenta como uma necessidade de aprender a conciliar todos os compromissos exigidos na modalidade e desejos individuais. Então, é importante relatar que um contexto de *carreira atlética e cultura esportiva* admite e guia progressivamente estes atletas para as tomadas de *decisões existenciais*. Esta, por sua vez, está em um entroncamento entre compromissos e exigências que são reconhecidas como *restrições* em virtude dos *valores*. O que permite que o jovem se mantenha na busca por esse objetivo é o seu modo de *empenho*, com qualidades ao mesmo tempo gerais - que se espera identificar nessa investigação - e muito singulares, já que são vividas e balanceadas por cada pessoa de um modo particular.

Abaixo os recortes descrevem como isto é vivido:

“Eu vejo como uma coisa meio que necessária também, porque se eu escolhi ser isso na minha vida, eu vou ter que, tive que me acostumar com isso. E agora eu também já... é ruim, mas eu já estou acostumado”. (B4)

“[...]por que eu tinha um objetivo maior (...). O atletismo se tornou um sonho pra mim. Então essas restrições são menores do que meu sonho, entendeu? Então eu me dei muito bem com tudo isso.” (A3)

Estas passagens trazem a *decisão existencial* de um atleta de basquete e de um cuja modalidade é o atletismo. Posicionando-se assim, eles são capazes de enxergar um horizonte em que chegam a crer-se decididos a ultrapassar qualquer obstáculo. Na medida em que isto vai ficando mais palpável ou mais distante, o modo como eles se posicionam frente às tensões inerentes dessas *decisões existenciais* vai se modificando.

A *decisão existencial*, entretanto, não corresponde a esta crença, mas é tanto algo que leva a este tipo de determinação pessoal, como algo marcado por vacilos, dúvidas, indecisões, ponderações que não se encaixam numa mera diferenciação binária. Não se trata simplesmente de ceder ou não às tentações. Trata-se de fazer experiências em que a modulação dos posicionamentos seja compatível ou não com a continuidade da carreira esportiva. Uma apreensão fenomenológica da *decisão existencial* não autoriza negligenciar seu processo e sua dinâmica, suas nuances e suas consequências determinantes e, em alguns momentos, definitivas na vida desses jovens, o que só se faz com atenção ao horizonte em que se a mesma é gerada.

Um aspecto determinante para a modulação destas decisões existenciais é o caráter retroalimentativo entre atuações esportivas reconhecidas e a modulação do esforço a ser

empregado na carreira esportiva. Isto é, a partir das atuações reconhecidas por cada um, que estão intimamente vinculadas aos *valores*, estratégias e crenças, eles modulam o emprego de seu esforço na carreira esportiva. Portanto, eles encontram nas atuações obtidas um elemento palpável que é levado em conta na balança da *decisão existencial*.

Figura 2: Feedback do esforço

Fonte: elaborado pelo autor.

Importante salientar que estas decisões são vividas por eles as suas maneiras e têm seus desdobramentos. No entanto, as questões a serem decididas, às vezes comparecendo como dilemas, exigem posicionamentos que vão se tornando cada vez mais urgentes e presentes, sendo estruturais desta experiência.

Por fim, nota-se que quando a *decisão existencial* é tomada de maneira definitiva, com toda a complexidade que envolve esta decisão, percebe-se que inevitavelmente houve uma transição. Este movimento, se pesado para o lado do *empenho*, evidencia uma transição na carreira, pois ele passou de um atleta de base para decididamente se tornar um atleta profissional, mudando a categoria da sua carreira e não a sua atividade em si. Já se a balança pesar totalmente para o lado *restrições*, ele enxergará que a carreira atlética já não vale mais a pena. O conjunto daquilo de que ele está abrindo mão enquanto esportista lhe comparece com uma importância maior do que a adesão à carreira no esporte. Portanto, ele efetua o movimento de transição *de* carreira, uma vez que agora ele abre mão de ser um atleta de base para seguir a meta de outra carreira profissional, ainda que esta não esteja já decidida.

5.2.3. Restrições

Esta categoria se configura em alguns aspectos fundamentais que os atletas consideram no momento da *decisão existencial*. Compromissos exigidos pela condição de ser atleta em formação de determinada modalidade, comparecer nos treinamentos e competições, ter

cuidados com o corpo, comprometimento constante com a melhora do seu desempenho, frequentar escola e realizar atividades extraclasse, evitar praticar ações que possam prejudicar seu rendimento esportivo. Estas *restrições* aparecem em todos os relatos, sendo que cada um as reconhece e vive de seu modo. A tensão é mais ou menos presente de acordo com a convicção que eles têm de abraçar a profissionalização, considerando também a diferença dos contextos de cada uma das quatro modalidades.

O comedimento de ações que eles consideram como lazer ou desejo, que garotos de idade semelhante, no mesmo círculo social fazem, como por exemplo ida em festas, se mostrou claramente como uma *restrição* vivenciada.

Vale frisar que as *restrições* são levadas em conta pelos jovens a todo momento e, para todos os entrevistados, são experienciadas como obstáculos àquilo que estes jovens atletas almejam. Estes obstáculos podem exigir mais ou menos *empenho* de cada um dos jovens e, por essa constância e quantidade de *empenho* aplicado, elas se articulam continuamente com a *decisão existencial*.

“Ah, no começo eu não dava muita bola não, sabe? Tipo, ia para as festas depois ia jogar de qualquer jeito, ficava cansado, não dormia. Aí agora, dependendo do jogo, sabe, se for um jogo muito importante, um jogo difícil, sabe? Aí eu nem vou na festa, fico em casa descansando. Mas se for um jogo mais tranquilo, aí até vai, mas não voltar tarde, para divertir um pouquinho e voltar pra casa descansar e concentrar pro jogo.” (B2)

“É, praticamente assim: normas - se você não seguir elas, você não vai para, [o campeonato.][...] faz parte de um processo, se você não seguir essas normas você está fora. É onde que, mesmo assim, eles me dando essas normas, eu cumprindo, eu sei que eu vou ser o atleta daqui, onde que eles vão falar assim: 'Não, você vai ser o atleta nosso, você vai representar nós no salto'. Aí é onde que eles falam: 'você tem bom comportamento, vou te levar.'” (A5)

“Comecei a vim pro [Clube de futebol], ir pra escola, tudo sozinho. Aí eu vi que não era nada disso daí, e outra, é horário, né? Antes tinha meu pai pra me levar pros lugares, ah vai ter treino 7 e meia, ele me chamava e não sei o que, agora eu tenho que me virar sozinho, eu que tenho que colocar o despertador no celular pra sair, porque eu saio cedo de casa, aí tem que ver quanto tempo pra chegar até aqui, às vezes tem trânsito, tem que sair mais cedo, aí ser responsável aos horários.” (F4)

B2 descreve o modo conflitante como entende esta situação que, gradativamente, vai mudando, exigindo uma produção subjetiva de responsabilidade como resposta aceitável por ele. Este fato está relacionado com a decisão de que, quanto mais próximo da profissionalização, mais emergente é esta produção subjetiva da responsabilidade junto a eles. Já A5 mostra um caráter mais rígido de entendimento das restrições vivenciadas por ele, colocadas como normas heterônomas às quais é necessário cumprir como condição comportamental para tornar-se atleta da equipe. Para ele, trata-se de saber quais são essas normas e segui-las.

“[...] É meio difícil, [risadas], porque não ter o pai pra te levar e te buscar é bem mais difícil, porque antes era fácil, agora... chegou a vida... vida de um adulto na verdade, né? Aí é... uma tristeza, [risos], tem que acordar de manhã pra vim treinar, pegar metrô lotado, ônibus lotado, aí ...” (F4)

Também no relato de F4 se constata como a experiência de responsabilidade se modificou. Mesmo que em âmbitos diferentes de B2, ele evidencia que há uma mudança na sua postura que exige maior responsabilidade.

O que vai se indicando nos relatos, conforme o exemplo dos trechos acima selecionados, é que toda e qualquer ação que prejudique o desempenho esportivo vai sendo, de acordo com sua identificação experiencial ou normativa e na medida dos entendimentos individuais, comedida, evitada ou proibida. Desta forma, a condição de prioridade ou não pela qual estes jovens vivenciam a modalidade esportiva está diretamente vinculada ao modo com que eles vivenciam atividades não esportivas. Atividades escolares são um exemplo disso em alguns casos:

“Ó, fica bem difícil de manter. Sempre tive nota muito boa quando eu morava em casa e treinava menos. Quando eu vim pra cá, caiu bem o rendimento na escola. Que você não aguenta estudar! Você chega muito cansado em casa e tem muito pouco tempo também. Daí atrapalha, sempre atrapalha, mas a gente em casa... tem ‘três moleque’ que está no terceiro, até que a gente se ajuda assim. [...] Ah meu, é ... eu não acho que é o ideal, eu acho que ia precisar ter mais tempo, mas não tem como, então a gente faz o possível. Escola acaba ficando pro segundo plano.” (B5)

“No começo era mais difícil, às vezes dava uma preguiça de vir pro treino e tal, meus amigos voltando pra casa, da escola direto assim, e eu vindo treinar, treinar, treinava até as sete horas da noite. No outro lugar que eu treinava, chegava em casa umas 8 horas e aí tinha que fazer lição, essas coisas, aí eu ia dormir bem tarde e tal, foi ficando complicado. Mas agora já estou ficando mais acostumado, já está mais tranquilo, está dando para acompanhar bem.” (T2)

Interessante notar que estas tensões inerentes às restrições estão diretamente ligadas a sua *decisão existencial*. Nestas duas passagens fica claro como eles podem vivenciar a escola como um compromisso complementar a sua prioridade maior que é a profissionalização na modalidade esportiva. Logo, ela é vivenciada como complementar justamente por ser considerada no balanceamento da *decisão existencial*, comparecendo com peso inferior à prioridade esportiva.

Ainda sobre a relação *restrições* e *decisão existencial* pode-se perceber que a partir do reconhecimento das atuações esportivas obtidas na modalidade, levando-se em conta o esforço empregado, há um balanceamento diferenciado relativo à situação. As atuações esportivas interferem diretamente no reconhecimento destas situações como *restrição*. Ou seja, as *restrições* podem ter maior peso a partir da modulação entre esforço empregado e reconhecimento das atuações esportivas. Se não há reconhecimento, o sacrifício e o esforço

empregado tendem a não ser percebidos como válidos. Ao contrário, as boas atuações, ao serem reconhecidas, favorecem a adesão empenhada e o enfrentamento das restrições.

Figura 3: Balança da Decisão pendendo às Restrições – Transição de Carreira

Fonte: elaborado pelo autor.

5.2.4. Empenho

A paixão por praticar determinada modalidade esportiva, o orgulho e valorização por estar na condição de atleta de categoria de base, a eficiência esportiva apresentada na concretude dos resultados obtidos, a convicção pessoal do jovem de que ele conseguirá alcançar seu objetivo dentro da prática institucionalizada. Todos esses desdobramentos elencados no início são algumas possibilidades de expressão de uma experiência de *empenho*.

Esta unidade de sentido se resume à dedicação, ao esforço e à disposição que esses jovens esportistas aplicam neste momento em que estão vivenciando esta experiência. É interessante notar que nem sempre este empenho é o máximo que cada atleta pode dar. No entanto, é imperativo que seja o mínimo exigido pelo meio esportivo no qual ele está inserido, sob pena do jovem acabar sendo desvinculado da categoria de base.

Este empenho varia de atleta para atleta, sendo traçado por *valores* e por evidências à medida que seus objetivos vão se aproximando da concretização. As devolutivas que o jovem atleta experiencia, sucesso nos resultados, reconhecimento de técnicos etc., como confirmação de que a profissionalização almejada esteja se tornando iminente com o passar dos anos, são as evidências que demarcam o efeito de seu empenho.

Esta articulação entre *empenho* empregado e a devolutiva a respeito deste movimento é estruturante nessa experiência. Porém, a maneira com que essa devolutiva é percebida se mostra

muito particular e subordinada aos *valores* aderidos por parte de cada atleta.

“Título é uma coisa muito boa, que você viu que você trabalhou o ano inteiro pra chegar no final do ano e ver resultado. Mesmo tipo, o ano passado que eu fui vice-campeão do Estado, mas é tipo uma coisa, tipo “Você é vice-campeão do Estado!”. [...] E você ser campeão ou vice-campeão é uma coisa que você: “Ah, eu tô trabalhando certo, eu tô fazendo a coisa certa!” Tem as coisas que você pensa, que faz você desanimar e querer parar. Mas tem umas coisas que faz você querer continuar.” (B4)

“No começo eu era apenas um estudante que estava começando no esporte e tal. Ai, a cada vez que eu competia, melhorava algum resultado, subia alguma posição no ranking mineiro e posteriormente brasileiro. Aí eu via a necessidade de um treinamento mais especializado (...) e meu treinador me falando isso. Por isso que aí veio as restrições, de tipo: 'ah, agora você tem que dormir cedo, (...) porque, o mínimo de 8 horas por dia pra um atleta é essencial, comer bem, comer de tudo.'” (A3)

“Ah, eu acho que pra mim é tipo um, eu tenho que pegar e valorizar, né? Porque não é todo mundo que tem uma oportunidade que nem essa que eu estou tendo, que é de fazer parte da categoria de base, que tem muitos que desejam, mas não têm a oportunidade, tipo falta mesmo de patrocínio essas coisas, estruturas, como aqui é uma das melhores estruturas que tem aqui no Brasil.” (A4)

Estas passagens ilustram como o empenho vai aparecendo de acordo com as devolutivas percebidas.

É relevante chamar atenção para a importância dos relacionamentos em torno deste atleta, uma vez que a relação com outra pessoa significativa – o técnico, por exemplo – poderá contribuir para haver a detecção de como este atleta deve se empenhar. E, de mesma forma, como um auxílio para enxergar o que é ou não uma *restrição*.

Nestes dois primeiros casos a concretude de um resultado expressivo é motivadora, faz com que eles tenham a confirmação de um caminho de empenho. No caso de B4, mesmo considerando aspectos que “tem que pensar”, ele entende que está “fazendo a coisa certa”, isto é, empenhando-se conforme o necessário para seus resultados o conduzirem à profissionalização. Já A3 narra como o empenho foi gradativamente guiando seus posicionamentos, em meio ao que ele chama de restrições, rumo a um objetivo maior. Por outro lado, A4 mostra uma valorização, ele evidencia como esta devolutiva de um *empenho* acontece, ou seja, a oportunidade de estar nessa condição é o que o faz se aplicar, com *empenho*, nesta prática.

Desta forma, o *empenho* é definido como a dedicação, o esforço e a disposição que este atleta emprega na atividade esportiva. Ele é alimentado por devolutivas que são percebidas por estes garotos de diferentes maneiras, de acordo com seus *valores*. Este empenho está conectado à *decisão existencial* e é diametralmente oposto às restrições no contexto de *carreira atlética e cultura esportiva*.

Figura 4: Balança da Decisão pendendo ao Empenho – Transição na Carreira

Fonte: Elaborado pelo autor.

5.2.5. Valores

Junto às exigências, as categorias de base também são percebidas por eles, graças aos *valores*, como experiências possibilitadoras de diversas ações. Uma variedade de conteúdos vem à tona como *valores* que perfazem um importante pano de fundo das *restrições* e do *empenho*, como por exemplo: a oportunidade de aquisição de bens pela prática esportiva; se chatear por perder uma celebração importante; chance de viajar para outros lugares; competir com outros adversários; dar conta das tarefas e do treino; fazer novas amizades; conhecer novas pessoas; ter que pegar um longo percurso de transporte público para chegar ao treino; se sentir orgulhoso por ser um atleta de categoria de base. Esses são alguns exemplos de *valores*, os quais se referem ao sujeito e a como ele está vivenciando cada experiência.

Os valores se configuram em uma multiplicidade capaz de nortear estes jovens atletas para estas experiências significativas nas mais diversas manifestações, sejam elas de cunho material ou sentimental, ou um entrelaçamento de ambos. Essa multiplicidade é possibilitada pelo modo pessoal como cada um vai percebendo sua experiência.

Então, pode-se dizer que os *valores* se configuram como aquilo que permite a cada atleta vivenciar determinada experiência como *restrição* - que é aquele sacrifício que não vale a pena (ou que não pode ser ultrapassado, pois vai além da opção do atleta e foi imposto pelo contexto) - ou como *empenho* - que é aquele sacrifício que vale a pena - informando a *decisão existencial*. Ou seja, os valores são as características que precedem e fundamentam o que o atleta reconhecerá como situações de *restrição* ou de *empenho*, ainda que o acesso a isso preceda suas

decisões e vá se dando no decorrer da experiência temporal.

É primordial neste momento apontar que o *valor* encontrado aqui como resultado não diz respeito a valores naturais ao esporte²⁵, ou de valores morais, ou até como ganhos/recompensas objetivos. O que foi encontrado nesta unidade de sentido diz respeito àquilo pelo que estes atletas se sacrificam, ou pelo que eles não se sacrificam.

Portanto, partindo da atitude fenomenológica, uma multiplicidade de manifestações pessoais foram compondo e permitindo que as decisões acontecessem de maneira particular para cada atleta, mesmo que nas modalidades algumas manifestações tenham aparecido de maneira muito característica. No entanto, o *valor* aqui apresentado é correlativo ao sujeito, em vista disso, esta unidade de sentido descreve o que possibilita o sujeito enxergar *restrições* e também o *empenho* como tais.

Os sentimentos vividos com estas experiências são indicativos destes *valores*. Àquilo pelo que vale a pena correr atrás, ou não vale a pena correr atrás é vivido com sentimento e evidencia o que tem mais *valor* para cada atleta.

Os jovens relataram que algumas oportunidades, próprias do meio esportivo, são de grande validade. Nestas, eles são capazes de discernir determinadas situações pautados nos *valores* que preenchem seu repertório de experiências. A partir daí eles apontam para um alargamento de vínculos pessoais, profissionais e oportunidades diversas, havendo um nítido reconhecimento da validade das experiências vividas de socialização que os afirma enquanto atletas.

“Vamos... é... vamos botar sobre o salário. O salário aqui é bom, mas como, aí quando eu fui ganhando eu fui comprando mais roupa que eu queria, aí eu nunca mais dependi da minha mãe, dela mandar dinheiro.” (B3)

“Muito bom isso, é muito bom! Igual eu falei que eu fui pra Argentina, eu tive oportunidade de conhecer a Argentina com 13 anos. E até hoje meus pais nunca saíram, tipo, do Brasil, entendeu? Então, eu acho muito importante, por que eu conheço muito mais lugares que eles porque o basquete me proporcionou.” (B2)

“Tipo, abriu minha mente pra pensar em outras coisas, coisa que eu penso assim, eu vejo gente de fora: bom, que fala: ah, eu fui pra, tal lugar, tal país assim. Eu penso, mentalmente, abrir e expandir a mente para um dia, se eu treinar bem, que eu posso ir lá, onde essa pessoa foi ou em outro lugar melhor, competir assim, fora do Brasil mesmo. Tipo abriu a mente pra poder ver esses detalhes. É isso mesmo, tipo, conhecer esses negócios, conhecer outros lugares e tal abrir a mente poder fazer isso.” (A1)

“Ah, eu acho que tipo, pra mim é muito bom, por que todo mundo que joga basquete tem um sonho de virar jogador, e estar na categoria de base hoje já é um passo a mais, porque eu já estou na base do adulto, tipo, para virar um profissional,

²⁵ respeito, amizade, excelência etc.

falta pouco, entendeu? Então eu acho muito bom isso. Igual, eu jogo desde pequenininho, sempre sonhando em ser um jogador, de chegar onde eu cheguei, acho que... muito bom! “(B2)

“Ah, como objetivo assim... eu estou treinando firme desse jeito, de manhã e de tarde pra tentar me profissionalizar no tênis, ou tentar fazer uma universidade nos EUA que também é uma oportunidade muito boa, eu vejo” (T3)

Essas passagens evidenciam as diferenças de manifestação destes *valores*. No entanto, as quatro são percebidas em situações distintas de oportunidades advindas de suas práticas esportivas. São os *valores* que permitem que eles identifiquem aquilo como oportunidade significativa, como benefícios pessoais referentes ao empenho que eles colocam no esporte. Na passagem do primeiro recorte, pode-se apontar a oportunidade de receber um salário como sendo “bom”. Já no segundo relato, constata-se o *valor* da possibilidade de ir a um lugar, um outro país, quando nem seus próprios pais já tiveram a experiência de sair do Brasil. Na terceira passagem, o *valor* comparece como oportunidade de conhecer novos lugares e pessoas. No quarto relato, o entrevistado relata o valor sentimental do orgulho de ser um atleta de categoria de base. E, no último, o tênis aparece como chance de cursar uma faculdade nos Estados Unidos da América, evidenciando seus *valores* na hora de entender seu papel e objetivo na modalidade.

Ao que se percebe, os atletas encontram experiências significativas nas categorias de base que têm correlação direta com o *empenho*. Estas experiências são relatadas por identificação de benefícios que são vistos como devolutivas do *empenho*. E, de forma análoga, os *valores* têm uma relação direta com as restrições no momento em que o jovem é capaz de discernir que determinada situação é vista como obstáculo à prática da modalidade.

Isto posto, percebe-se então que o resultado reconhecido e bem avaliado é visto como um estímulo, ou seja, um peso a mais na balança da *decisão existencial*, que pende, então, para o lado do *empenho*, fortalecendo cada vez mais suas escolhas pela carreira esportiva.

As unidades de sentido apresentadas mostram, ao mesmo tempo, facetas típicas das vivências que são individualmente experienciadas. Isto pode ser ilustrado pelos relatos e apresentam elementos essencialmente constitutivos do horizonte existencial desses jovens atletas. Como se notou, nesse horizonte, abarrotado de tensões vivenciais em seu entorno, os rumos a serem tomados corresponderão às decisões existenciais tomadas. Desta forma, pode-se apreender a *decisão existencial* como tendo um papel central, determinando a lida com *empenho* e *restrições*, e como com o pano de fundo dos *valores* e da *carreira atlética e cultura esportiva*

6. Discussão

Por meio da produção²⁶ e análise dos relatos de experiência e dos procedimentos metodológicos efetuados neste estudo, propõe-se uma evidenciação integral da vivência desses jovens nessa condição específica.

Como apresentado nos resultados, a *decisão existencial* está no cerne da experiência destes jovens atletas. Ela vai mostrando a sua complexidade no momento em que admite os *valores* como constitutivos do meio ambiente em que o atleta reconhece seu *empenho* e suas *restrições*, modulando-as a partir de sua *carreira atlética* e a *cultura esportiva* da modalidade.

É um processo no qual diversos elementos interligados se relacionam e são considerados com clareza ou não por estes atletas. Ou seja, eles podem ter consciência ao lidar com esses elementos, mesmo que não distinguidos claramente. Ou, ainda que não haja essa clareza, são elementos que vivem nestes atletas, exercem uma pressão pré-reflexiva junto a eles no cotidiano e em suas decisões.

Então essa relação é apresentada aqui como a estrutura vivencial do objeto de pesquisa, as experiências esportivas vividas na categoria de base por atletas juvenis que é tida aqui. Desta forma, o conhecimento desta estrutura é fruto da compreensão e análise de como estes atletas vivenciam esta fase da carreira atlética.

Um outro aspecto importante é o que se trata da cultura esportiva. Entretanto, é preciso ficar claro que o trabalho pretende atravessar os aspectos culturais envolvidos, atingindo a estrutura da experiência essencial destes jovens atletas atuando em categorias de base. Portanto, partindo da noção que a cultura é percebida e vivenciada no mundo a partir das distintas experiências vividas em uma sociedade, é possível compreender que a cultura esportiva está presente a todo momento na vivência destes garotos. Eles a reconhecem e a consideram à sua maneira e ela compõe a maneira como eles estão vivendo esta experiência.

Consequentemente no momento em que tratamos de *restrições*, *valores* e *empenho* temos que, indispensavelmente reconhecer estes aspectos culturais da modalidade presente nestas vivências. No entanto, a intenção é ir além disto, combatendo um relativismo e ao mesmo tempo cumprindo com a metodologia proposta que é atingir o caráter essencial da experiência. Isto é, reconhecer os aspectos culturais que são inerentes aos sujeitos e ir ainda mais fundo para que, como resultado, a experiência descrita aqui possa ser reconhecida por outros atletas nesta

²⁶ Que nesse caso pode ser também chamada de *produção intersubjetiva de relatos de experiência* (Barreira, 2017), já que os dados não estão prontos para serem coletados pelo pesquisador, mas são concebidos na relação dialógica entre pesquisador e pesquisado.

condição estudada, mesmo que não sejam os atletas entrevistados nesta pesquisa.

Esta é a contribuição do trabalho para a área. A compreensão de como são tomadas as decisões e da maneira como essas são vivenciadas por estes garotos - com tudo aquilo que toma parte nesse processo decisório - é a novidade e o que diferencia este trabalho de outros estudos que abordam a temática da fase inicial da carreira de atletas.

Portanto, a discussão ora realizada terá dois momentos. O primeiro consiste em um diálogo com estudos e pesquisas que abordam a transição de carreira esportiva. Já a proposta de discutir a tomada de decisão como temática fundamental destes resultados será deixada para o segundo e último momento.

Esta separação é feita com base no entendimento de que esses assuntos têm uma importante relação. Ela se dá no momento em que as tomadas de decisão vão construindo e solidificando a carreira deste atleta. E por isso optou-se por uma abordagem em dois momentos distintos na discussão.

Assim, a carreira deste atleta que teve início na categoria de base, se seguida até iminência da profissionalização, parece ter geralmente um caminho delineado. Na maioria das vezes, esta é iniciada ainda quando o atleta é criança, fato que os entrevistados chamaram atenção e, sendo assim, fica evidente uma característica predominante na entrada na modalidade: a ludicidade. Nos relatos, os atletas mostraram o caráter de brincadeira que, nesta configuração inicial, o esporte tem. É possível encontrar ressonâncias desta característica em estudo anterior (Salomão, Ottoni e Barreira, 2014).

Em ambas as pesquisas, o caráter recreativo e alegre das práticas esportivas é frisado. Entretanto, isso vai dando lugar à seriedade exigida no contexto esportivo de rendimento, uma vez que os relatos dos atletas evidenciam como ela vai se presentificando e, paralelamente, como eles vão se posicionando frente a ela. Se anteriormente (Salomão, Ottoni e Barreira, 2014) sabia-se que a experiência lúdica na iniciação esportiva na infância era parte do futebol, agora se sabe que ela participa das outras três modalidades, sendo virtualmente generalizável a qualquer uma. Note-se, todavia, que a apreensão disso como experiência - não como simples fato pertinente às práticas esportivas - tem particularidades que não podem ser ignoradas e serão retomadas no segundo momento dessa discussão. Percebe-se aqui que esse contato inicial com a modalidade esportiva - e que em algum momento virá a ser vislumbrada como futura ocupação profissional - ocorre como por “brincadeira”, sendo muito influenciado por familiares e amigos, no período da infância.

No futebol, o caráter da rua, das partidas na várzea, salta aos olhos, e parece ser mais claramente encontrado que nas outras modalidades. Este fato tem consonância com o trabalho

de Marques (2008), que evidencia uma forte relação entre o futebol de rua e o futebol de salão no desenvolvimento do atleta na modalidade. Sobre isso, os atletas F1, F2, F4 e F5 relataram tanto o futsal como o caráter de jogo mais livre - similar ao "futebol de rua" - ter sido o passo anterior, com efeito, importante para sua formação como atleta. Marques (2008) pontua que essa é uma iniciação técnica de grande valia para estes atletas. Eles chegam a relatar:

“eu comecei no futsal né, como a maioria. Eu comecei [...] aos 4 anos e meio, aí comecei a jogar o futsal lá, futsal lá, até que nos 13 anos, 11 anos, eu fui pro campo, comecei a jogar campo e futsal na mesma época, aí eu fui “auxiliando” os dois. [...] No futsal né, é... a gente aprende muita coisa, velocidade, você tem que pensar mais rápido.” F4.

“o treinador gostou, achou interessante, mas receitou que eu fosse para o futsal. Então o primeiro passo da minha carreira foi o futsal. [...] O poder de raciocínio do jogador de futsal é muito maior. Então todo mundo que fala “‘puts, cê’ pensa muito rápido, ‘cê’ tem o raciocínio muito rápido, antes da bola ‘tá’ no seu pé, ‘cê tá’ pensando”, é graças ao futsal.” (F5)

Com o passar do tempo o atleta vai, paulatina e obrigatoriamente, se deparando com a necessidade de fazer escolhas. Desde então, constata-se que o tipo de envolvimento que eles vão passando a ter com o esporte - independentemente de onde isso venha a desaguar, seja a uma séria intenção de profissionalização ou não, já que esse costuma ser um momento bastante precoce do que poderá ser uma carreira atlética - exige deles tomadas de decisão. Esse fato merece destaque. A continuidade e o modo de se envolver com a prática esportiva são deliberações pessoais, ao mesmo tempo bastante livres por parte desses jovens esportistas e comprometedoras de sua liberdade, já que exigentes.

Notadamente, isso difere de outras atividades infantis. Em condições sociais normais, como prevê a legislação, frequentar a escola é uma atividade obrigatória para as crianças e jovens, independentemente de sua vontade e decisão. Já outras atividades lúdicas na infância e juventude, inclusive algumas artísticas - excetuando-se muitas vezes o aprendizado musical - não requerem o tipo de melhora progressiva de desempenho que solicita da pessoa o comprometimento que vai sendo exigido no esporte. Assim, institucionalmente, o esporte ocupa um lugar importante na formação, uma vez que é um ambiente privilegiado para o exercício de tomadas de decisão livres e consequentes, isto é, presas às contingências requeridas. Afinal, a prática esportiva vai ocupando cada vez mais seu tempo, os treinamentos vão se tornando mais sérios, seu esforço vai, cada vez mais, sendo mais exigido e, os novos, e nem sempre esperados, compromissos com o esporte vão demandando dele novos posicionamentos diante de novas situações em que o jovem se encontra.

Böhme (2000, 2011) aborda o aspecto técnico desta gradual mudança nos treinamentos. A autora apresenta, em uma perspectiva de treinamento a longo prazo, as transições dentro da

carreira esportiva. Ela mostra modelos com os quais os atletas vão progressivamente enfrentando dificuldades técnicas e maiores exigências táticas na modalidade. Este fato aparece nos relatos de experiência da presente investigação. Os atletas alertam para as dificuldades que vão aumentando a cada ano. Uma imagem ilustrativa para isso é a do funil:

“futebol é um funil, quanto mais você vai chegando perto dos 20, perto do profissional, o funil vai se fechando e só quem tiver com a cabeça boa, com pensamento de vencer que vai...que vai passar no funil. Senão, vai ficar.” F1

Evidencia-se também, nesta fase da carreira esportiva estudada, a transição da sua rede de apoio, ou, como nomeiam Wylleman e Lavalle (2004), da esfera psicossocial. Estes atletas apresentam um modelo mais articulado de transição na carreira esportiva, estruturado em quatro esferas: Fase da Carreira Esportiva; Nível Psicológico; Nível Psicossocial; Escolaridade, de acordo a idade que, iniciando-se aos 10, é dividida em blocos de cinco em cinco anos que têm suas características predominantes.

Sendo assim, na esfera psicossocial verificamos correspondência entre os resultados aqui já apresentados e o trabalho de Wylleman e Lavalle (2004), aqui eles alertam que nesta fase os atletas mudam sua rede de apoio de pais e irmãos para amigos, ou alguém próximo que tenha experiências parecidas com as dele. Isso fica claro neste relato:

“Isso mais lá trás nos torneios paulistas que dava pra se ver mais. Eu, por um certo tempo, percebo que aconteceu comigo também de os pais estarem sempre muito do lado e sempre estarem querendo muito te ajudar assim. E não ter essa independência logo cedo, no caso, sempre meus pais estavam sempre do meu lado me ajudando nas minhas coisas - ‘ah, você vai jogar essa hora’, então eles preparavam alguma coisa pra mim, a toalha que eu ia usar no jogo meu pai que colocava pra mim na minha raqueteira, então ele fazia as coisas pra mim.[...] eu mesmo fui brecando meus pais assim, “deixa que eu faço, eu faço por minha conta”, porque, se é algo que você quer, você tem que buscar aquilo, não é alguém que está te ajudando [...]” (T3)

Pode ser verificado aqui como os pais estão presentes e, neste caso, como o atleta responde a isso, começando a ver esse apoio como algo que exige uma atitude própria. Então T3, por sua vez, assume essa atitude que evidencia a passagem da esfera psicossocial que Wylleman e Lavalle (2004) apresentam em seu modelo de carreira.

“E as pessoas que eu conheci, cara, são pessoas que tipo assim, muito boas! Até hoje eu mantenho contato com pessoas aí, tenho uma amiga minha americana, converso até hoje, tudo, São Paulo, Porto Alegre, os meninos eu vou conversando até hoje, mantém contato, tudo, são pessoas que eu não quero perder o contato e espero que também (...) a mesma coisa elas, tipo, são pessoas que querem estar com você, sabe?” T6

Constata-se nesse relato o surgimento da nova rede de apoio do atleta, oriunda do meio e das muitas viagens que o jovem faz sozinho. Portanto, a rede de apoio daquela fase inicial,

pais e familiares, mostrada no relato anterior, já não tem a mesma função. Os amigos se mostram muito presentes, ocupando parte importante deste espaço.

Folle, Nascimento e Graça (2015) apontam em seu amplo estudo, o processo da identificação e formação esportiva de talentos, por meio de uma revisão bibliográfica. Seus resultados, em diferentes tópicos, abordam o processo de identificação de talentos esportivos, apontam fatores de desenvolvimento de talentos esportivos e por fim apresentam estágios do desenvolvimento de talentos esportivos.

Apresentando estes estágios a partir de características gerais, necessidades dos atletas e consequências, os autores delineiam 4 fases, sendo 3 delas compatíveis com o presente estudo. A primeira fase apontada é a do momento em que os atletas saem das escolinhas e da possível prática variada de esportes para se especializarem em uma única modalidade. Para eles, a característica decisiva nesta fase é a falha na correspondência entre as expectativas e prática que os atletas têm acerca do esporte e da prática da modalidade escolhida. Ou seja, eles mostram que há um desacerto entre os motivos próprios para praticar a modalidade e o treinamento que, de fato, é oferecido nas escolinhas ou equipes esportivas (Folle, Nascimento & Graça, 2015).

Esta característica não ficou em relevância dentro dos resultados encontrados neste trabalho. Foi encontrado um relato de um atleta de tênis no qual ele evidencia um cansaço nos treinos:

“Foi difícil assim, que eu treinava duas horas, aí eu fui pra três, no começo era muito cansativo assim, tinha dia que eu tinha vontade faltar assim, por que eu “tava” muito cansado, que ah, é isso, eu ficava mais cansado. Eu comecei a treinar com pessoas melhores, um nível mais forte, é isso.” (T5)

O que se percebe então, com estes resultados, é que existem exigências que são próprias ao modo de funcionamento das categorias de base, as quais, obviamente, variam de modalidade para modalidade. Os atletas chegam a relatar o caráter gradativo de aumento do próprio esforço, mas não relatam um desacerto propriamente dito. Indo mais a fundo, eles mostram o caráter condicional destas exigências e relatam que elas muitas vezes os obrigam a fazer escolhas nas quais o que está em jogo pode ser diferente da sua expectativa para com essa carreira.

Esta diferença de relevância sobre este dado não contradiz esse resultado da pesquisa de Folle, Nascimento e Graça (2015). A presente dissertação tematiza esse momento de maneira apenas retrospectiva, ou seja, questões assim, além de não serem abordadas de uma forma direta pela pesquisa, não correspondem ao momento presente vivido pelos jovens, quando podem estar tendo uma importância significativa. Portanto, é bastante provável que tais descompassos não tenham aparecido simplesmente por já serem dificuldades superadas.

Ainda neste estágio inicial de desenvolvimento, o estudo apresenta como necessidade

para os atletas a aquisição de um bom nível de condicionamento físico e domínio dos fundamentos técnicos específicos da modalidade, apresentando-se bem nas competições disputadas. Em paralelo a estas necessidades, esta dissertação aprofunda-se no modo de abordar essa questão e mostra que esta necessidade é, de fato, uma resposta pessoal que os atletas dão às exigências deste contexto. Entende-se, então, que é uma condição para permanecer neste contexto. Como consequências deste estágio, os autores apresentam a intensificação da formação na modalidade escolhida (Folle, Nascimento & Graça, 2015)

Já a segunda etapa é a transição para o treinamento especializado intensivo. Nesta fase, Folle, Nascimento e Graça (2015) apresentam como característica a vivência de metas esportivas mais elevadas e maiores níveis de concorrência entre os próprios atletas para sobreviverem na modalidade praticada. E o que é necessário nesta etapa? Haver a adaptação às novas cargas de treinamento físico e psicológico e ao aprimoramento dos fundamentos técnico-táticos da modalidade. As consequências de se passar com sucesso por essa etapa são os bons resultados.

Este aspecto do estudo de Folle, Nascimento e Graça (2015) tem coerência com as entrevistas analisadas nesta dissertação. Entretanto a abordagem disto, devido ao enfoque existencial proposto nesta dissertação, se guia para a maneira com a qual estes atletas lidam com estas novas exigências neste momento.

Também na terceira etapa, este estudo aborda o crescente caráter dificultoso de se manter na modalidade justamente pelo gradual nível de esforço a ser empregado, que agora e cada vez mais, vai apresentando também o caráter profissional do esporte. Portanto, como já apresentado, os resultados a que se chegou na presente investigação têm fortes ressonâncias com os de Folle, Nascimento e Graça (2015), mesmo se admitem objetivos diferentes na mesma temática.

Debois, Ledon e Wylleman (2015) fazem uma abordagem holística, como eles mesmo definem, sobre a carreira. Eles a entendem por inteiro, contemplando-a do início ao seu encerramento e buscam abordar como esses atletas conseguem lidar com transições e eventos múltiplos de sua vida ao longo de sua carreira esportiva. No momento em que os autores abordam a fase da carreira em questão no presente estudo, eles mostram fatores que, segundo os atletas entrevistados, são facilitadores de um lado e constrangedores do outro, no que se refere às seguintes esferas de desenvolvimento: atlética, psicológica, psicossocial, e acadêmica/vocacional.

Estes autores chamam atenção para o domínio atlético como sendo o maior facilitador nesta fase, mostrando que os atletas entrevistados apontam aspectos inerentes à prática e ao seu

rendimento como facilitadores do curso da vida da carreira. De maneira concorrente, aparecem elementos da esfera psicossocial, que se compõem da rede de apoio deste atleta (Debois, Ledon & Wylleman, 2015). Vemos isso emergir nos resultados do presente estudo quando os atletas reconhecem em suas atuações um estímulo para o empenho que os fazem tomar decisões existenciais inclinadas para o lado da balança que indica a continuidade da carreira esportiva.

Finalmente, encontram-se no estudo de Ronkainen, Tikkanen, Littlewood & Nesti (2015) similaridades não apenas com alguns dos resultados da presente investigação, mas também com a pretensão de se abordar a experiência de jovens numa perspectiva qualitativa. Comparece, como resultado do estudo dos autores, o caráter lúdico e transitório da modalidade esportiva, que já foi aqui apresentado. Neste estudo os autores enfocam os desafios existenciais encontrados no primeiro momento, apresentando conflitos de valores, perda de senso de autenticidade, medo de falha e ansiedade durante esta fase. Estes desafios existenciais têm, em sua maioria ressonância no presente estudo. Com exceção da perda do senso de autenticidade, estes desafios se apresentam nesta dissertação como motivadores de decisões a serem tomadas nas decisões existenciais vivenciadas por estes atletas.

É a partir das crenças, das indecisões, dos vacilos, modulados de maneira consciente e explícita ou não consciente e implícita, que os atletas se deparam com estes desafios existenciais evidenciados por Ronkainen, Tikkanen, Littlewood e Nesti (2015). Eles apresentam também que há uma variação na maneira que os atletas se relacionam com o esporte entre o amor sustentado pelo esporte competitivo, o desenvolvimento de uma filosofia pessoal construída em torno do aprendizado e da espiritualidade ou desidentificação do esporte de desempenho de alto nível no decorrer de sua carreira esportiva.

Esta variação apresentada pelos autores (Ronkainen, Tikkanen, Littlewood & Nesti, 2015) é abordada nos resultados desta dissertação, esta variação é entendida como fruto das decisões existenciais configuradas, ou seja, é a partir desta modulação que ele se posiciona de maneiras diferentes frente as novas situações.

Conforme anunciado, o segundo momento da discussão, posterior à comparação dos resultados a que o presente estudo chegou com o que é apresentado pela literatura, tomada de modo macroscópico, levando em consideração a transição de carreira como um todo. Passa-se agora às minúcias essenciais próprias à perspectiva aqui adotada para o enfrentamento desta temática. A centralidade desse momento da discussão converge para os tópicos das tomadas de decisões e das tensões que são inerentes a elas.

Ao falar de tensões, podemos abordá-las com a contribuição de Viktor Frankl (1989), que as apresenta como inerentes ao homem, mas as aborda justamente pelo fato de tratar do

sentido. Então, entende-se sentido aqui como o que tenciona, “meaning is what is meant”, que clama por uma resposta na medida em que possam ser interpretados como questionamentos. Ou seja, é a descoberta de uma possibilidade de transformação da realidade que clama por uma mudança no pano de fundo da realidade.

Na Logoterapia, teoria criada por Frankl, a realização do sentido é capaz de satisfazer a aspiração mais básica do ser humano. Este passa, por sua vez, a compreender a própria existência como justificada, tendo um propósito, como força vital perene e incessante. E assim entende a vida como uma espécie de missão pessoal e inalienável (Pereira, 2008).

E é assim que surgem as tensões, que Frankl (1989) aborda muito claramente. Ele diz que as tensões estão articuladas com os sentidos, e relata que o homem necessita de tensão e o faz pela procura de realizações que confirmem sentidos a sua existência.

O autor chama atenção que o ser humano deve ser desafiado por uma tarefa que exija empenho, e no caso do presente estudo, as tensões não são buscadas pelos atletas, elas simplesmente se dão, eles a reconhecem e partem deliberadamente para uma tomada de decisão. Então, como vimos, existe uma tensão permanente em toda a carreira deste atleta. Mais uma vez, vale recorrer a uma passagem de relato que seja ilustrativa:

“Ah, é um pouco difícil né? Porque você vê todo mundo indo, igual festa, assim, você vê todo mundo indo e fala: “eu não posso, eu não posso”. Às vezes os colegas até falam: “como é que você não pode curtir a vida?” Mas tipo, tem um modo de curtir a vida melhor do que lá, droga, bebida, essas coisas e aqui a gente está fazendo esporte, a saúde, outra coisa.” A4

Ser, ele diz, “um pouco difícil”, evidencia a tensão. O atleta mostra o que norteia suas atitudes naquele momento, ou seja, ele o chama de “curtir a vida”. Porém, ele se agarra no que avalia estar em acordo com suas possibilidades e muda o caráter de “curtir a vida”, admitindo que ele também o faça, mas da maneira em que ele se sinta coerente entre o que pensa ser o melhor para ele. Portanto, ele abre mão de uma possibilidade de diversão, já que esta não vai ao encontro do que Viktor Frankl (2012) aponta como sendo o seu sentido da vida no momento, e o encontra a revelação de uma possibilidade de transformação da realidade, admitindo o “curtir a vida melhor”.

Podemos ver essa carga de tensão, inerente a essa vivência, na fala de um atleta de tênis:

“É, então, é que, enquanto eu vinha pro treino eles iam para as festas sabe? E eu, não é que eu... eu queria ir junto com eles assim sabe? Só que aí eu tinha que vim pro treino. Só que agora eu já estou bem mais tranquilo com isso, consigo vim normal pro treino, gosto de vim treinar e festa deixa pra quando dá ne. [...] eu ficava bravo assim né, de vim treinar, às vezes eu até faltava no treino para ir, mas era muito de vez em quando e, eu era mais novo, eu não tinha muita consciência assim, eu só queria me divertir assim, sabe? Agora o treino pra mim já é uma diversão já, eu gosto.” (T1)

Já nessa passagem, nota-se como o posicionamento face a essa tensão não é permanente e fixo. O entrevistado se posiciona de maneira diferente, de acordo com as decisões tomadas durante esse período. É evidente, de mesma forma, como esta tensão vai se presentificando em dilemas concretos para esses atletas e os obriga à tomada de decisões.

Cabe então entrar mais a fundo nesta questão da tomada de decisão, pois ela é inerente à tensão e será o passo subsequente deste processo, assim que ela for tomada. Para entender como estes atletas vão se posicionando e tomando estas posições, é válido, paralelamente, recorrer a algumas passagens de uma fenomenologia geral da decisão, análise empreendida por Edmund Husserl²⁷ (1970)

Na obra "Experiência e Juízo", manuscrito de aproximadamente 1928, publicado postumamente em 1954, Husserl mostra que uma decisão é possível a partir de uma certeza simples. Ele relata nesta obra que há um processo de modalização, que simplifica os objetos de decisão possibilitando que haja algum grau de certeza ou convicção suficiente para ocorrer o ato decisório. No entanto, ele chama toda a atenção para os motivos que direcionam essa tomada de decisão. Desta forma, o processo decisório passa por - se necessário, pois uma decisão pode se dar baseada num objeto que se dá para o sujeito prontamente como certeza simples - modalizar esses motivos, tornando-os mais simples de serem apreendidos, para que seja possível fazer um julgamento, tomar uma decisão, como ocorre no balanceamento entre *empenho e restrições*.

“A pessoa te chama, aí você fica “mó” tipo, "ah, eu não vou, porque tenho torneio". Aí você chega lá no torneio acaba jogando mal, em um dia ruim, aí você perde, aí você fica muito estressado, fica muito...louco por isso, mas ... sei lá você tem que entender que faz parte do processo, sabe, por que o esporte, a performance tem dia, tem dia que você está se sentindo bem no dia, ou você pode estar com dor de cabeça, estar doendo, tipo hoje eu estou gripado.” (T2)

Ele vai tornando essa decisão uma coisa simples, já que, muitas vezes depois de já tomada a decisão, ele parece nem mais a abordar em nível explícito e racional. Pois ela já foi tomada anteriormente e a pretensão de continuar no esporte parece ainda muito presente. Assim, ele atravessa essa decisão de uma maneira quase que automática, baseada em julgamentos anteriores. Na mesma obra, Husserl (1970) deixa claro como as decisões vão formando a pessoa. Portanto, uma vez tomada a decisão, ela fica à disposição da pessoa, que pode recorrer a ela voluntariamente. Assim elas passam a fazer parte da maneira de se posicionar da pessoa,

²⁷ A análise de Edmund Husserl sobre o fenômeno da decisão ocorre em nível transcendental. Ele mostra como a estrutura da tomada de decisão se dá de uma maneira global que, por sua vez, pode ser aplicada, acrescentando-se as particularidades pertinentes, a casos específicos, como este que é abordado nesta pesquisa – tomada de decisão na carreira esportiva.

tendo a possibilidade de se incorporarem.

Indo além, Husserl (1970) chama de modalização o movimento de retomada a uma fonte diante de experiências sucessivas de decisões a serem tomadas. Portanto, o filósofo mostra que, para cada nova tomada de posição, é possível haver uma espécie de consulta àqueles que foram julgamentos anteriores a tomadas de decisões semelhantes. Por isso, cada decisão é uma fonte contínua a essas modalizações de tomada de decisão críticas.

Pode-se utilizar o conceito de modalização mostrado na obra de Husserl (1970) paralelamente a unidade de sentido *valores*, uma vez que estes são uma fonte de experiências acumuladas e já vividas que podem ser consideradas no próprio reconhecimento da situação, emitindo juízos e tomando posições.

Assim, fica claro que estes *valores* se constituem por um elemento afetivo emocional, isto é, uma fonte contínua das modalizações e das tomadas de posição nem sempre críticas. No entanto, ser fonte contínua, não quer dizer que uma vez tomada essa decisão, todas as outras possíveis serão sempre tomadas do mesmo jeito, levando as mesmas coisas em conta da mesma maneira. Se assim o fosse, estaria eliminada a condição de liberdade do homem. Elas são apenas fontes, novas decisões podem ser tomadas, em função de novas circunstâncias, de como esses valores se apresentam agora, ou também em virtude de uma mudança do afetiva no próprio sentido de valor. Podemos observar como os atletas passam por isso no seguinte relato:

“Ah, no começo eu não dava muita bola não, sabe. Tipo, ia para as festas depois ia jogar de qualquer jeito, ficava cansado, não dormia. Aí agora, dependendo do jogo sabe, se for um jogo muito importante, um jogo difícil, sabe. Aí eu nem vou na festa, fico em casa descansando. Mas se for um jogo mais tranquilo, aí até vai, mas não volta tarde, para divertir um pouquinho e volta pra casa descansar e concentrar pro jogo.” B2

Podemos notar que o atleta de basquete que concede esse relato claramente tem em vista sua fonte de experiência passada quando diz que “não dava muita bola”, e também fala que “ia jogar de qualquer jeito”. Ele está ciente de como ele viveu isso e mostra, mesmo que implicitamente, que “jogar de qualquer jeito”, “ficar cansado” e “não dormir” não é algo que gostaria de repetir continuamente. Portanto, é nesse momento que ele adota outra tomada de posição frente a situações semelhantes a que ele já viveu. É o que foi expressado nos resultados como produção subjetiva da responsabilidade.

Husserl (1970) ainda considera que novas circunstâncias, novos acontecimentos, novos motivos, que estão presentes nos acontecimentos são levados em consideração para as tomadas da *decisão*. Nas tomadas de decisão *existenciais*, para as quais o jovem atleta se sente empurrado, eles podem anular, apagar, fazer com o que foi *valor* anteriormente seja visto sob

uma nova luz, assumindo posicionamentos diferentes do que já teve. Ou seja, a experiência anterior participa, primeiramente, não como experiência, mas como o juízo daquela experiência nas tomadas de decisão do agora e do futuro.

É pertinente notar que existe um elemento emocional muito forte neste processo, pois é neste momento que este atleta vai valorar esses elementos como sendo bons ou ruins, fazendo um juízo propriamente. O que, em um certo momento, foi uma emoção positiva, um afeto positivo e se fez fundamental para que se tomasse determinada posição em nome daquilo, pode vir a não se confirmar depois, fazendo com que o atleta enxergue aquilo de várias maneiras, inclusive como algo negativo ou como ilusão.

Então, é preciso distinguir entre os julgamentos e os motivos do julgamento, ou seja, é necessário distinguir entre o que levou ele a este julgamento, e o que está sendo julgado de fato. Isso vai fazer com que cada um componha seu horizonte existencial. Sendo assim, não é o julgamento que predomina para jovens que tem que fazer uma opção do tipo profissionalizar-se ou estudar, por exemplo. Os motivos para que ele tome determinada posição é que são primordiais.

Tendo em vista a importância, já mostrada, da tomada de decisão para estes jovens, e pretendendo atingir a complexidade que é inata a este tema, evidenciou-se que a motivação figura como tema adjacente a tomada de decisão. Ou seja, a motivação não só é abordada aqui pela presença no campo da Psicologia do Esporte. Neste caso, pretende-se dar importância aos estudos, por exemplo, de Sage (1977) que é ecoado por Weinberg e Gould (2008), que interpelam motivação como sendo direção e intensidade de esforço.

Para cumprir com esta complexidade se vale da obra da fenomenóloga Edith Stein²⁸ (2005), que entende motivação como um reconhecimento de um processo complexo entre motivos. Ela apresenta neste trabalho uma maneira de compreender motivação genérica ao ponto de contemplar também a definição de Sage (1977).

Reconhecer motivação como processo já diz muito sobre o ponto de partida adotado. Isto pelo fato de que a motivação é entendida de maneira geral como a ligação que conecta os atos uns com os outros. Não é mera fusão, como a das fases do fluxo de consciência, mas sim um processo a partir do outro, é uma realização em virtude de outra (Stein, 2005).

Este processo de motivação, afirma a autora (Stein, 2005), pode ocorrer de maneira explícita ou implícita. Feito explicitamente, ele se dá quando nós, na conexão feita a partir de

²⁸ Edith Stein analisa os atos espirituais em sua maneira essencial, não na temática esportiva. Suas contribuições a respeito daquela temática têm relação clara com o processo de tomada de decisão que é abordado neste trabalho.

premissas, chegamos a uma conclusão, em seguida avançamos em proposições que são uma dedução delas e, em virtude das premissas, entendemos essa dedução para que assim possamos, a ela, dar crédito. Toda motivação explícita torna-se implícita após sua realização. No entanto, não é por este fato que ela não pode voltar a ser explicitada.

Vemos um movimento de motivação no último relato apresentado, no momento em que ele considera “se for um jogo muito importante, um jogo difícil, sabe. Aí eu nem vou na festa, fico em casa descansando”. Pôde-se entender tendo em vista sua obra (Stein, 2005), que o motivo, neste trecho é o juízo sobre uma experiência já vivenciada, ou seja, é a avaliação negativa de “jogar de qualquer jeito”, “ficar cansado” e “não dormir”, Isso leva a um impulso que tende a evitar essa situação, pode-se dizer que há, então, uma tendência a não ir ao jogo no dia seguinte. Mas o reconhecimento do valor de jogar, de estar presente, por todos os motivos que ele reconhece a partir dos *valores*, age simultaneamente e prescreve um propósito de mudar sua posição nesta situação semelhante à situação vivida anteriormente e entre diferentes possibilidades de ação ele escolhe a alternativa de “Aí eu nem vou na festa, fico em casa descansando”. Mas essa escolha se dá somente se o jogo for importante; caso contrário, a ponderação, o dirige para outra tomada de posição, que é “aí até vai, mas não volta tarde, para divertir um pouquinho”.

Portanto, percebe-se que a motivação é essa legalidade racional que prescreve de cada ato um outro que precede dele, algumas possibilidades razoáveis. Assim, a motivação é essa dinâmica que vai ligando esses atos.

Stein (2005) ainda mostra nesse capítulo que, no entanto, em cada momento existe a possibilidade de converter o sentido do objeto, de quebrá-lo e de deduzir regras para o curso das motivações. Ou seja, o sujeito é capaz de manipular o sentido explícita ou implicitamente.

O sentido de dois juízos determinados, em que ambos se integram na unidade de uma conexão final, é apreendido pelo eu, como consequência, um terceiro juízo. Portanto, devemos deduzir a exigência de que todo aquele que tenha formulado os correspondentes juízos como premissas, deduzam também deles a conclusão.

Isso se mostra nos resultados do trabalho no momento em que os atletas mostram quão gratos são e sentem que devem valorizar o fato estarem na condição de atletas de base. Podemos ver isso nestas passagens:

“[...]Ah o que eu falei, é uma coisa que eu tenho que valorizar bastante, porque tem muitos moleques que queriam estar na categoria de base, jogando na federação, e não estão. Tipo, não conseguiram passa em teste, não conseguiram um time, é uma coisa que eu meio que me orgulho também, que tipo, eu “to” aqui já, eu consegui chegar até aqui.” B4

“E fico muito feliz por isso, por estar atuando com a camisa do (Time de futebol), que é um time grande, que muitas pessoas queriam estar no meu lugar.” F6

Percebemos nestes trechos que é de acordo com o sentido de uma coisa conhecida como valiosa que, ao mesmo tempo, ela é apresentada como algo que deveria ser valiosa.

Por isso, deduz-se que: aquele que leva o valor à condição da ação - tanto no caso da inexistência do valor, quanto no caso da possibilidade da sua ação – se torna meta de realização. O que fica evidente nas passagens apresentadas, e, assim, deve ser entendido que toda vida de atos está sujeita às leis da razão, que levam o sujeito a um discernimento próprio e, dessa forma, avaliar o curso de suas motivações. A autora vai mostrando em sua obra (Stein, 2005) como é feita a tomada de decisão, e ela mostra que esta pode ter uma relação com a tomada de conhecimento, com a crença, como coisas independentes.

Então Stein (2005) mostra que a tomada de posição se deve ao objetivo ao qual se aplica. Esse objetivo exige o posicionamento e é fundado nele. A autora completa ainda que estas tomadas de posição geralmente não oferecem, antes de sua aparição, uma tomada de conhecimento. Assim, pode-se dizer que essas tomadas de posição vão tomando posse dos atletas, se apresentado a eles por si, quando eles percebem, já estão diante delas.

Sendo assim, a autora (Stein, 2005) afirma que ter conhecimento de uma situação pode ser traduzido no mesmo que ter a ciência de tal fato como verdade, conhecer objetivamente a realidade. Então, podemos usar como exemplo neste estudo a evidência de um bom resultado. Ademais cabe aqui evidenciar novamente o fato de que no tênis e no atletismo a tomada de conhecimento disto se torna mais clara, já no futebol e no basquete, por serem esportes coletivos, os atletas precisam destinar maior e mais minuciosa atenção para os desempenhos individuais. Já as crenças dizem respeito não só a fatos, mas àquilo em que queremos, em nível passivo ou ativo, acreditar.

Conseguimos relacionar essa passagem da autora com este trabalho à medida que estes atletas tomam suas *decisões existenciais* lançando mão da tomada de conhecimento e ao mesmo tempo das crenças pessoais, que muitas vezes são uma reprodução de falas não próprias.

“E só que teve uma vez que daí eu fui dispensado. Que tipo, na verdade eu “tava” meio que em teste lá, só que minha cabeça, eu ainda era novo, então tipo eu falei “não, acho que agora eu vou ficar, né? Pelo menos três meses de teste”. Aí foi quando eu fui dispensado. Aí tipo, eu falei “não, acho que eu não vou conseguir, acho que eu vou parar de jogar, porque pô, se eu não consegui aqui, né, acho que eu não vou conseguir em outro time”. Então... Daí ela[mãe] falou “não, continua, tenta” e tal. Aí foi quando eu fui e vim, consegui chegar aqui.” F2

Nesta passagem, podemos notar uma *decisão existencial* em que se lança mão do jogo entre crença *versus* conhecimento. Ou seja, ele tem a tomada de conhecimento quando diz “foi

quando eu fui dispensado. Aí tipo, eu falei ‘não, acho que eu não vou conseguir, acho que eu vou parar de jogar, porque pô, se eu não consegui aqui, né, acho que eu não vou conseguir em outro time’ ”, e do outro lado vemos sua mãe, a partir de sua crença contribuindo de maneira direta nesta decisão. Ele então resolve assumir essa posição. Um fato assim seria nomeado por Stein como *convicção*, que consiste em uma aceitação, proveniente de um reconhecimento de uma crença como decisiva para uma possível tomada de decisão.

Vemos, então que a convicção guia muitos atletas e, por isso, desde o momento em que entram na base, são impelidos pela crença de que são “diferentes” ou possuidores de um dom, ou de uma facilidade para executar esta atividade. Eles reconhecem e aceitam essa crença de pais, técnicos, amigos, e seguem por este caminho que se apresenta, em um primeiro momento, como agradável.

Esta convicção pode se tornar sonho, e eles, então, vão testando-as nos desafios encontrados na carreira esportiva, que aqui foram apresentados como restrições. Portanto, essa convicção é a todo momento colocada à prova, nas mais diferentes esferas, e essa relação com essa convicção pode ir confirmando ou afastando o atleta desta carreira.

O que se percebe é que ter conhecimento pode ser apenas uma inclinação à tomada de posição. Existem outros movimentos, alguns nem tão conscientes, que estão inclusos em uma *decisão existencial*. Sendo assim, nota-se que o motivo no momento da tomada de conhecimento e tomada de posição, pode não ter uma relação direta com fundamentos racionais, pode ser algo que está além da razão ou desrazão.

Interessante notar ainda que a liberdade é uma questão muito peculiar para a decisão destes jovens. Então, ao olhar a *decisão existencial*, são evidentes os indícios de como esta liberdade se apresenta a partir de como ela joga com *valores*, *empenho* e *restrições*. Apesar do trabalho se nortear via fenomenologia clássica com fundamentos baseados claramente nos estudos de Edmund Husserl e Edith Stein, é de extrema importância um diálogo com a teoria sartriana, mais especificamente na obra ‘O ser e o nada’ (1998) - publicado pela primeira vez em 1943 -, pois ele discorre sobre a liberdade. Foi possível então encontrar nesta obra ressonância entre o jogo citado (entre *valores*, *empenho* e *restrições*) e a maneira como ele examina e entende a liberdade. Jean Paul Sartre (1998) atribui a ela o caráter de condição de existência humana. O autor diz ser um existente que, através dos atos, apreende a sua própria liberdade, ele completa que a liberdade se perpetua em seu ser, podendo ser reconhecida como a textura do próprio ser. Em outra obra, Sartre (2010) apresenta que todos temos de escolher, inclusive escolher não escolher, e é assim que vamos criando e reconhecendo nossos *valores*, pelas escolhas que vamos tomando ao longo das nossas vidas.

As escolhas, as tomadas de decisão, vão se tornando cada vez mais obrigatórias para estes jovens, é um contexto em que há pouco tempo para avaliar e encontrar evidências para se deparar com uma escolha que justifique a sua intenção. Sobre isso, Silva (2013), estudiosa da obra sartriana, diz que:

A escolha revela a responsabilidade, diante de uma questão o homem deve optar por uma alternativa e por um critério pelo qual essa alternativa foi escolhida. A angústia significa optar entre alternativas que não possuem critérios externos à escolha. É necessário escolher porque tenho de ser livre. Assim, toda vez que há uma ação, o homem se torna responsável por tudo o que escolhe, porque não há outra escolha que não exercer a liberdade. (Silva, 2013, p.94).

Portanto, as escolhas do homem entendido por meio dos estudos de Sartre provocam o sentimento de responsabilidade. Esta questão se evidencia a todo momento neste trabalho, pois os jovens atletas mostram pelo que estão se responsabilizando quando se comprometem com este (*empenho*) ou aquele (*restrição*) compromisso. Porém é necessário chamar atenção para o limiar mais claro desta decisão que está dotada e lotada de responsabilidade, é a diferenciação do “de” e “na” carreira. Isto quer dizer que eles consideram muitas vivências e evidências de *empenho* e *restrição* para jogarem com a balança da *decisão existencial* e a partir da decisão é que vem a responsabilidade, ou seja, a maior evidência da decisão é quando ele tem que lidar com as responsabilidades do “de” ou “na” carreira quando a decisão foi tomada.

Outra construção sartreana interessante e que ressoa neste trabalho é abordada por Schneider (2006), a autora diz que, segundo Sarte, “o sujeito é presença em um mundo que exige sua posição ou atuação constante” (p.296). Neste contexto, a exigência parece tomar conta dos resultados se tornando mais palpável e obrigatória como já fora dito.

Tendo isto em vista, o ser livre para escolher é aqui entendido como necessidade de decidir se decidir, considerando aquilo que transcende a situação em uma determinada direção, ou seja, a decisão é rumo a um projeto de ser, é a partir disto que se pode evidenciar uma gama de possibilidades de ser para o sujeito (Schneider, 2006). Esta passagem ajuda a compreender como eles se validam da gama de possibilidades dentro do esporte e tem de tomar uma posição rumo a um projeto de ser que acaba por definir as significações do mundo para ele, evidenciando ou colaborando com o que foi chamado aqui de *valores*.

Por fim, pode-se dizer então que a realização não se dá somente por ele ser um atleta de categoria de base, dentre todo o contexto esportivo que é muito diverso, severo e até desleal algumas vezes. É preciso agir em direção à realização. Schneider (2006) diz, segundo a teoria sartriana: “O homem é aquele que faz e nesse fazer se faz. A sua ação compromete-o em determinada direção” (Schneider, 2006, p.297). Isso é a construção da trajetória destes atletas, que dentro do seu contexto jogam não só com o esporte, mas também com a sua vida.

7. Considerações finais

A partir deste estudo, que se inicia pelo anseio identificar e compreender as experiências esportivas destes jovens atletas, fica evidente que, em caráter gradativo, as tomadas de decisão vão preenchendo o horizonte existencial destes atletas, pois é a partir das decisões cotidianas que ele valora e reflete, considerando sua experiência esportiva envolta por anseios e medos, em seu curso de vida. É a negativa, entendida como um peso a mais nas *restrições*, que pode o colocar em uma posição tensionada frente a seus sonhos.

Os Resultados e a Discussão, aqui apresentados, mostram como os fatores decisivos nesta fase de transição se confirmam quando emparelhados com a literatura da área. Uma diferença, neste sentido, é a maneira como eles foram abordados por esta pesquisa. Nesta oportunidade, a descrição essencial dos elementos encontrados (unidades de sentido), é entendida junto ao atleta.

Foi possível apreender a consistência destas experiências vividas, levando os resultados a afirmarem não a vivência de certa pessoa nessa condição, mas a vivência da pessoa - quem quer que seja - assim situada. Isto é, o percurso desta investigação permite, com base em rigoroso método, trilhar um caminho que parte das experiências individuais de determinados atletas, rumo à experiência genérica, possível para todos. Existe uma tensão afetiva e decisiva que é revelada entre padecimentos e valores que as unidades de sentido descreveram. Ela é vivenciada por este atleta, que não poderia vivê-la de outra forma, no ambiente em que está situado.

Em vista disso, é com esta tensão frente à complexidade da escolha, considerando o curso da vida destes jovens, que este estudo se depara. Ilustrados por uma balança, os resultados não acontecem separadamente. A opção por identificar vivências isoladamente, além de ser uma forma didática, se dá pelo entendimento de que são diferentes. No entanto, elas se manifestam como vivência estrutural. Ou seja, a partir delas podemos identificar uma vivência comum a atletas de base destas modalidades, e não apenas identificar a experiência individual de cada atleta, como já fora dito. A intenção é ir além da identificação, encontrando a maneira como esta vivência se estrutura em sua articulação com as demais. E, por fim, entender como cada atleta desdobra sua experiência própria tendo sua própria história.

Uma limitação do estudo é o alcance da amostra, não incluindo atletas do sexo feminino. Coloca-se em questão o quanto estes resultados se difeririam se atletas do sexo feminino fossem inclusas na amostra. Outra especificidade do estudo que pode aparecer como limitação é o número de modalidades esportivas abordadas, pois a questão se repete aqui: os resultados

seriam diferentes para outras modalidades? Ou, ainda, seriam diferentes em outras fases da carreira esportiva?

Disto emerge o apontamento para novas pesquisas, abordando outras modalidades e fases desta carreira, para que, no contraste com essa dissertação, possa ser desenvolvido um modelo de transição de carreira esportiva que parta do ponto de vista experiencial inerente à psicologia fenomenológica.

A relação com o estudo anterior (Salomão, Otoni & Barreira, 2014) se tornou evidente no percurso, uma vez que foi encontrado, naquela oportunidade, um *Correr atrás* (como unidade de sentido naquela oportunidade), que consiste na consideração que eles dão ao peso do sofrimento vivido como sendo menor que o da recompensa, a meta almejada.

Desta forma, os resultados descritos aqui levam em conta a profundidade do *Correr atrás*, contribuindo para um melhor entendimento desta categoria e, também, para o valor que estes atletas atribuem à experiência esportiva. Quer dizer, admitir, com a tensão que há entre *restrições* e *empenho*, que o que está em jogo, na verdade, não é apenas uma partida, uma prova, uma marca, mas também o curso da sua própria vida.

Os posicionamentos existenciais descritos e discutidos dão margem à reflexão sobre a atuação da comissão técnica como um todo, mas dão margem, principalmente, ao trabalho do psicólogo do esporte que atua neste contexto.

Uma atuação, levando em conta a importância e complexidade destas pequenas decisões descritas, se torna mais ajustada e próxima aos atletas. A comissão, como um todo, tendo consciência da importância da experiência esportiva destes atletas e da carga emocional peculiar relativas a ela, pode tomar decisões mais acertadas, valorando o que está em jogo neste momento da carreira deste atleta.

Já ao psicólogo do esporte cabe, a partir desta compreensão, se atentar à condição deste atleta de maneira mais integral. Portanto, nesta atuação é importante levar em conta a carreira esportiva na qual este atleta se encontra, sua trajetória e suas características pessoais, dando importância ao seu horizonte existencial, seu contexto e sua temporalidade. E assim orientar e contribuir para que este atleta, por meio de reflexões próprias, reconheça, avalie e valore suas próprias decisões com o peso que por ele é dado.

Em um movimento de cuidado, respeito, este psicólogo se guiará por um trabalho pautado na atenção à singularidade e que reconheça as crises inerentes a essa fase de transição, considerando que estes atletas vivenciam experiências de maneiras diferentes de outros adolescentes com a mesma idade em contextos não esportivos. E, então, aponta-se para a condição de “ser atleta” como algo passageiro, embora o sentido desta experiência vivenciada

pelo atleta esteja presente por toda sua vida.

Referências

- Ales Bello, A. (1998). *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica* (A. Angonese, Trad.). Bauru, SP: EDUSC. (Trabalho original publicado em 1997).
- Ales Bello, A. (2004). *Fenomenologia e ciências humanas* (M. Massimi, & M. Mahfoud, trad.) Bauru, SP: EDUSC. (Trabalho original publicado em 2004).
- Ales Bello, A. (2006). *Introdução à Fenomenologia* (J. T. Garcia & M. Mahfoud. trad.) Bauru, SP: EDUSC. (Trabalho original publicado em 2006).
- Ales Bello, A. (2013). Prefácio. In: Mahfoud, M.; Massimi, M. (Org.). *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte, MG: Artesã, 2013, 9-13.
- Ales Bello, A. (2016). *Il senso dell'umano: tra fenomenologia, psicologia e psicopatologia*. Roma, Itália: Castelvecchi.
- Allison, M. T., & Meyer, C. (1988). Career problems and retirement among elite athletes: The female tennis professional. *Sociology of Sport Journal*, 5(3), 212-222.
- Amatuzzi, M. M. (2007). *Pesquisa fenomenológica em psicologia*. Campinas, SP: Alínia
- Angelo, L. F. (2014). *Gestão de carreira esportiva: uma história a ser contada no futebol*. Tese de doutorado, Programa da Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Arena, S. S. & Böhme, M. T. S. (2000). Programas de iniciação esportiva na grande São Paulo. *Revista Paulista de Educação Física*. 14 (2)184-195.
- Azevedo, E. L., (2011). *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental” de Edmund Husserl: uma apresentação imensões existenciais no esporte: fenomenologia das experiências esportivas de atletas com deficiência visual*. Dissertação de mestrado, Programa de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo
- Barros, K. S., (2008). Recortes da transição na carreira esportiva. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 2 (1), 1-27.
- Barros, K. S., (2015). “*Nunca deixe de tentar*”: compreendendo vivências de “*ser atleta em transição*”. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo
- Barreira, C. R. A. (2007). A fenomenologia como ciência das dimensões existenciais da atividade física: uma abordagem em psicologia do esporte. In *Anais de resumos e trabalhos completos do XIV Encontro Nacional da ABRAPSO* (pp. 1-11). Rio de Janeiro, RJ.
- Barreira, C. R. A. (2011). Da história da fenomenologia a ética na psicologia: tributo ao centenário de Filosofia como Ciência Rigorosa (1911). *Memorandum*, 20, 135- 144
- Barreira, C. R. A. (2014). A Bela Adormecida e outras vinhetas - A empatia, do corpo a corpo cotidiano à clínica. In: Juvenal Savian Filho. (Ed.). *Empatia. Edmund Husserl e Edith Stein - Apresentações didáticas* (pp. 53-93). São Paulo, SP: Edições Loyola
- Barreira, C. R. A. (2017). Análise fenomenológica aplicada a Psicologia: recursos operacionais para pesquisa empírica. In: Mahfoud, M; Savian, F, J. (Eds.), *Diálogos com Edith Stein: filosofia, psicologia e educação* (pp.317-368). São Paulo, SP: Paulus.
- Barreira, C. R. A. & Ranieri, L. P. (2013). Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em psicologia: a entrevista como

fonte de acesso às vivências. In: Mahfoud, M.; Massimi, M. (Eds.), *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa* (pp. 449-466). Belo Horizonte, MG: Artesã

Betti, M. (1993). Cultura corporal e cultura esportiva. *Revista paulista de educação física*. 7 (2). 44-51.

Böhme, M. T. S., (2000). O treinamento a longo prazo e o processo de detecção, seleção e promoção de talentos esportivos. *Revista brasileira de ciências do esporte*. 21 (2), 4-10.

Böhme, M. T. S., (2011). *Esporte infantojuvenil - treinamento a longo prazo: teoria e prática*. São Paulo, SP: Phorte.

Bourdieu, P. (1990). *Coisas ditas*. São Paulo, SP: Brasiliense.

Bourdieu, P. (1997) *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Bracht, V. (2005). *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. 3. ed. Ijuí, RS: Ed. Unijui,

Brandão, M. R. F.; Akel, M. C.; Andrade, S. A.; Guiselini, M. A. N.; Martini, L. A. E; Nastás. M. A.(2000). Causas e consequências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura. *Revista Brasileira Ciência e Movimento*, 8(1), 49-58.

Brenner J. S. (2016). Sports Specialization and Intensive Training in Young Athletes. *American academy of pediatrics*. 138(3), 2016-2148

Brohm, J-M. (1989). *Sport: A prison of a measured time*. Worcester, MA: Pluto Press,.

Bruner, M. W., Munroe-Chandler, K. J., & Spink, K. S. (2008). Entry into elite sport: A preliminary investigation into the transition experiences of rookie athletes. *Journal of applied sport psychology*, 20(2), 236-252.

Carvalho, C. A., (2009). Psicologia e esporte: um olhar fenomenológico para um encontro marcado pela modernidade. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 15(2), 149-156.

Carvalho, C. A. (2012). Aproximações entre psicologia e educação física: a história bate em nossa porta. *Anais de resumo e trabalhos completos do XIII Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia* (pp. 1-13). São Paulo, SP.

Carlin, M. & Ruiz, G. de L. F., (2012). Transición de Carrera deportiva a um nuevo contexto vital: perspectivas actuales. *Cuadernos de Psicología Del Deporte*, 12 (1), 103-110.

CBB. Confederação Brasileira de Basquetebol (2010). *Regras oficiais de basquetebol, 2010*. Disponível em: < <http://www.cbb.com.br>>. Recuperado em 24 out. 2016.

CBAt. Confederação Brasileira de Atletismo (2010). *O atletismo*. Disponível em: < <http://www.cbac.com.br>>. Recuperado em 26 out. 2016.

Chamorro, J. M. L.; Torregrosa, M; Sánchez-Miguel, P. A.; Sánchez-Oliva, D; Amado, D. (2015). Desafíos en la transición a la élite del fútbol: recursos de afrontamiento en chicos y chicas. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*. 10(1), 113-119.

Chamorro J. M. L., Sánchez-Oliva D.; González, J. J. P. & Alonso D. A. (2016) ¿Jugaré en la élite? Expectativas de llegar a profesional y su relación con la motivación en jóvenes jugadores de fútbol. *Retos*. 29(1), 153-156.

Coelho e Silva, M. J.; Figueiredo, A. J.; Elferink-Gemser, M. T. & Malina, R.M. (2009). *Youth Sports. Participation, Trainability and Readiness*. Comibra, Portugal: University Press.

Cortela, C. C.; Fuentes, J. P.; Aburachid, L. M. C.; Kist, C.; Cortela D. N. R. (2012). Iniciação esportiva ao tênis de campo: um retrato do programa play and stay à luz da pedagogia do esporte. *Conexões educação física, esporte e saúde*. 10(2), 214-234.

Cosh, S., Crabb, S. & LeCounter, A. (2013). Elite athletes and retirement: identity, choice, and agency. *Australian Journal of Psychology*, 65, 89-97.

Cosh, S., Crabb, S., & Tully, P. J. (2015). A champion out of the pool? A discursive exploration of two Australian Olympic swimmers' transition from elite sport to retirement. *Psychology of Sport and Exercise*, 19, 33-41.

Costa, A. L. F., Amorim, K. M. O., & Costa, J. P. (2010). Profissão de psicólogo no Brasil: análise da produção científica em artigos. In O. H. Yamamoto & A. L. F. Costa (Orgs.), *Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil*, (pp. 31-58). Natal: EDUFRN.

Dacosta, L. P. (Org.). (2005). *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Shape.

Daolio, J. & Velozo, E. L. (2008). A técnica esportiva como construção cultural: Implicações para pedagogia do esporte. *Pensar a prática*. 11(1), 9-16.

Debois, N.; Ledon, A. & Wylleman, P. (2015). A lifespan perspective on the dual career of elite male athletes. *Psychology of Sport and Exercise*. 25(1), 15-26

Delaney, T. & Madigan, T. (2009). *The sociology of sports: an introduction*. Jefferson, MO: Mcfarland & Company.

Duarte, M. E. (2004). O indivíduo e a organização: Perspectivas de desenvolvimento. *Psychologica* (Extra-Série), 549-557.

Duarte, M. E. (2009) Um século depois de Frank Parson: Escolher uma profissão ou apostar na psicologia da construção da vida? *Revista brasileira de orientação profissional*. 10(2), 5-14

Dutra, J. L. (1996). *Administração de carreiras: uma proposta para repensar gestão de pessoas*. São Paulo, SP: Atlas.

Epiphany, E. H., (1999). Psicologia do esporte: Apropriando a desapropriação. *Psicologia, ciência e profissão*. 19(3), 70-73.

Erikson, E. (1968). *Identity, Youth and crisis*. New York: Norton.

Fahlberg, L. L. & Fahlberg, L. A, (1994). Human Science for the Study of Movement: an integration of multiple ways of knowing. *Research Quarterly for Exercise and Sport*. 64 (2), 100-109.

Fahlberg, L. L.; Fahlberg, L. A. & Gates, W.K., (1992). Exercise and Existence: exercise behavior from an existential-phenomenological perspective. *The Sport Psychologist*, 6, 172-191.

Fazenda, I. C. (1992). *A Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?* São Paulo, SP: Loyola.

Feeley, B. T.; Agel, J. & Laprade R. F. (2017), When Is It Too Early for Single Sport Specialization? *The American journal of sports medicine*. 44(1), 234-241.

Ferguson, B. & Stern P. J. (2014) A case of early sports specialization in an adolescent athlete. *The Journal of the Canadian Chiropractic Association*. 58(4), 377-383

- Folle, A.; Nascimento, J. V. & Graça, A. B. S. (2015). Processo de formação esportiva: da identificação ao desenvolvimento de talentos esportivos. *Revista da Educação Física / UEM*, 26(2), 317-329.
- Franco Junior, H. (2013) Brasil, o país do futebol? *Revista USP*, (99), 45-56
- Frankl, V. E. (1989). *Um sentido para a vida*. São Paulo: Santuário
- Frankl, V. E. (2012). *The will to meaning. Foundation and Application of logotherapy*. (C. C. G. Pintos, Trad.) Barcelona-CT: Herder.
- Fraser-Thomas, J., & Côté, J. (2009). Understanding adolescents' positive and negative developmental experiences in sport. *The sport psychologist*, 23(1), 3-23.
- Garcia, R. P. (2002). Contributo para uma compreensão do desporto: uma perspectiva cultural. In: Barbanti, V. J. et al. (Eds). *Esporte e atividade física: Interação entre rendimento e saúde* (pp. 321-327). São Paulo, SP: Manole.
- Gaya, A. (2006). Corpos esportivos: o esporte como campo de investigação científica. *Revista Bras. De Ed. Física e Esporte*. 20(5), 125-127.
- Giorgi, A & Sousa, D. (2010), *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Lisboa: Portugal: Fim de Século.
- Ginzberg, E., Ginsburg, S., Axelrad, S., & Herma, J. (1951). *Occupational choice: An approach to a general theory*. New York: Columbia University Press.
- Hassenpflug, W. N. (2004). *Educação pelo esporte: educação para desenvolvimento humano pelo esporte*. São Paulo, SP: Saravia.
- Henriksen, K., Stambulova, N., & Roessler, K. K. (2010). Holistic approach to athletic talent development environments: A successful sailing milieu. *Psychology of Sport and Exercise*, 11(3), 212-222.
- Hobsbawm, E. J. (1989). *A era dos impérios: 1875-1914*. 2ªed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.
- Husserl, E. (1970) *Expérience et jugement*. (D. Souche-dagues, Trad). Paris: Presses Universitaire de France (Trabalho original publicado em 1954).
- Husserl, E. (2000). *A ideia da fenomenologia*. (Morão, A., Trad.). Rio de Janeiro, RJ: edições 70.
- Husserl, E. (2006). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. (C. A. Ribeiro, Pref.; M. Suzuki, Trad.). Aparecida: Idéias & Letras. (Trabalho original publicado em 1913).
- Kunz, E. (1994). Transformação didático-pedagógica do esporte. Ijuí: Unijuí.
- Kunz, E. (2000). Esporte: uma abordagem com a fenomenologia. *Movimento*. 6 (12), 1-13.
- LaPrade, R. F. et al. (2016), AOSSM Early Sport Specialization Consensus. *Statement. Orthopedic Journal of Sports Medicine*. 4(4), 234-241.
- Loland, S., (2006). Morality, Medicine, and Meaning: toward an integrated justification of physical education. *Quest* 58(1), 60-70, 2006
- Loureiro, L. M. J., (2006). Adequação e rigor na investigação fenomenológica em enfermagem – Crítica, estratégias e possibilidades. *Referência*. 2 (2), 21-32.

Maciel, L. H. R., Cappelle, M. C. A., & Campos, R. C. (2015). Continuando a Jornada: Explorando a Recolocação Profissional de Ex-Atletas de Alto Rendimento. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 14(2), 78-91.

Mahfoud, M. & Massimi, M. (Org.). (2013). *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte, MG: Artesã

Marivoet, S. (2002). *Aspectos sociológicos do Desporto*. Lisboa, Portugal: Livros Horizonte.

Marchi Jr W. & Afonso, G. F. (2007). Globalização e esporte: apontamentos introdutórios para um debate. In: Ribeiro, L (org). *Futebol e Globalização*. Jundiaí: Fontoura, pp.127-143.

Markunas, M. (2007). Psicologia do esporte no desenvolvimento do papel profissional de atleta. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*. 1(1), 01-13.

Marques, M. P., (2008). *Análise de transição da carreira esportiva de atletas de futebol da fase amadora para a fase profissional*. Dissertação de mestrado, Programa da Escola de Educação Física, Fisioterapia e terapia ocupacional. Universidade de Federal de Minas Geras, Belo Horizonte.

Martini, L. A. (2003). Causas e consequências da transição de carreira atlética. In: Rubio, K (org) (Eds). *Psicologia do esporte: teoria e prática* (pp. 187-210). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Melo, V. A. de. (2010). *Esporte e lazer: conceitos*. Rio de Janeiro, RJ: Apicuri.

Merleau-Ponty, M. (2006). *As aventuras da dialética*. São Paulo, SP: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1955)

Myer, G. D. et al. (2015). Sport Specialization, Part I: Does Early Sports Specialization Increase Negative Outcomes and Reduce the Opportunity for Success in Young Athletes? *Sports Health*. 7(5), 437-442.

Myer, G. D. et al. (2016). Sports Specialization, Part II: Alternative Solutions to Early Sport Specialization in Youth Athletes. *Sports Health*. 8(1), 65-73

Montagner, P. C. & Silva C. C. O. (2003). Reflexões acerca do treinamento a longo prazo e a seleção de talentos através de “peneiras” no futebol. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 24 (2), 187-200.

Montezi, A. V.; Barcelos, T. F.; Ambrosio, F. F. & Vaisberg, T. M. J. A.(2013). Linha de passe: adolescência e imaginário em um filme brasileiro. *Psicologia em revista*, 19(1), 74-88.

Moreira, T. S.; Santos, S., M.; Silva, M. M. & Souza, D. L. (2016). Os conceitos de "Cultura Esportiva" e "Habitudo Esportivo": Distanciamentos e aproximações. *Educación Física y Ciencia*, 18(1), 00-07

Moretti, A, R. (2004). Psicologia do esporte: Perspectivas históricas. *Argumento*, 4(11), 89-100.

Nakata, L. E. (2014). *A transição de carreira do ex-atleta de alto rendimento*. Tese de doutorado, Programa da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Nesti, M. (2011). Phenomenology and sports psychology: back to the things themselves! *Sport, Ethics and Philosophy*, 5(3), 285-296.

Normand, J. M., Wolfe A. & Peak, Kayla. (2017). A Review of Early Sport Specialization in Relation to the Development of a Young Athlete. *International journal of Kinesiology & Sports Science*. 5(2), 37-42

Otoni, G., Ranieri, L. P., & Barreira, C. R. A. (2008). O posicionamento existencial frente à dor: uma aproximação fenomenológica às experiências de atletas lesionados em tratamento. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 2(2), 1-32.

Park, S., Lavalley, D., & Tod, D. (2012). Athletes' career transition out of sport. 2 *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 6, 22-53

Pazin, J., Duarte, M. D. F. D. S., Poeta, L. S., & Gomes, M. D. A. (2008). Corredores de rua: características demográficas, treinamento e prevalência de lesões. *Rev bras cineantropom desempenho hum*, 10(3), 277-82.

Pereira, I, S. (2008). Mundo e Sentido na Obra de Viktor Frankl. *Psico*, 29(2), 159-165.

Pinto, J. A. & Cunha, F. H. G. (1998). O tênis como alternativa no currículo escolar para crianças entre 8 e 12 anos. *Motriz*. 4(1). 26-34.

Pires, G, L. (1997) Globalização cultura esportiva e educação física. *Motrivivência*. 9 (10), 26-43

Pires, G., L. (2005) Cultura esportiva: dicionário crítico da educação física. In: F. J. Gonzalez; P. E. Fenterseifer (Orgs.), *Dicionário crítico de educação física*. Ijuí, RS: Ed. Unijui,

Pires, L, G. (2008). Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. *Journal of Physical Education*, 9(1), 25-34.

Pummell, B., Harwood, C., & Lavalley, D. (2008). Jumping to the next level: A qualitative examination of within-career transition in adolescent event riders. *Psychology of sport and exercise*, 9(4), 427-447.

Quishida, A, & Casado, T. (2009). Adaptação à transição de carreira na meia-idade. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(2), 81-92. Recuperado em 27 de outubro de 2014, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902009000200009&lng=pt&tlng=pt. .

Ramos, A. M. & Neves, R. L. R. A especialização esportiva e a especialização precoce à luz da Teoria da Complexidade: notas introdutórias. *Pensar a Prática*, 11(1), 1-8.

Ranieri, L. P., (2011). *Dimensões existenciais no esporte: fenomenologia das experiências esportivas de atletas com deficiência visual*. Dissertação de mestrado, Programa da Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Ranieri, L. P. & Barreira, C.R.A. (2010) A entrevista fenomenológica. In *Anais do Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, IV* (pp.213-221). Rio Claro, SP: Unesp Campus de Rio Claro

Rodrigues, F. X. F. (2004). Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. *Sociologias*. 6(11), 260-299.

Ronkainen N. J.; Tikkanen, O.; Littlewood, M. & Nesti, M. S. (2014). An existential perspective on meaning, spirituality and authenticity in athletic careers. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*. 7(2), 253-270.

Rubio, K. (1999) A psicologia do esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 19(3), 60-69

Rubio, K. (2001). *O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo

Rubio, K. (2007a). O trajeto da psicologia do esporte e a formação de um campo profissional. In: Rubio, K. (org.), *Psicologia do Esporte: interfaces, pesquisa e intervenção* (pp.15-28). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo

Rubio, K. (2007b). Ética e compromisso social na psicologia do esporte. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(2), 304-315.

Rubio, K. (2007c). Da psicologia do esporte que temos à psicologia do esporte que queremos. *Revista brasileira de psicologia do esporte*. 1(1), 1-13

Rubio K. & Ferreira Junior N., S., (2012). A transição durante a fase do amadorismo. In: Rubio K (org.), *Destreinamento e transição de carreira no esporte*. (pp. 65-81) São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

de Sa, T. H., Garcia, L. M. T., & Claro, R. M. (2014). Frequency, distribution and time trends of types of leisure-time physical activity in Brazil, 2006–2012. *International journal of public health*, 59(6), 975-982.

Sage, G. (1977). *Introduction to motor behavior: A neuropsychological approach* (2nd ed.). Reading, MA: Addison-Wesley.

Salomão, R. L., Ottoni, G. P., Barreira, C. R. A. (2014). Atletas de base de futebol: a experiência de viver em alojamento. *Psico-USF*, 19(3), 443-455.

Schneider, D., R., (2006). Liberdade e dinâmica psicológica em Sartre. *Natureza humana*, 8(2), 283-314.

Sanches, S. M. (2012). Reflexões teóricas e práticas sobre a transição entre a iniciação esportiva e a profissionalização – um enfoque psicoprofilático. In Rubio, K., *Destreinamento e transição de carreira no esporte*. (pp. 83-107). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Sanchis, P. (2012). “O som Brasil”: uma tessitura sincrética? In: Massimi, M. (Org.) *Psicologia, Cultura e História: perspectiva em diálogo*. (pp.11-54). Rio de Janeiro, RJ: Outras Letras.

Santana, W.C. (2005). Uma proposta de subsídios pedagógicos para o futsal na infância *Revista virtual Educação Física* 3(4), 1-9

Sartre, J. P. (1998). *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica* (P. Perdigão, trad., 6 Ed.) Rio de Janeiro, RJ: Vozes (Trabalho original publicado em 1943).

Sarte, J. P. (2010). *O existencialismo é um humanismo* (J. B. Kreuch, trad.) Petrópolis, RJ: Vozes (Trabalho original publicado em 1946).

Savickas, M. L., Nota, L., Rossier, J., Dauwalder, J. P., Duarte, M. E., Guichard, J., Soresi, S., Esbroeck, R. V., Vianen, A. E. M. (2009). Life designing: A paradigm for career construction in the 21st century. *Journal of Vocation Behavior*. 75(3), 239-250

Silva, M. J. C., Figueiredo, A. J., Elferink-Gemser, M. T., & Malina, R. M. (Eds.). (2016). *Youth sports: growth, maturation and talent*, 2a ed. Coimbra: Portugal, Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press.

Schlossberg, N. K. (1981). A model for analyzing human adaptation to transition. *The Counseling Psychologist*, 9(2), 2-18

Silva, A., M., V., B. (2013). A concepção de liberdade em Sartre. *Filogenese*. 6 (1), 93-107.

- Smith, et al. (2017). Early sports specialization: an international perspective. *Current Sports Medicine Reports*. 16 (6), 439-442
- Stambulova, N. B. (1994). Developmental Sports Career Investigations in Russia: A Post-Perestroika Analysis. *Sport Psychologist*, 8(3), 221-237.
- Stambulova, N. B. (2000). Athletes' crises: a developmental perspective. *International Journal of Sport Psychology*, 31(4), 584-601.
- Stambulova, N. B. (2017). Crisis-transitions in athletes: current emphases on cognitive and contextual factors. *Current Option in psychology*. 16(1), 62-66
- Stambulova, N., Alfermann, D., Statler, T., & Côté, J. (2009). ISSP position stand: Career development and transitions of athletes. *International journal of sport and exercise psychology*, 7(4), 395-412.
- Stein, E. (2005). La vida espiritual y la motivación. In: J. Urkiza & F. J. Sancho. *Escritos Filosóficos (Etapa fenomenológica: 1915- 1920)* (C. R. Garrido & J. L. C. Bono, trad. (vol. 2 pp. 252-264). Vitoria, España: Ediciones el Carmen.
- Stigger, M. P. (2005). *Educação física, esporte e diversidade*. Campinas, SP: Autores associados.
- Super, D. (1983). Assessment in career guidance: Toward truly developmental counseling. *The Personnel and Guidance Journal*, 61(9), 555-562
- Super, D. (1990). A life-span, life-space approach to career development. Em D. Hall (Ed.), *Career development in organizations* (2a ed., pp. 197-261). San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Telles, T., C., B., & Moreira, V. (2014). A Lente da Fenomenologia de Merleau-Ponty para a Psicopatologia Cultural. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(2), 205-212
- Tonetti, C. L. S. (2009). *Representações da cultura esportiva e da mídia em Moçambique na perspectiva do desenvolvimento humano*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós Graduação em Educação Física, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis.
- Tubino, M, J G. (2001). *Dimensões sociais do esporte*. São Paulo, SP: Cortez
- Veloso, E. F. R. (2012). *Carreiras sem fronteiras e transição profissional no Brasil: desafios e oportunidades para pessoas e organizações*. São Paulo, SP: Atlas
- Vieira, L. F. et al. (2010). Psicologia do esporte: uma área emergente da psicologia. *Psicologia em Estudo*. 15 (2), 391-399.
- Vieira, L. F., Junior, J. R. A N. & Vieira, J. L. L. (2013). O estado da arte em pesquisa em Psicologia do Esporte no Brasil. *Revista de psicologia del Desporte*. 22(2), 501-507.
- Voigt, L. & Hohmann, A. (2016). Expert youth coaches' diversification strategies in talent development: A qualitative typology. *International Journal of Sports Science & Coaching*. 11(1), 39-53
- Weinberg, R. S., & Gould, D. (2008). *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Wylleman, P., Alfermann, D., & Lavalley, D. (2004). Career transitions in sport: european perspectives. *Psychology of Sport and Exercise*, 5(1), 7-20.
- Wylleman, P., & Lavalley, D. (2004). A developmental perspective on transitions faced by athletes. *Developmental sport and exercise psychology: A lifespan perspective*, 507-527.

Apêndices

APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido – responsáveis das instituições esportivas

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado responsável pela categoria de base, alguns atletas estão sendo convidados a participar da pesquisa “A experiência vivida por atletas de categorias de base: a cultura esportiva sob a ótica fenomenológica” que será desenvolvida pelo Prof. Dr. Cristiano Roque Antunes Barreira (USP) e o pesquisador assistente Rodrigo Lourenço Salomão, estudante de pós-graduação e pesquisador pela FFCLRP-USP. A presente pesquisa tem como finalidade identificar e compreender as experiências vividas e contextualizadas na prática esportiva de jovens atletas pertencentes a categorias de base. O resultado desse estudo pode contribuir para o aperfeiçoamento da atuação de profissionais de Psicologia do Esporte junto a atletas de base.

A entrevista será realizada através de um diálogo, com perguntas formuladas previamente pelo pesquisador, sendo elas: 1- Como foi sua trajetória nas categorias de base até chegar aos dias de hoje?, 2- Como é pra você pertencer a uma categoria de base?, 3- A partir dessa vivência o que você espera?. No decorrer da conversação, novas questões podem surgir. A entrevista será gravada em áudio e, posteriormente, será transcrita para o desenvolvimento da pesquisa. Trechos da entrevista poderão ser usados em publicações, sem haver identificação do entrevistado. A entrevista não tem duração fixa, mas usualmente se estende por aproximadamente 25 minutos e será áudio- gravada para posterior transcrição e análise. A entrevista será realizada no local de treinamento ou na residência dos atletas, de acordo com a preferência dos mesmos. Portanto, a participação deles na pesquisa não implicará em qualquer custo aos mesmos ou à instituição. Caso algum atleta tenha alguma despesa com transporte e alimentação para conceder a entrevista, o valor poderá ser ressarcido.

Os atletas participarão dessa entrevista de forma voluntária. Os riscos da pesquisa são mínimos, mas caso o atleta se sinta desconfortável, constrangido e não queira falar sobre algum acontecimento, ele não será obrigado a continuar o relato. O estudo não pretende condenar ou julgar o que for relatado. Além disso, ele terá total direito de interromper a entrevista quando quiser, isso não gerará nenhuma penalidade. Caso as questões tratadas na entrevista suscitem alguma mobilização neste jovem, o pesquisador responsável estará disponível para agendar novo encontro a fim de lidar com essas questões, visando proporcionar os devidos acolhimentos e acompanhamento psicológico. O pesquisador garante sua indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa conforme as leis vigentes no país. Quando a pesquisa for concluída, caso o esportista solicite, ele terá acesso a todos os resultados, discussões e conclusões. De imediato os participantes não terão benefícios nesta pesquisa. Todavia, é bastante comum que a oportunidade de refletir sobre acontecimentos vividos seja positivamente experienciada por quem concede este tipo de entrevista. É direito do atleta ter acesso à sua entrevista audio-gravada ou transcrita quando achar necessário. O material da entrevista, tanto audio-gravação, quanto transcrição, ficará armazenado em um local seguro, ao qual apenas o pesquisador e pessoas autorizadas terão acesso.

Este termo tem duas vias, uma ficará com o pesquisador e a outra pertence a você. As identidades dos atletas serão mantidas em sigilo absoluto. Todas as informações obtidas por essa pesquisa são apenas para fins científicos (artigos científicos, apresentações acadêmicas, congressos, por exemplo). Qualquer informação contendo sua identidade não poderá ser acessada por pessoas leigas sem sua autorização oficial.

Como pesquisador principal, eu Cristiano Roque Antunes Barreira, delego a Rodrigo Lourenço Salomão, pesquisador assistente, responsabilidade pela assinatura e condução do presente termo e firmamos e nos comprometemos a cumprir todo o procedimento descrito neste termo e, concomitantemente, da pesquisa.

Eu, _____, como responsável do participante da pesquisa, declaro que fui devidamente informado e esclarecido sobre os procedimentos, finalidade e objetivos deste estudo, bem como sobre a utilização das informações exclusivamente para fins científicos.

_____, _____ de _____ de _____

Nome por extenso

Assinatura

Rodrigo Lourenço Salomão
Pesquisador Assistente

Se tiver dúvidas relacionadas a este estudo, contate:
Rodrigo Lourenço Salomão
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto –
Universidade de São Paulo -USP
Fone: (16) 3315-0344 / 3315-8616
E-mail: crisroba@usp.br

Caso tenha dúvidas sobre os aspectos éticos da pesquisa, contate:
*Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte de
Ribeirão Preto - USP*
Avenida Bandeirantes, 3900 – 14040-907 - Ribeirão Preto - SP - Brasil
Fone: (16) 3315-0494
E-mail: cep90@usp.br

APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido – responsáveis pelos atletas

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezados pais e/ou responsáveis pelo atleta, seu filho está sendo convidado a participar da pesquisa “*A experiência vivida por atletas de categorias de base: a cultura esportiva sob a ótica fenomenológica*” que será desenvolvida pelo Prof. Dr. Cristiano Roque Antunes Barreira (USP) e o pesquisador assistente Rodrigo Lourenço Salomão, estudante de pós-graduação e pesquisador pela FFCLRP-USP. A presente pesquisa tem como finalidade identificar e compreender as experiências vividas e contextualizadas na prática esportiva de jovens atletas pertencentes a categorias de base. O resultado desse estudo pode contribuir para o aperfeiçoamento da atuação de profissionais de Psicologia do Esporte junto a atletas de base.

A entrevista será realizada através de um diálogo, com perguntas formuladas previamente pelos pesquisadores. No decorrer da conversação, novas questões podem surgir. A entrevista será gravada em áudio e, posteriormente, será transcrita para o desenvolvimento da pesquisa. Trechos da entrevista poderão ser usados em publicações, sem haver identificação do entrevistado. A entrevista não tem duração fixa, mas usualmente se estende por aproximadamente 25 minutos e será áudio-gravada para posterior transcrição e análise. A entrevista será realizada no local de treinamento ou na residência dos atletas, de acordo com a preferência dos mesmos. Portanto, a participação deles na pesquisa não implicará em qualquer custo aos mesmos ou a você. Caso algum atleta tenha alguma despesa com transporte e alimentação para conceder a entrevista, o valor poderá ser ressarcido.

Seu filho participará dessa entrevista de forma voluntária. Os riscos da pesquisa são mínimos, mas caso o atleta se sinta desconfortável, constrangido e não queira falar sobre algum acontecimento, ele não será obrigado a continuar o relato. O estudo não pretende condenar ou julgar o que for relatado. Além disso, ele terá total direito de interromper a entrevista quando quiser, isso não gerará

nenhuma penalidade. Caso as questões tratadas na entrevista suscitem alguma mobilização neste jovem, o pesquisador responsável estará disponível para agendar novo encontro a fim de lidar com essas questões, visando proporcionar os devidos acolhimentos e acompanhamento psicológico. O pesquisador garante sua indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa conforme as leis vigentes no país. Quando a pesquisa for concluída, caso o esportista solicite, ele terá acesso a todos os resultados, discussões e conclusões. De imediato os participantes não terão benefícios nesta pesquisa. Todavia, é bastante comum que a oportunidade de refletir sobre acontecimentos vividos seja positivamente experienciada por quem concede este tipo de entrevista. É de direito do atleta ter acesso à sua entrevista audio-gravada ou transcrita quando achar necessário. O material da entrevista, tanto audio-gravação, quanto transcrição, ficará armazenado em um local seguro, ao qual apenas o pesquisador e pessoas autorizadas terão acesso.

Este termo tem duas vias, uma ficará com o pesquisador assistente e a outra pertence a você. A identidade de seu filho será mantida em sigilo absoluto. Todas as informações obtidas por essa pesquisa são apenas para fins científicos (artigos científicos, apresentações acadêmicas, congressos, por exemplo). Qualquer informação contendo sua identidade não poderá ser acessada por pessoas leigas sem sua autorização oficial.

Como pesquisador principal, eu Cristiano Roque Antunes Barreira, delego a Rodrigo Lourenço Salomão, pesquisador assistente, responsabilidade pela assinatura e condução do presente termo e firmamos e nos comprometemos a cumprir todo o procedimento descrito neste termo e, concomitantemente, da pesquisa.

Eu, _____, como responsável do participante da pesquisa, declaro que fui devidamente informado e esclarecido sobre os procedimentos, finalidade e objetivos deste estudo, bem como sobre a utilização das informações exclusivamente para fins científicos.

_____, _____ de _____ de _____

Nome por extenso

Assinatura

Rodrigo Lourenço Salomão
Pesquisador Assistente

Se tiver dúvidas relacionadas a este estudo, contate:
Rodrigo Lourenço Salomão
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto –
Universidade de São Paulo -USP
Fone: (16) 3315-0344 / 3315-8616
E-mail: crisroba@usp.br

Caso tenha dúvidas sobre os aspectos éticos da pesquisa, contate:
*Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte de
Ribeirão Preto - USP*
Avenida Bandeirantes, 3900 – 14040-907 - Ribeirão Preto - SP - Brasil
Fone: (16) 3315-0494
E-mail: cep90@usp.br

APÊNDICE C - Termo de assentimento livre e esclarecido - atletas

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado atleta, você está sendo convidado a participar da pesquisa “*A experiência vivida por atletas de categorias de base: a cultura esportiva sob a ótica fenomenológica*” que será desenvolvida pelo Prof. Dr. Cristiano Roque Antunes Barreira (USP) e o pesquisador assistente Rodrigo Lourenço Salomão, estudante de pós-graduação e pesquisador pela FFCLRP-USP. A presente pesquisa tem como finalidade identificar e compreender as experiências vividas e contextualizadas na prática esportiva de jovens atletas pertencentes a categorias de base. O resultado desse estudo pode contribuir para o aperfeiçoamento da atuação de profissionais de Psicologia do Esporte junto a atletas de base.

A entrevista será realizada através de um diálogo, com perguntas formuladas previamente pelo pesquisador e, com o decorrer da conversação, novas questões podem surgir. A entrevista será gravada em áudio e, posteriormente, será transcrita para o desenvolvimento da pesquisa. Trechos da entrevista poderão ser usados em publicações, sem haver identificação do entrevistado. A entrevista não tem duração fixa, mas usualmente se estende por aproximadamente 25 minutos e será áudio-gravada para posterior transcrição e análise. A entrevista será realizada em seu local de treinamento ou sua residência, de acordo com a sua preferência. Portanto, sua participação na pesquisa não implicará em qualquer custo a você. Caso tenha alguma despesa com transporte e alimentação para conceder a entrevista, o valor poderá ser ressarcido.

Você está participando dessa entrevista de forma voluntária. Os riscos da pesquisa são mínimos, mas caso se sinta desconfortável, constrangido e não queira falar sobre algum acontecimento, você não é obrigado a continuar o relato. O estudo não pretende condenar ou julgar o que for relatado. Além disso, você tem total direito de interromper a entrevista quando quiser, isso não gerará nenhuma penalidade. Caso as questões tratadas na entrevista suscitem alguma mobilização em você, o pesquisador responsável estará disponível para agendar novo encontro a fim de lidar com essas questões, visando proporcionar os devidos acolhimentos e acompanhamento psicológico. O pesquisador garante sua indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa conforme as leis vigentes no país. Quando a pesquisa for concluída, caso solicite, você terá acesso a todos os resultados,

discussões e conclusões. De imediato os participantes não terão benefícios nesta pesquisa. Todavia, é bastante comum que a oportunidade de refletir sobre acontecimentos vividos seja positivamente experienciada por quem concede este tipo de entrevista. É seu direito ter acesso à sua entrevista audio-gravada ou transcrita quando achar necessário. O material da entrevista, tanto audio-gravação, quanto transcrição, ficará armazenado em um local seguro, ao qual apenas o pesquisador e pessoas autorizadas terão acesso.

Este termo tem duas vias, uma ficará com os pesquisadores e a outra pertence a você. A sua identidade será mantida em sigilo absoluto. Todas as informações obtidas por essa pesquisa são apenas para fins científicos (artigos científicos, apresentações acadêmicas, congressos, por exemplo). Qualquer informação contendo sua identidade não poderá ser acessada por pessoas leigas sem sua autorização oficial.

Como pesquisador principal, eu Cristiano Roque Antunes Barreira, delego a Rodrigo Lourenço Salomão, pesquisador assistente, responsabilidade pela assinatura e condução do presente termo e firmamos e nos comprometemos a cumprir todo o procedimento descrito neste termo e, concomitantemente, da pesquisa.

Eu, _____, como voluntário da pesquisa, declaro que fui devidamente informado e esclarecido sobre os procedimentos, finalidade e objetivos deste estudo, bem como sobre a utilização das informações exclusivamente para fins científicos. Tenho ciência de que posso retirar meu consentimento a qualquer momento durante a entrevista.

_____, _____ de _____ de _____

Nome por extenso

Assinatura

Rodrigo Lourenço Salomão
Pesquisador Assistente

Se tiver dúvidas relacionadas a este estudo, contate:

Rodrigo Lourenço Salomão

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de
São Paulo -USP

Fone: (16) 3315-0344 / 3315-8616

E-mail: crisroba@usp.br

Caso tenha dúvidas sobre os aspectos éticos da pesquisa, contate:

*Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte de
Ribeirão Preto - USP*

Avenida Bandeirantes, 3900 – 14040-907 - Ribeirão Preto - SP - Brasil

Fone: (16) 3315-0494

E-mail: cep90@usp.br